

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto

Monteiro Lobato

N. 70

OUTUBRO

921

EDITORES

Monteiro Lobato

& Comp. - São Paulo

Secretario *Brenno Ferraz*

SUMMARIO

| | | |
|--|----------------------------------|-----|
| O MOMENTO | B. F. | 97 |
| A CLASSICOMANIA | Antonio Salles | 99 |
| O BELLO POEMA DO LEXICON . | Plinio Salgado | 108 |
| IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL AO PROGRESSO DAS NAÇÕES | Miguel Arrojado Lisboa | 112 |
| A LITERATURA INFANTIL | Marcel Braunschwig | 118 |
| NO TUMULO DE MACHADO DE ASSIS | Carlos de Laet | 127 |
| DA ARTE DE AMAR (fragmentos) | Julio Cesar da Silva | 128 |
| O INFINITAMENTE GRANDE COMO AGENTE CURADOR | Honorio Rivero | 131 |
| CONTROVERSIA ESTHETICA | Magalhães de Azevedo | 146 |
| FABULAS EM-PROSA | Monteiro Lobato | 153 |
| BIBLIOGRAPHIA | | 159 |
| RESENHA DO MEZ | | 163 |
| DEBATES E PESQUIZAS | | 173 |
| NOTAS DO EXTERIOR | | 179 |

S. PAULO.

1921

RIO

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar damno algum á saude da MULHER. — "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa. Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS

DE PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa \$3000, pelo Correio mais 2\$000. Pedidos ao Agente Geral.

J. DE CARVALHO

Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.

Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

GRAVIDEZ

Evita-se usando os *Pessarios Americanos*; são inoffensivos, commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. PAULO.

AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000., enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1.724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites Catarraes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Cansaço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusivamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, nem morphina e outras substancias nocivas á saude dos Asthmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas Princípaes Pharmacias e Drogarias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. -- Rio de Janeiro

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4

LOTERIA DE S. PAULO

Em 18 de Novembro

60:000\$000

Por 9\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



ULTIMA NOVIDADE

JARDIM DAS CONFIDENCIAS

versos de

RIBEIRO COUTO

Os mais lindos versos e a mais bella edição do anno

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & CIA. — EDITORES

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

—S. PAULO—

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes
para construcçao,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.

PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

AFRANIO PEIXOTO

N. 70

OUTUBRO

EDITORES:

MONTEIRO LOBATO

MONTEIRO LOBATO

1921

& COMP. — SÃO PAULO

REDACTOR-CHEFE: BRENNO FERRAZ

O MOMENTO

PELO voto das nações — trinta e oito bons suffragios, reunidos em maxima votação — foi eleito Ruy Barbosa representante do Brasil na mais alta assembléa dos povos. Só pelo voto das nações temos digna representação. Por escolha nossa não a teríamos, como não a tivemos enquanto foi do nosso arbitrio escolhel-a. Duas e mais vezes, fizemo-nos representar por uma e outra ilustre personalidade e o fariamos ainda por toda a gente, menos por quem de facto o merecia.

A nossa representação, pois, deixa de o ser. Despersonalisa-se. Perde o seu caracter nacional, para tomar uma jeição neutra, internacional. Para ella em nada concorremos. Mais, ainda: — fosse nosso o alvedrio e não perderíamos tão excepcionaes circumstancias para consagrar a primeira nullidade do dia... Fretal-a-iamos para a Europa com carta de prego para immediato recambio. E, de torna-viagem, rezaria o despacho — Cattete, Rio — (Para Presidente da Republica, livre de direitos).

E assim se faria tão perfeitamente como no despacho se contém.

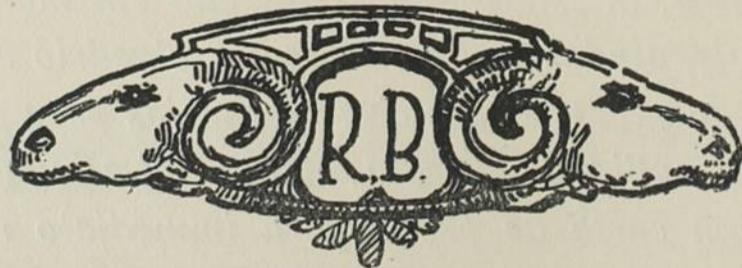
Ora, caso imprevisto, a acclamação de Ruy Barbosa para o Congresso de Genebra, palmatoada mestra que nos é fragorosamente infligida, logra desvairar-nos de entusiasmo e ardor cívico. Estrugem aplausos mesmo onde menos se esperariam. Engendram-se inéditas, engenhosas homenagens. Um delírio, em verdade.

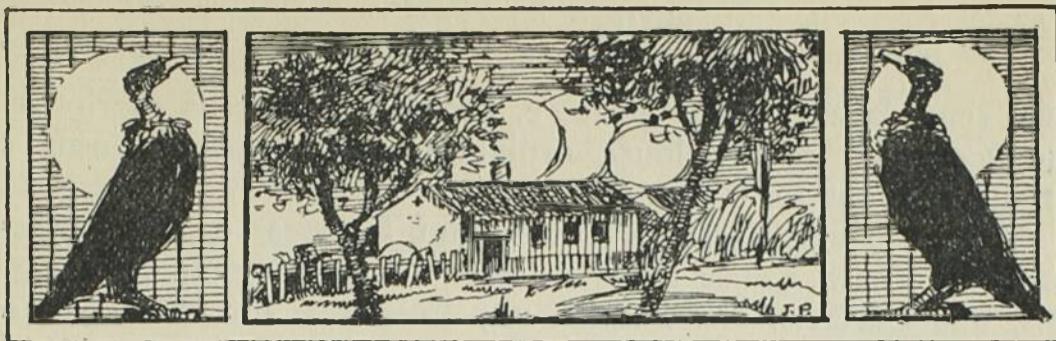
E em sua alma simples e serena, sem um travo, um laivo de azedume, cheio de magnanimidade, Ruy é longanime bastante para não nos responder com o seu tédio soberano. Aceita os aplausos, acolhe as homenagens, aceita a “representação” do Brasil.

Não nos illudamos, entretanto. O eleito das nações não é bem o nosso eleito; não é, precisamente, o nosso representante. Missão alguma lhe confiámos. Coisa nenhuma fizemos por tornal-o tal. Em rigor, é elle, simplesmente, membro da Assembléa das Nações, sem nenhuma restrição nacional.

Para maior senso em nossos futuros aplausos e por-vindouras homenagens — menos ôcas sejam elles — convenhamos que o caso é um pouco diferente.

B. F.





A CLASSICOMANIA (*)

ANTONIO SALLES

Os senhores grammaticos acabam pondo a gente doida! Ninguem os entende por isso mesmo que elles não se entendem entre si. Um affirma que uma coisa está errada, e logo outro prova que está certa, documentando a argumentação com mancheias de exemplos colhidos nos melhores autores. Outras vezes é o contrario que se dá: está certo! diz um; está errado! exclama o outro. E ambos (ambos os dois, dizem elles) provam exhaustivamente que tal passagem (passo ou lanço, é como se diz agora) está ao mesmo tempo certa e errada.

“Isto não é portuguez! Nunca (nunca jamais, diz elle) escriptor de peso escreveu tal coisa! esbraveja o sr. Candido de Figueiredo. E vai Heraclito Graça e cita uma porção de exemplos tirados dos próceres do vernaculismo para demonstrar que a palavra ou a phrase incriminada é portuguez da mais pura agua.

Quem pode ser mordomo com taes senhores? Nos classicos como na botica, ha de tudo e para tudo. Imaginem o mais charro solecismo, o mais desvalado gallicismo, e folheiem depois os classicos: com tempo e paciencia acharão com que justificar todas as asneiras.

Esses classicos, que raça nefasta ás letras e ás idéas nos estão elles sahindo! Sabem o que é um classico? E' um sujeito que viveu ha duzentos, trescentos, quatrocentos, quinhentos ou mais annos ainda, e escreveu qualquer cousa: chronicas indigestas, versos detestaveis, dramas ou comedias soporiferas, tudo sem

(*) Este artigo foi lido, na noite de 10 de Agosto de 1921, num serão literario em casa do grande poeta popular Juvenal Galeno, hoje cego e quasi nonagenario.

idéa, sem clareza e sem gosto, e, acontece com seus escriptos o que aconteceu com a louça ordinaria: tornam-se preciosos só porque são antigos.

De cem poetas classicos tira-se um Camões, de cem prosaadores um Vieira. Quasi todos os mais são uns casmurros intragáveis, uns Lucenas, uns Sousas, uns Ferreiras, uns freis não sei que, cada qual mais obscuro, enjoativo e insignificante.

Ha por ahi quem realmente entenda os *Autos* de Gil Vicente, e ache graça nelles? Um dos ultimos classicos em data é Felinto Elyseo. E pode haver poeta mais sensaborão e de máo gosto, prosador mais massudo e complicado do que esse lumiñar do vernaculismo?

Mais perto de nós, Castilho: ha leitor de espirito moderno, habituado a ler Flaubert, Renan, Anatole France, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Raul Pompéa, e que possa aturar a affectação e o máo gosto dos versos pétreos e da prosa bolorenta de Castilho? Sua obra tem uma unica utilidade: suprir de citações os contendores das rusgas grammaticaes.

A cegueira dos maniacos do purismo não lhes deixa comprehender que cada época tem suas idéas e, conseguintemente, requer a sua maneira adequada de expressão.

“Avant que de begayer la langue des grands âges, disse J. J. Brousson, il faut apprendre celle de son temps”. E disse Faguet: “Il faut que les jeunes gens sachent que si les grands écrivains sont des *maitres*, ils ne sont pas des *modèles*. On rirait de qualqu'un qui voudrait imiter la démarche et le son de sa voix. Le style des écrivains n'est pas autre chose que l'allure même de leur esprit et de leur parole interieure. Ils enseignent à penser mais non pas à ecrire comme eux; ils enseignent à ecrire, mais non pas à ecrire comme eux.”

Esta é a linguagem do bom senso e do bom gosto. Essa macaqueação servil dos escriptores classicos está creando entre nós uma casta á parte de pretensos aristocratas intellectuaes, que realmente não são mais do que pedantes iniciados na arte facil de contrafazer o estylo classico, como os falsificadores imitam objectos antigos para impingil-os aos amadores. E isso é uma cousa que só se vê no Brazil e (em escala muito menor) em Portugal, graças á influencia nociva de Gonçalves Vianna (Goncalvez, como elle escrevia) Leite de Vasconcellos, Cândido de Figueiredo e outros rebarbativos archeologistas da palavra escripta.

A nova pleiade de escriptores lusitanos — Julio Dantas, Souza Bandeira, Sousa Pinto, Alfredo de Mesquita, o malogrado Santo Thyrso e varios outros brilhantes artistas da phrase, escre-

vem como homens de seu tempo, exprimindo em linguagem limpida, tersa e colorida as idéas e sentimentos de seu tempo.

Pois que os seculos XV, XVI e XVII tiveram a sua maneira de dizer, o instrumento de expressão conveniente á vida social da sua época, porque não havemos nós de ter a nossa lingua de homens do seculo XX?

O grande Camillo, que, em nossa opinião, prejudicou a excellencia de seu estylo mantendo o torneio de phrase classica e empregando frequentemente termos absoletos, um dia reconheceu elle proprio a incongruencia desses processos, quando escreveu, como prefacio ao diccionario francez-portuguez de Domingos de Azevedo, o seguinte:

“Comprehendeu cabalmente o diccionarista que toda a velha legislação da linguistica extremamente lusa dos Sousas e Bernardes e Filintos *foi derogada* a par e passo que as idéas de cousas novas multiplicadas se sentiam captivas e inexpressiveis no agorentado circulo da velha sciencia, da velha arte, dos acanhados panoramas da vida antiga. Tudo já agora nos move a indulgenciar a contextura afrancezada da phrase indigena, porque insensivelmente e contra a vontade nos suprehendeu a pensar em francez, pelo reflexo dos livros elementares da nossa educação literaria e recreiativa com os francezes. O termo gallicismo, esse monstro, está a ser fechado no archivo das caturreiras archeologicas de alguns castiços veteranos, addidos ao paladio dos quinhentistas. Não são esses, todavia, os que hão de aligar ao puro ouro da dicção portugueza a contribuição de vocabulos que a opulentem e equiparem ás linguagens de que de dia em dia auferimos a nomenclatura das artes, das sciencias, dos officios. Afóra isso, a literatura propriamente dita, como o drama, a novella contemporanea, para que sejam do seu tempo, carecem de ferir a nota moderna, a palavra peregrina, de sabor estranho, picante, onomatopica, para que se faça bem exprimir o nosso cosmopolitismo psychologico”.

E então? Que nos dizem a estas palavras do mestre, traçadas com o mais tolerante liberalismo, os fanaticos do lusitanismo a todo o transe, do vernaculismo ferrenho, immovel, inflexivel e impermeavel? Não parece que Camillo redigiu nessas linhas o decreto de perdão aos crimes de lesa-purismo perpetrados petulantemente por Eça e Ramalho, e nos quaes parece comprazer-se agora o elegante e encantador Julio Dantas?

Camillo que disputa a Herculano a gloria de maior escriptor de Portugal no seculo XIX, e é em data o ultimo classico da lingua naquelle paiz, gosa, entre os estudiosos della, uma alta reputação, especialmente da parte do reputado philologo Mario

Barreto, que invoca de preferencia a autoridade delle para justificar suas opiniões. Mas porque não seguem os discípulos os conselhos do mestre? Porque se afanam todos em construir em torno do portuguez essa muralha da China com que a querem isolar do commercio das outras linguas, na louca pretenção de que elle se basta a si mesmo e tem de antemão o sufficiente para prover todas as suas necessidades presentes e futuras?

O "espectro do gallicismo", como lhe chamou Said Ali, os obséda, e elles, por sua vez amedrontam os escriptores novos, a quem pretendem impôr a disciplina férrea do purismo carrança, intolerante, fóra do qual não ha salvação possivel.

O grande inquisidor é o Sr. Candido de Figueiredo, homem sem gosto e sem nenhuma qualidade de escriptor, tornado em Cabrion de todos os jovens escriptores de Portugal e do Brasil. Nosso Heraclito Graça, baseado nos factos da linguagem, saiu ao encontro dos seus Ukases e reduziu quasi todos ás suas justas proporções de ligeirezas, impostorias e inexactidões. Mas o homenzinho não perdeu o aprumo, e continua com o mesmo entono a pingar sobre a moderna lingua portugueza o monco do seu espirito estreito e retrogrado.

E, como não ha propagandista que não encontre adeptos, o creador do *quere* e do *pregunta*, contaminou de caturrice uma porção de intelligencias nossas, que se estão ankylosando no culto do purismo obsoleto e bolorento.

Meu amigo Carlos Góes, uma das victimas desse contagio, publicou um Diccionario de Gallicismos, que é nada mais, nada menos do que o Código da Intolerancia.

Parece que todos os nossos philologos são germanóphilos em materia de lingua, tal é a hostilidade que mostram por tudo que é palavra ou expressão franceza. Basta que um termo ou phrase seja usada em França para que se torne suspeita aos nossos junkers do purismo.

E' assim que Carlos Goes rotulou como gallicismos, no dito Diccionario, palavras que nós, como a França, recebemos do latim e foram empregadas pelos mais conspicuos autores classicos, como o demonstrou Jorge Jobim em artigo publicado em o numero 7 da "Revista de Lingua Portugueza".

Demais, Carlos Goes, ao passo que se rende á evidencia com o reconhecer que varias palavras francezas já estão incorporadas ao nosso lexico, sendo inutil qualquer tentativa para extirpal-as, se mostra intransigente com outras nas mesmas condições, palavras essas usuaes entre todas as camadas sociaes, e teima em pôl-as fora da nossa linguagem, propondo substituições descabidas e ás vezes até irrisorias.

Não comprehendemos essa diversidade de opiniões do philologo mineiro, que não é um professor secarrão e esteril, como por ahi ha muitos, mas um brilhante literato, que cultiva com igual realce a poesia, a novella, o drama e ainda a historia.

O facto é que, dando merecida carta de naturalização a certos vocabulos, elle se recusa a dal-a a outros acclimadissimos e de uso inveterado até nas mais baixas classes sociaes.

Damos a seguir a lista de alguns dos gallicismos por elle apreendidos e dos substitutos que aconselha, sinão impõe porque emprega o imperativo — diga-se:

Charada — Adivinha, Aniz — Anizio, Assembléa — Corporação, Bagagem — Trócos, Berceuse — Cantiga de ninar, Bilboquet — Embola-bola, Blasé — Enervado, Breu — pez-negro, Cancan — Maxixe, Calino — Estupido, Causeur — Bôa prosa, Colchete — Fecho, Coquette — Secia — Dengosa, Desapontado — Logrado, Franja — Cadilhos, Galochas — Impermeaveis, Geléa — Extracto, Gravata — Gonilha, Hotel — Hostaus, Lovelace — Seductor, Narinas — Ventas, Omelette — Mistovela, etc.

Da leitura deste rol resultam duas impressões: 1.^a a inocuidade da repulsa: 2.^a a impropriedade da substituição.

Todas estas palavras são de uso constante e geral algumas tão profundamente infiltradas na lingua, que não ha reação chimica, dosada sabiamente por grammaticos, capaz de eliminá-las. Para commentar sómente algumas: pode-se imaginar força humana bastante para nos obrigar a dizer Hostaus em vez de hotel, gonilha (!) em vez de gravata, pez negro em vez de breu, extracto em vez de geléa, impermeaveis em vez de galochas, adivinha em vez de charada, fecho em vez de colchete, mistovela (creada por Carlos Goes) em vez de *omelette*?

Demais, extracto designa varias outras cousas e especialmente as essencias perfumosas. E' possivel se fazer entender num hotel pedindo extracto, para sobremesa? Impermeaveis chama-se já aos forros de borracha que se põem para impedir que o suor das axillas se propague ao casaco. "Berceuse" não é de uso commum; mas, para substituirl-a porque não empregar no lugar de cantiga de ninar (tres palavras) acalenta, termo vernaculo e bem conhecido?

"Enervado" não traduz *blasé*, que se pode exprimir melhor por — embotado. Qual o poeta que, descrevendo as feições de sua amada, teria o horrivel máo gosto de referir-se ás suas "ventas", quando pode delicadamente dizer — narinas? "Estupido" não traduz calino, que si vem do adjectivo francez "*calin*", se tornou o nome proprio da personagem de uma comedia,

e como tal se popularizou como o typo da tolice. Seria o mesmo que dizer "velhaco para não escrever — Tartufo. Idem quanto a Lovelace, que não é o nome de um seductor qualquer. "Maxixe" não traduz "Cancan", pois cada uma dessas palavras designa uma dansa differente. E ha viajante que se préze que chame sua bagagem — tróços? Mais facilmente chamaria — tralha — termo muito usado na terra de Carlos de Góes.

Não precisamos insistir para demonstrar a inanidade dos esforços empregados pelos senhores grammaticos com o fim de subtrahir nossa lingua á soberana accção popular e impermeabilizal-a á influencia das linguas estrangeiras.

Camillo Castello Branco, pontifice da vernaculidade, alvo da admiração ardente de Mario Barreto, pregou em vão, nas linhas citadas atraç, contra a intolerancia purista dos seus fiéis. Mais realistas do que o rei, elles se obstinam em vestir nosso idioma com o gibão de Sousa ou com a sotaina do padre Vieira.

E si as palavras de Camillo eram justas com relação a Portugal, melhormente ellas se applicam á nossa terra, onde fatalmente o portuguez terá que se transformar, como já começou a transformar-se, graças ao influxo de todos os elementos que entram na formação de uma lingua — clima, costumes, instituições, tradições.

Si prosodica e morphologicamente o inglez se modifica nos Estados Unidos e no Canadá, e o mesmo acontece ao hespanhol em todas as nações ibero-americanas, porque ha de o portuguez permanecer immovel e immutavelmente na dependencia da literatura lusa, que nada significa para as nossas idéas, aspirações e sentimentos de joven povo americano?

A propaganda nacionalista que neste momento se desenvolve em nosso paiz, e não deve ser confundida com a xenophobia estulta dos povos atraçados, tem que attingir tambem a lingua, e se exercer no sentido de elaborar definitivamente o dialecto brasileiro ou lingua nacional do Brasil. O passado literario de Portugal é dos portuguezes, e não nosso: elles que o zelem e delle, com carradas de razões, se gloriem.

Nós cá somos outro povo, habitando outra terra maior e mais quente, sentindo e pensando de outra maneira. Si o estylo revela o homem, a lingua deve revelar a terra, e não é falando e escrevendo exactamente como se falava e escrevia em Portugal ha dois, tres ou quatro seculos que nosso povo ha de ganhar uma physionomia propria. Tudo o que estão fazendo os grammaticos actualmente é obra de reaccionarios, funesta á campanha benemerita em prol da nacionalização do Brasil. Como aconselha Faguet, estudemos os classicos, façamos delles nossas guias, mas não os tomemos por modelos.

Mesmo no ponto de vista estrictamente literario, a classicomania é um erro, pois que si todos entram a arremedar os velhos autores lusos, teremos afinal uma literatura anachronica, e monótona, servida por um estylo de phrases feitas, em que será impossivel pronunciar-se a caracteristica pessoal de cada escriptor, com essas qualidades de invenção, com essa "allure même de son esprit", com esse "accent de sa parole interieure", que são os elementos psychologicos do estylo.

Já anda por ahi uma duzia de cavalheiros, aliás intelligentes e cultos, inteiramente despersonalizados, todos dizendo as mesmas cousas com as mesmas phrases, e todos elles estranhos ao nosso meio e ao nosso tempo, como si fossem espectros falantes, egressos de uma época inteiramente sepultada na poeira dos seculos.

Em paiz algum do mundo se nos depara esse estranho phemoneno: na França, na Italia, na Inglaterra, nenhum escriptor moderno procura escrever como Montaigne, como Boccacio e como Pope. Camões está para nós como Shakespeare para os norte-americanos. Admiremos Camões como os yankees admiram Shakespeare, mas não queiramos imital-o, não pretendamos ininteligentemente restaurar para nosso uso a lingua envelhecida e hoje insufficiente dos *Lusiadas*.

Os verdadeiros escriptores do nosso tempo são os que exprimem, na linguagem que todos falam, as idéas que todos pensam. E esses são José de Alencar, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, José Virissimo, Raul Pompéa, Euclides da Cunha, Araripe Junior, Aluisio Azevedo, Eduardo Prado, Graça Aranha, Affonso Arinos, Oliveira Lima, Affonso Celso, Rodolpho Theophilo, Xavier Marques, Afranio Peixoto, Monteiro Lobato, Celso Vieira, José Maria Bello, Mario Pinto Serva, Viriato Corrêa, Oliveira Vianna, Gustavo Barroso, Tristão de Athayde, Tristão da Cunha, Carneiro Leão e varios outros da nova geração.

Desta lista excluimos tres grandes prosadores — Ruy Barbosa, Machado de Assis e Coelho Netto — porque estes sacrificaram ao preconceito classico a originalidade do seu instrumento de expressão, não podendo por isso ser incluidos no rol dos que escrevem em "portuguez do Brasil".

O primeiro é o rei dos nossos prosadores, o mestre supremo da palavra em nossas plagas. Mas, imitando um modo de dizer muito do gosto dos néo-classicos, sua phrase "tôa lusitanismo". Ninguem poderá dizer, e eu, pelo menos, não o digo, que o estylo de Ruy Barbosa tenha um caracter "pessoal". O conhecimento profundo dos classicos e a sua paixão por elles, levou-o

a adoptar uma forma antiquada e artificial, que, pela força do habito, se tornou sua segunda natureza. Em summa: seu estylo, é o mesmo do Padre Antonio Vieira, amplificado, adaptado ao pensamento moderno, posto ao ponto de traduzir idéas mais altas e mais complexas, mas, ao cabo, destituido dessa espontaneidade, dessa psyche pessoal que se sente em Euclides da Cunha e em Raul Pompéa, menos perfeitos, porém mais sinceros e mais brasileiros.

Machado de Assis ainda poude conservar, atravez da trama jositana do seu estylo, os fios de ouro de sua individualidade excepcional; mas a verdade é que elle seria mais bem comprehendido si não houvesse vasado seu excelso pensamento nos estreitos moldes da phrase classica, onde elle se comprimiu e complicou, perdendo uma grande parte de sua espontaneidade.

Coelho Netto, prosador magnifico, maravilhosamente dotado de imaginação, é uma victima de sua preocupação de resuscitar archaismos e pôr em voga entre nós termos locaes de Portugal, com o que tornou seu estylo affectado e inacessivel ao commun dos leitores, prejudicando assim a vasta popularidade que poderia gosar.

Isto quanto aos prosadores: quanto aos poetas nós os temos admirados pela lingua e pela inspiração, todos profundamente brasileiros, todos cantando a natureza e o amor, sentindo e pensando como filhos genuinos de nossa terra de luz e de esperança, grande pelo seu territorio e pelos seus destinos.

Desfalcada a trindade olympica dos grandes parnasianos, com a morte de Raymundo Corrêa e Olavo Bilac, ficou em campo Alberto de Oliveira como o nosso poeta maximo, isolado em sua peregrina grandeza. Mas logo se formou uma nova constellação de grandes poetas — Vicente de Carvalho, Magalhães de Azereedo, Augusto de Lima, Luiz Murat, enquanto crescem e surgem outros astros em grão maior ou menor de perfectibilidade — Amadeu Amaral, Belmiro Braga, Martins Fontes, Heitor Lima, Da Costa e Silva, Luiz Carlos, Hermes Fontes, Pereira da Silva, Vianotti del Pichia, Eduardo Guimarães, Homero Prates, Guilherme de Almeida e cem outros que na metrópole e nos Estados, sem audiencia dos grammaticos e sem a benção de frei Amador Arraes, versejam numa lingua nova, saborosa e colorida como os pomos das fructeiras tropicaes.

O portuguez do Brasil já existe em nossa fala e em nossa escripta, e o que nos cumpre é intensificar a obra de nossa emancipação intellectual, com a differenciação cada vez mais profunda entre o idioma, que devemos e precisamos escrever, e a velha lingua preciosa, mas hoje inutil e, mais que inutil, nociva á expressão do nosso pensamento de joven gente da America.

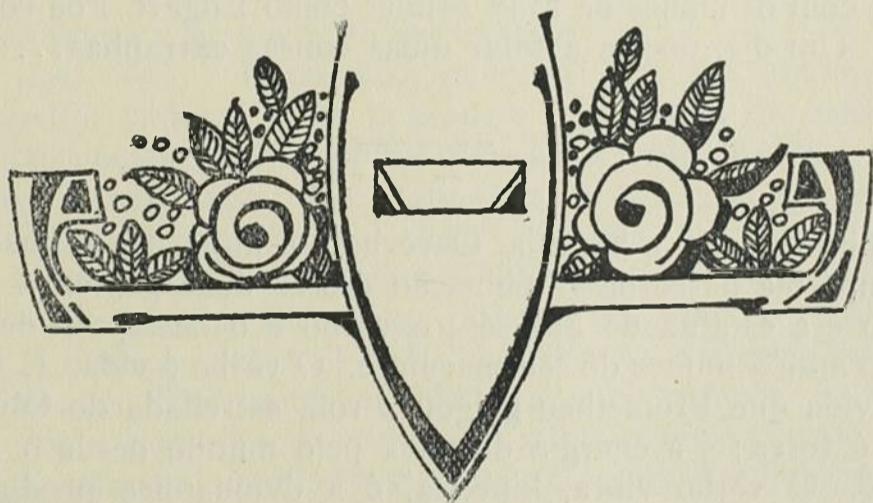
Não falo *pro domo mea*, porque, na medida de minhas forças, eu timbro sempre em respeitar as normas fundamentaes da lingua e em evitar o emprego de extrangeirismos dispensaveis. O que me irrita e revolta é este exagero de puristas fanaticos, que querem prender a lingua moderna á corrente do classicismo e pretendem ensinar-nos velhos termos e velhas phrases para que as repitamos machinalmente como o *papagaio real*, que era *de Portugal*.

Isto não quer dizer que devamos acolher e prezar os solecistas e gallicistas por ignorancia crassa.

Não: a obra dos escriptores brasileiros acima mencionados prova que, sem macaquear os classicos lusitanos, se podem externar as idéas e os sentimentos com clareza, elegancia e correccão, tendo em vista o conceito veridico e profundo de Anatole France:

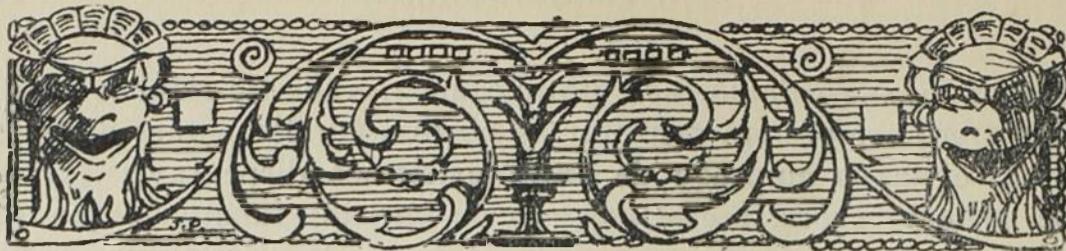
“Un homme n'est rien quand il n'est pas le produit de sa terre.”

Ceará, Junho, 921.



NOTA — Tinha este artigo dois mezes de escripto e oito dias de lido em publico, quando chegou o paquete trazendo os primeiros exemplares da recente obra de João Ribeiro — *A lingua nacional*, cujo prefacio traz, em muitos pontos, um forte amparo ás minhas opiniões. Muito me desvanece ver-me assim em harmonia com o criterio do meu mestre e amigo; mas quero deixar bem patente não ter sido seu livro que inspirou meu artigo, em que exprimo idéas, que ha muito venho sustentando e cujo triumpho almejo em bem de nossa emancipação intellectual, até agora impedida pela nossa inteligente submissão á tutella dos classicos portuguezes.

A. S.



O BELLO POEMA DO LEXICON

PLINIO SALGADO

DIZIAM que elle era aluado, um doudo, a escavar velhas raizes de vocabulos, a procurar na intima estructura das palavras a propria historia do homem sobre a terra. Estudava o hebraico e as linguas primitivas, confabulava, altas horas da noite, no seu gabinete. com os manes de Max Muller como Edgard Poe com o seu corvo Um dia, poz-se a falar umas cousas estranhas...

O substantivo é a materia. O verbo é a alma. Na phrase, a beleza suprema nasce da combinação dessas duas palavras. O substantivo é a estatua de Moysés; o verbo é o desespero de Miguel Angelo ante a mudez do seu marmore. O verbo é vida. E foi atraz dessa vida que Prometheu galgou a rota estrellada do Olympo. O verbo é força; é a energia dispersa pelo mundo desde o Fiat gnesiaco. O verbo vibra, kinetiza, é a dynamica prodigiosa do discurso.

O adjectivo é a face exterior dos nomes. E' tudo o que existe nos seres e que o substantivo não pôde exprimir completamente: — som, côr, aroma, forma. E' tambem um prisma através do qual os substantivos se revelam. Sósinho, não tem sentido; abundante, sepulta os nomes, apaga-lhes a intima significação. Empregado com impropriedade, deturpa, altera, illude. Frequentemente, perde o valor como as perolas o perderiam si fossem muito numerosas.

E' uma dadiva e um premio. Como premio, exalta, como dadiva, amesquinha. Ninguem queira o adjectivo que não merece. Ha adjectivos communs, corriqueiros, como cães vagabundos procurando uma porta para entrar. Ninguem deseje ser essa porta... O adjectivo é uma necessidade de expressão, porém não é a beleza mesma. A belleza é o verbo.

O adverbio é o velho Chronos dando-nos a idéa das proporções no Espaço e no Tempo. Hontem, hoje, amanhã. O que se foi, o passa, o que virá. E' tambem a palavra kabalistica, tão vaga como a idéa que temos do Infinito, tão triste como a dôr das nossas almas.

Nunca é o logarithmo infinito do ultimo termo de uma progressão sem limites... *Não* é uma porta que se fecha com estrondo ao nosso rosto. *Talvez* — esta palavra guarda um mysterio insondável. Toda a angustia de OEdipo, a duvida humana diante do desconhecido só pôde ser representada por este vocabulo. E' uma serpente mordendo a propria cauda; é uma cegonha triste num fim de crepusculo de outomno...

O pronome é a mascara do substantivo.

Elle, ella, nós... Anonymos, palavras sem physionomia definida, espelho onde se mira a propria imaginação de quem ouve ou lê. São vocabulos de dominó passeando pelas phrases. Servem para tudo e para todos. Ha entre elles, porém, um que supera a todo o lexico em grandeza: — eu!

Eu é a propria vida que grita, é o orgulho, é a sêde da immortalidade. E' o rugido das feras, o canto das aves, o bramido do mar. E' o intimo sentido de todas as palavras, a essencia de todos os sentimentos. Tudo está em relação a este vocabulo. As flexões verbaes são expressões de distancias proporcionaes a elle. Todos os gestos, todos os movimentos, todas as acções dos verbos podem ser reduzidas ao gesto primordial que o pronome da primeira pessoa exprime: — um punho batendo com força sobre um peito e uma interjeição reboando pelos ares!

Ha uma lei para todas as sciencias: — *eu*.

Na cellula que se parte para viver indefinidamente; na quēda da maçã de Newton cedendo á força centrifuga da Terra; no amor que perpetúa a especie; na estructura physiologica e nos contornos anatomicos que guardam, evoluindo, os aspectos primitivos, ha sempre a mesma e eterna exclamação a affirmar alguma cousa que não quer desapparecer.

Brada o sol: — *eu!* e attráe a terra, para devoral-a. Ruge a terra: — *eu!* e repelle-o. E na razão directa das suas massas e

inversa do quadrado das suas distancias, cream a lei que é a mesma em todo o universo, encarando-se, face a face, como dous tigres que se temem!

Em latim, essa palavra tem alguma cousa de barbaro e de rudimentar. E' a prolação de um phonema e de uma consonancia guttural que parece ter vindo das cavernas prehistoriccas. Por que o latim é um ponto de intersecção de todas as linguas e na sua maravilhosa belleza estão os vestigios da historia de todos os idiomas. O genio de Roma trouxe das remotas eras, como um ouro bruto, o subsidio de todas as linguas. Com as variações flexionaes fez a lyra de Orpheu.

Ora, nas primitivas interjeições dos pythecantropos já estava o germen da palavra milagrosa. O verbo e o substantivo provieram della. Visões do *eu*, — substantivos; movimentos de que o *eu* é capaz, — verbo. E o substantivo e o verbo são a suprema harmonia.

As primeiras traducções feitas por Champolion dos hieroglyphos do Egypto e dos caracteres cuneiformes dos assyrios, revelaram, no mesmo estylo, a mesma preoccupação. "Eu venço, eu trucido, eu esmago, os filhos do paiz de Nizam... "O verbo, o pronome da primeira pessoa, os substantivos, a affirmação do valor individual, o esmagamento do nosso semelhante...

Os philosophos, os sociologos, deveriam estudar melhor a historia das linguas...

Si Nietzsche fosse vocabulo, seria pronome da primeira pessoa. Si o mundo fôra uma grammatica, Napoleão seria a vóz activa, aquella em que a acção verbal tem uma força de bala e a primeira pessoa um resplendor de poema.

A vóz activa é uma espada. O agente, na vóz passiva, perde metade da sua força...

As palavras nada valem sózinhas. Vivem em sociedade, como os homens e só podem triumphar tirando effeitos do contacto. E' preciso saber realizar esse contacto.

A Taxionomia é um velho colleccionador de medalhas. E' a repartição geral da estatistica. Separa, rotula, põe cada termo numa caixinha e sabe, de improviso, dizer onde elles estão. Serva,

como Esopo, a Etymologia curiosamente lhe fornece elementos indispensaveis. A syntaxe, porém, é a officina do prodigo, o *atelier* onde o Rythmo esculpe a estatua divina da Phrase.

Não é creando vocabulos que se alcança a belleza. Não é com palavras difficeis que se emociona. Quem despreza a Syntaxe não merece o nome de escriptor, de artista da palavra. Não será um virtuose, será um charlatão.

A Syntaxe exige um capitulo especial. Não se pôde em poucas palavras abranger a estupenda mecanica verbal...

Cantava nos labios do grammatico maluco a eloquencia dos iluminados. Alguem lhe perguntou:

— E as conjunções? E as preposições?

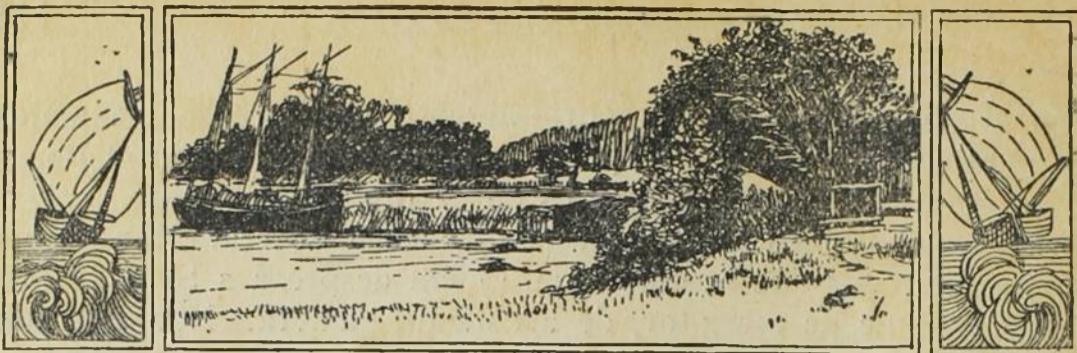
Elle continuou:

— As conjunções e preposições apareceram com a decadencia da imaginação humana. São palavras mesquinhas que servem para preencher as lacunas da percepção de quem lê e das difficuldades de quem escreve. A phrase, com ellas, é mais pesada, mais corporea, mais ronceira. E' possivel que venha o tempo em que os homens se entendam mais facilmente. A phrase será talvez menos material, alguma cousa como a nevoa, alguma cousa como o espirito de que fala Allan Kardek...

— E a idéa?

— Romperá o casulo...





IMPORTANCIA DA RIQUEZA MINERAL NO PROGRESSO DAS NAÇÕES

AS CONTRIBUIÇÕES GEOLOGICAS NO BRASIL

O MAPPA GEOLOGICO DE BRANNER

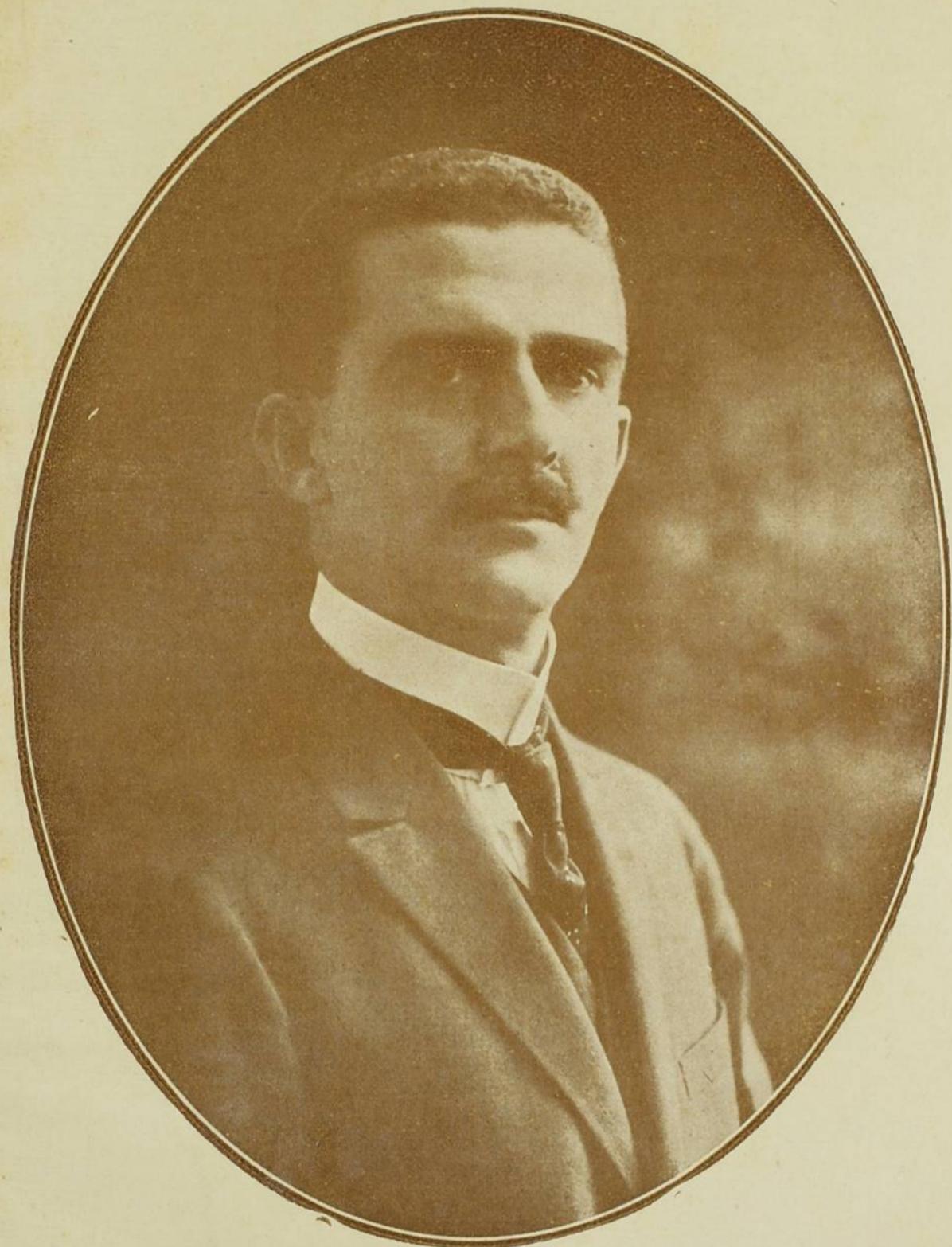
MIGUEL ARROJADO LISBOA

A guerra destruiu repentinamente correntes commerciaes que no vagar de muitos decennios, imperceptivelmente se haviam estabelecido e avolumado, e deu lugar a que, ante o espirito esquecido dos economistas, certos phenomenos de natureza politico-economica, tomassem grande e repentino relevo, despertando attenções e tambem destruindo preconceitos. Para a generalidade, porém, os factos mesmo assim vivamente salientes, embora muito firam a imaginação, nem sempre são alcançados em toda a sua significação ou gravidade, e por isso não provocam, nas collectividades, a acção prompta e efficaz, a reacção conveniente, que delas se deveria esperar. E' que para a prompta comprehensão de taes cousas e para se manifestarem as energias de um modo efficiente, torna-se mistér além da cultura geral tambem a especializada, difícil de ser discernida, bem mais escassa do que geralmente presumimos, sobretudo de autoridade muito limitada no conceito dos agrupamentos.

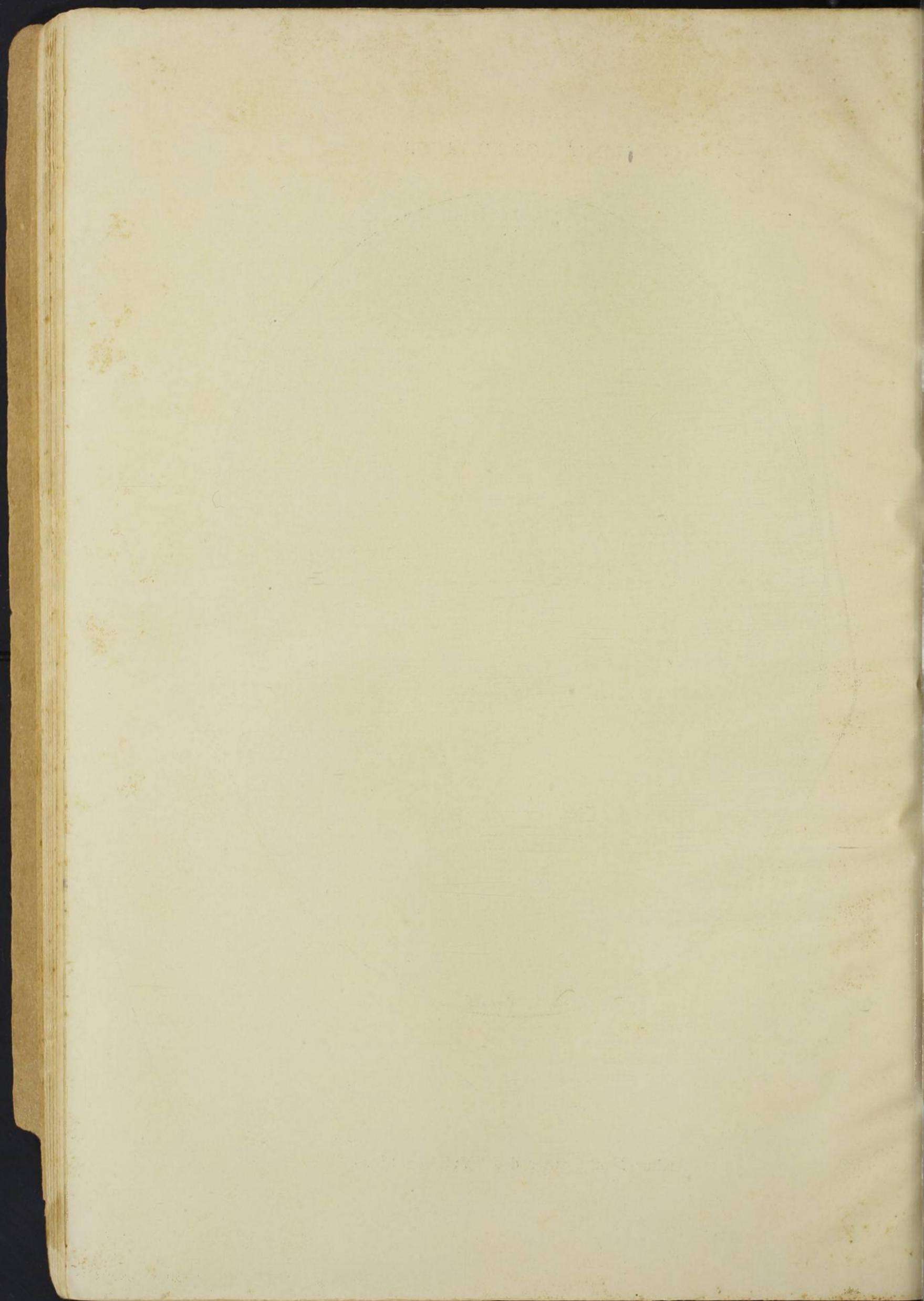
Sem duvida, sob a impressão de taes conceitos é que varios publicistas norte-americanos se vêm esforçando, ultimamente, em demonstrar a alta significação politica que, em nossa época, tem o *controle* commercial dos recursos mineraes do mundo. Em um dos seus ensaios sobre o assumpto, Spurr acertadamente observa como mais que nenhum outro povo, os alleiães, cuja nação possúe um sub-sólo relativamente pobre em taes haveres, tiveram desse *controle* a verdadeira comprehensão (1).

(1) *J. E. Spurr* — The control of the mineral resources of the world; its political significance. "The Scientific Monthley". July 1919. Vol. 9 N.º 1, pgs. 73-82.

GALERIA DOS EDITADOS



Arthur Motta, autor dos "Vultos e Livros"



A discordia, mais que semi-secular da França com a Allemanha, em torno da Alsacia-Lorena, de onde resultou a recente conflagração geral da humanidade, em um momento tão critico da evolução social, em sua essencia, tem sido uma disputa de recursos mineraes.

Antes de 1870, esses territorios eram cubiçados pela occorrença de suas jazidas de ferro. Situados nas proximidades dos districtos ulheiros, aquellas minas constituiam, para o paiz que as possuisse, a principal garantia de uma prospera industria siderurgica.

Bismarck, bem avisado pelos technicos de sua patria, comprehendeu com clarividencia que só a posse da Alsacia-Lorena lhe permitiria a realisação do seu ideal, de uma Allemanha unida e industrial, de um imperio poderoso e commercial; por isso, com a suprema astucia que o caracterisava, fez toda a sua politica gyrrar silenciosamente em torno dessa posse.

Com o correr dos tempos, e graças ao intelligente espirito allemão de iniciativa, os territorios da Alsacia tornaram-se ainda muito mais valiosos ao Imperio do que o haviam sido á França, pela descoberta e valorisação dos seus depositos de potassa. Antes mesmo desse achado, a Allemanha já era o unico paiz que possuia grandes e variadas reservas desse mineral. Das velhas minas explorava as afamadas Stassfur-Anhalt, na Prussia, e possuia outras mais no Brunswick e na Saxonia. Com a exploração das minas da Alsacia, a partir de 1910, os allemães continuaram a manter o monopolio commercial dessa substancia, mas a posse dessa terra historicamente tão disputada, tornou-se, depois disso, uma condição ainda mais essencial para a manutenção do imperio commercial allemão (2).

Foi devido a essa situação especial de proprietario *unico* de extensas jazidas de potassa, que a Allemanha ditou ás demais nações, inclusive a nessa, durante os quarenta annos de sua formidável expansão, o suprimento de certas materias primas, como o cobre, a borracha e o algodão, de que careciam para as suas industrias.

A perda da Alsacia, além da grande significação que tem para a siderurgia allemã, tem outra de não menor importancia para o intercambio dessa nação, pela quebra do monopolio da potassa, arma poderosa que foi forte esteio do seu commercio exterior.

Entre muitos outros, este facto bem illustra a importancia que tem a posse e a exploração de productos mineraes de largo consumo na economia e no desenvolvimento das nações.

Nessa ordem de idéas Spurr faz uma observação, tão comesinha quão profunda em significação, e que assim podemos synthetisar: entre o reino mineral e o vegetal existe um certo parallelismo de adaptação ás temperaturas variaveis do globo, têm ambos a mesma repulsão pelos meios extremamente frios, e consequentemente todas as terras onde o homem firmou o seu dominio estavel possuem a capacidade de produzir culturas indispensaveis a sua manutenção; mas, riquezas mineraes necessarias ao uso humano, apenas possue-os uma infima parcella das terras habitadas.

Importa ainda accrescentar que as especies vegetaes e os animaes domesticos não sómente se desenvolvem fóra dos paizes originarios como até, frequentemente, encontram melhores condições de prosperidade em outros *habitats*. O café, originario da Arabia, fez a fortuna e a riqueza de S. Paulo e do Brasil; a batata, originaria do Perú, medrou na Inglaterra e, por culpa humana, ainda a importamos hoje aqui, da França e do velho

(2) *Mineral Industry* — Vol. XXII, pgs. 609-610. 1914. — Os depositos de potassa da Alsacia foram descobertos em 1904, na perfuração de poços á procura de óleo. Em 1909 ficou terminado o primeiro poço de mina; em 1910 iniciava-se a extracção e em 1913, antes da guerra, já funcionavam 13 minas.

Portugal; o trigo vindo da Mesopotania, que faz a prosperidade economica da Argentina, do Canadá, e tambem da Australia, é uma das riquezas dos Estados Unidos da America do Norte; a laranja, aqui importada, prospera com renome na Bahia, e dahi foi transplantada para constituir uma grande riqueza na California; o arroz dá tão bem em Porto Alegre, como no S. Francisco, no Maranhão, na China, no Japão, ou em qualquer terra irrigada; a canna de assucar, desde que aqui se acclimou, ha tres seculos, constituiu-se em factor economico do nosso progresso e até representa papel importante na historia da formação da nossa nacionalidade; o algodão, que Napoleão, para o Egypto, mandou buscar ao Maranhão, ainda hoje supplanta nos mercados europeos, o que continuamos a cultivar no Seridó.

Essa faculdade de proliferar em varias terras e climas, embora com desigual vitalidade, constitue a grande vantagem do reino vegetal sobre o mineral, que se não reproduz, que só pôde ser colhido onde a natureza o collocou, em suas jazidas.

Assim, sólos agricolas e climas adaptaveis a culturas varias, de maiores ou menores vantagens economicas, porém capazes de satisfazerem todas as necessidades imprescindiveis á alimentação e á vestimenta humanas, todas as nações possuem; recursos mineraes necessarios ou sufficientes ás suas exigencias é que muito poucas reunem.

E' por tudo isso que Spurr precisou:

"A falta ou a occorencia desses depositos mineraes — "dos que satisfazem ás necessidades usuaes — "nas terras occupadas por determinada raça, constitue, sob o actual regimen, um impecilho ou então uma vantagem fundamental e inflexivel ao progresso. A raça que possuir a mais completa reunião desses metaes, e que a possuir em quantidade, *mais tenderá a augmentar o seu poder.*" (3)

E, — seja isto um aviso para nós outros:

"A raça que os não reunir ou que não os tiver na necessaria proporção, *se quizer progredir*, precisará obtel-os por conquista, ou pelo commercio, ou *por ambos.*"

O assumpto, nesses termos pode dar logar a controversias, mas, o facto é que, em todos os tempos, o progresso material dos povos esteve invariavelmente preso á terra possuida, de onde provêm as substancias necessarias á segurança e conforto da vida humana. Mas, nesse campo de idéas, bem reflectia, o Prof. Whit-Ceck ainda melhor quando escreveu:

"*os aspectos materiaes da civilisação são governados pela natureza dos materiaes disponiveis.*"

Em outros termos:

"*os recursos englobados do meio physico de um povo, ou por este facilmente accessiveis, suprem os materiaes que o gênio pôde dispôr para corporificar os seus sonhos.*" (4)

(3) J. E. Spurr — Artigo citado, pag. 74.

(4) R. H. Whitbeck — Our iron-clad civilisation. "The Scientific Monthley". August 1919. Vol. 9, N.º 2, pgs. 125-126.

Esses sonhos ou phantasias do espirito humano se materialisam constituindo a arte e as industrias. Mas, preciso é ter sempre em vista, limitando a conclusão, que a natureza é apenas um campo aberto ás iniciativas da intelligencia, quer dizer: “o meio é simplesmente facultativo, nunca imperativo”.

Toda a civilisação, encarada por qualquer dos seus aspectos, quer pelo desenvolvimento intellectual das raças, quer pelo do seu progresso material, evoluiu na inteira subordinação aos principios synthetisados nesta verdade: o poder do pensamento humano, embora possa variar com as caracteristicas raciaes e com a propria tradição, está sempre livre de se expandir ao mais alto grão em qualquer meio physico habitavel; o progresso material, porém, sempre esteve na dependencia dos recursos disponiveis do sub-sólo.

Por isso é que, embora á actividade mental muito aproveite a experiença adquirida pela successão das gerações, comtudo, desde remota antiguidade, o espirito humano attingiu um elevado grão de perfeição.

Do tempo de Homero pouco sabemos, e apenas presumimos que elle tenha existido ha XXIX seculos, mas, são unanimes os eruditos pensando que nenhum dos poetas épicos da litteratura o excedeou no genero, desde Virgilio até Dante e Milton e, mais humanos que todos esses, tambem nenhum o igualou como eximio pintor do sentimento; Sophocles, entre os poetas tragicos, nem mesmo foi excedido por Shakespeare na caracterisação do heroismo e da desgraça, apesar dos XX seculos que os separam; e na philosophia, sabemos todos que o poder intuitivo de Aristoteles estabeleceu a idéa da evolução XXII seculos antes da demonstração de Darwin e Wallace.

Até ahí estamos no dominio exclusivo do pensamento. Mas quando o espirito humano tem que materialisar a sua imaginação, corporificar as suas idéas na confecção de um objecto, de um utensilio, de uma construcção, de uma obra d'arte, de um mecanismo, elle torna-se dependente do sub-sólo, fica subjugado á terra.

Essa subordinação ao reino mineral explica a lentidão e o irregular desenvolvimento do progresso material, nos sessenta seculos de civilisação que a historia até hoje assignala, desde os fins da idade de pedra, no começo do barbarismo egypcio.

As rochas prestam-se á satisfação das necessidades humanas pelo seu aproveitamento no estado bruto ou então pelos metaes e metalloides que encerram depois de separados por processos physicos ou chimicos.

Em seu estado bruto, as rochas são de utilidade restricta, servem á fabricação de apenas alguns utensilios, são principalmente aproveitaveis na construcção, e taes applicações dependem unicamente de processos manuaes e dispensam conhecimentos profundos; foram esses naturalmente os empregos que primeiro surgiram ao espirito do homem paleolithico ou do barbaro. E' explicavel portanto que a primeira grande etapa do progresso material tenha tido por objecto a applicação da pedra bruta á construcção.

Como a pedra existe em todo o mundo, poderia a arte da construcção de alvenaria, que marca o inicio da civilisação, ter nascido e simultaneamente se desenvolvido nas regiões habitadas pelas varias raças humanas. Porque primeiramente surgiu no Egypto, para logo depois ahí mesmo se expandir violentamente no seculo XXX antes de Christo, muitas razões, a um tempo, explanarão: o meio mais estimulante á imaginação, pensar-se á com Ratzel: um longo periodo de muitos seculos de paz ininterrupta, graças ás barreiras naturaes que se oppunham á invasão da barbaria — o Mediterraneo sem navegação, ao norte, a solidão dos desertos extendendo-se pelos outros pontos cardeaes — se inferirá com a autoridade de Breasted, todas, é certo, razões anthropogeographicas.

Que um formidavel poder de imaginação e de vontade humanas, foram factores decisivos no progresso desse primeiro periodo da civilisação, provam esses extraordinarios monumentos erigidos, não pela necessidade de protecção e resguardo do homem, mas em satisfação a sentimentos transcendentaes: tumulos para guardar destroços régios e templos erigidos ás divindades, o que tudo, pela sua grandeza, atesta um desmesurado culto religioso.

Por tal forma, creada essa primitiva civilisação, que se caracterisa pelo aproveitamento da pedra e pela consequente e formidavel expansão do genio architectonico e da escultura, facil éra a sua irradiação a outras bandas e, onde quer que fosse, podia ella progredir com os peculiares recursos materiaes, marmores, granitos, arenitos e quaesquer rochas por toda a terra disponiveis, embora, assim mudado o ambiente, ficasse o progresso sujeito á variabilidade da natureza desses materiaes, á diversidade do genio das raças e tambem ao grão de conveniencia ou oportunidade da satisfação das suas necessidades ou peculiares phantasias. E é por isso que todos esses tão variados monumentos, pyramides ou templos colossaes, Giseh ou Karnak, as maravilhas do genio grego, o Parthenon ou o Erechteum, os 3.000 kilometros das muralhas chinezas, as basilicas e mesquitas grandiosas, a de Trajano ou a de Ahmad no Cairo, o Coliseu de Roma, as cathedraes medievaes, Canterbury ou Amiens, ficam todos elles encerrados em a mesma etapa do progresso material, e as suas peculiaridades caracteristicas apenas assignalam diversidades do meio e da gente ou de idéaes; todos esses monumentos de impressionante e brutal grandeza ou de excelsa beleza, fazem parte da primeira phase da civilisação, absorvida no trabalho da pedra e cujo término real está no seculo XVIII da nossa éra.

Com o desenvolvimento do uso dos metaes, apenas iniciado na civilisação egypcia com o cobre do Sinai ou com o ouro das alluvões ou dos veieiros decompostos da superficie, foi o progresso material das nações ficando mais na dependencia dos metaes usuaes, de cujos minérios nem todos os paizes dispunham; mas o restricto uso de todos elles, até aquelle avançado seculo da nossa éra, não tirava ao progresso material aquelle seu caracter primitivo.

A partir de 1750, porém, estabelece-se uma outra ordem de phenomenos que passam a reger o progresso moderno e que Spurr bem synthetisou pela seguinte fórmula: (5)

"A nossa civilisação e o progresso moderno consistem principalmente em produzir utensilios tanto mais fortes e perfeitos quanto maiores são as necessidades de dominarmos as forças da natureza, e de dirigil-as, no intento de augmentar o conforto, a commodidade e o poder humanos. Esses utensilios são principalmente construidos com elementos mineraes e metallicos retirados da crosta da terra."

Foi a *industria mineira* que, alargando a exploração do ferro e do carvão, desenvolveu a metallurgia e

"tornou possivel o caminho de ferro, a navegação maritima a vapor, a construcção metallica, a perfuração de grandes tunneis e canaes, o que tudo impulsiona o entrelaçamento dos povos. Com o progresso da electricidade o cobre tornou-se

(5) J. E. Spurr — Artigo citado.

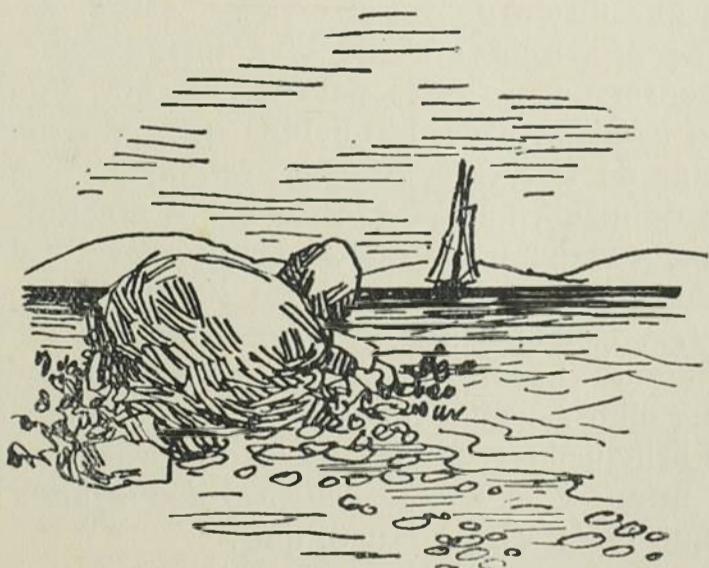
"essencial para permittir a expansão do telegrapho e do telephone e foi possivel a transmissão da energia á distancia. "Com o desenvolvimento do aço obtiveram-se materiaes mais resistentes pela descoberta de ligas com metaes raros como o nickel, o chromo, o vanadio, o tungstenio, o molybdenio. "Com a invenção da machina a gazolinaa, as jazidas de petróleo se tornaram rivaes das de carvão e foi possivel fabricar o automovel e o aeroplano."

Este segundo periodo da civilisação, o deste tempo em que vivemos, se differencia pois do primeiro, por ter posto o progresso, e até a vida das nações, na dependencia dos recursos mineraes de tão grande variedade quão de caprichosa distribuição pelo sub-sólo do globo.

O alargamento das correntes commerciaes parallelamente ao avanço da industria moderna, é um facto positivo queisa corrigir a insensivvel desigualdade da partilha dos productos naturaes dos diferentes paizes, e a tendencia da civilisação é dilatar cada vez mais, nesse mesmo intuito, o intercambio commercial das nações.

Mas este nem sempre tem a necessaria fixidez garantidora da *vida* das nacionalidades, nem tão pouco está livre dos conluios ou arbitrariedades que privilegiadas circumstancias geographicas podem impor. assim o commercio se interrompe com o estado de guerra e os monopolios se estabelecem, com todas as suas consequencias economicas, quando as occorrenças mineraes se circumscrevem a regiões muito restrictas.

(Continúa).





A LITERATURA INFANTIL

MARCEL BRAUNSCHVIG

E' sobretudo pela leitura de obras literarias apropriadas ao gosto e á intelligencia da creança que se lhe pôde cultivar a imaginação. Muitos educadores, entretanto, desconfiando dessa faculdade de erro e da mentira, quereriam que, em logar de lhe favorecer o desenvolvimento na alma infantil, se cuidasse ao contrario de lhe cortar o vôo.

Mas com que direito privar a creança, assim, de todas as alegrias que lhe proporciona a sua viva imaginação? Arecio immenso — confesso-o — estas palavras da sra. Paola Lombroso, (*La vita dei bambini*, pags. 146 e 148) que, perguntando se devemos alimentar de ficções a infancia, responde, "segundo os seus sentimentos de mãe", que "é preciso dar á creança, em seus primeiros annos, a maior porção de alegria possivel e deixal-a embalar-se por suas doces ficções antes de sujeital-a ao conhecimento da realidade... Deixemos-lhe — acrescenta ella — o tempo para gosar esse mundo illusorio da fabula, ao mesmo tempo magico e real aos seus olhos, o qual no seu espirito, quando tiver passado a edade dos brinquedos, com as caricias maternas formará o fundo deliciso, da infancia, *lo sfondo delizioso dell'infantia*". Se é, pois, verdade, como disse Victor Hugo, que:

... L'enfance éphémère,
Ruisseau de lait qui fuit sans une goutte amère,
Est l'âge du bonheur, et le plus beau moment
Que l'homme, ombre qui passe, ait sous le firmament...

experimentando fazer da creança, muito cedo, um ser de calculo e de razão, livremo-nos de obrigal-a a queimar a primeira phase da

vida, a mais delicada de todas. Os moralistas impertinentes, inimigos da imaginação da propria creança, assemelham-se-me a esses velhos melancolicos que, tendo passado a edade de amar, desejariam prohibir o amor á mocidade...

Mas, objectam esses austeros pedagogos, a felicidade da creança tambem é o nosso fim; apenas, a nossa previdencia vae mais longe que a vostra: não pensaes senão na alegria presente que lhe dá a imaginação, ao passo que nós queremos arrancar da alma da creança essa facultade imaginativa que mais tarde será o tormento e o perigo de sua vida... Estreita psychologia, a desses racionalistas educadores! Oh! Sim, a imaginação encerra perigos: engendra a illusão enganosa, alimenta a paixão devastadora. Mas, se lhe devemos a amargura das decepções e o abrazamento das paixões, devemos-lhe tambem as illusões fortalecedoras e os sonhos encantadores, os entusiasmos fecundos e a propria flamma de nossa actividade mais pura. Acceitemol-a, pois, tal qual é, com o seu mixto de bem e de mal; e, longe de a prescrever, afflijamo-nos, antes, com o descredito em que, em nossos dias, vemol-a cahir aos olhos de tanta gente: "Por Deus" — disse Anatole France (*Le livre de mon ami*, pag. 273) — a nossa sociedade está cheia de pharmaceuticos que temem a imaginação. E estão muito errados. Em suas mentiras, é ella quem semeia toda belleza e toda virtude no mundo. Não se é grande senão por ella".

Ademais, fosse mais perigosa ainda a imaginação, crê-se que o melhor meio de evitar os seus perigos seja recusar-lhe todo alimento e deixal-a de alguma forma perecer de inanição? Recor-demos as palavras profundas da sra. Necker de Saussure: "Não se contém a imaginação senão exercitando-a". A imaginação é como uma torrente impetuosa; em vão accumulareis obstaculos á passagem das aguas tumultuosas na esperança de reter-lhe o curso: as aguas sempre acharão uma sahida para inundar tudo em redor. Ao contrario, cavae o leito da torrente, emparedae-o solidamente e as aguas vagabundas, borbotantes, se transformarão em canaes tranquillos e fecundantes... Quer-se prohibir a imaginação em certas espheras: é preciso, pois, abrirem-se-lhe outras. Em uma palavra, não se reprime a imaginação, dirige-se somente.

E, certo, não é em nosso seculo que a imaginação ameaça fazer-se perigosa, tornando-se predominante. Sem duvida, applaudimos com alegria os progressos da sciencia; sentimo-nos felizes de ver que no campo da especulação, os espiritos têm da realidade um conhecimento cada vez mais preciso e aprofundado e que no domínio da accção, as vontades se preocupam cada vez mais com as realisações praticas. Mas, que futuro se prepara á nossa humana-dade, se nos esforçamos em fazer da propria creança um ser racional e calculador? Já vemos tantas creanças sofrerem a in-

fluencia positiva do seu tempo, tornarem-se menos capazes de sonho, menos sensíveis à ficção. Ha cerca de quinze annos, Arvède Barine notava com melancolia que "Perrault conta hoje entre os seus leitores muito mais cabeças calvas que no ultimo seculo e talvez menos cabeças cacheadas".

A vida cada dia mais se torna uma carreira febril, em que as paradas de sonho e de meditação são raras e curtas. Razão a mais para pôr ao abrigo dos sopros calcinantes os "jardins da infancia", onde, entre canteiros em flor, sob o céo radiante e azul, deve expandir-se a serenidade da juventude risonha.

*
* *

Até a edade de oito ou nove annos, a creança vive em pleno maravilhoso. Os livros que lhe puzermos entre as mãos durante esse periodo, se encarregarão de favorecer essa disposição natural de sua alma. Conseguil-o-ão sem trabalho, tanto levando ao espirito da creança a primeira revelação da realidade como transportando-a para o dominio illusorio da ficção. Pois, pela inexperiencia da alma infantil, não existe ainda nenhuma linha divisoria entre o mundo real e o mundo fabuloso. Os objectos mais communs e os factos mais correntes não lhe parecem menos phantasticos que os acontecimentos e os personagens dos contos imaginarios. As historias maravilhosas, que lhe narramos ou que a fazemos ler, lhe parecem tão verosimeis quanto as coisas reaes que observam. Como notou muito judiciosamente a sra. Paola Lombroso, "não é como inverosimeis que as creanças aceitam os contos e as fabulas... O mundo sobrenatural não tem nada de magico e de incrivel para ellas, que acham tudo simples e natural. Que de admiravel? O mundo material a seus olhos não é uma fonte de sensações tão maravilhosa e phantasticas como as que lhes comunicam as historias de fadas?..."

Imaginæ o espanto da creança á primeira vista de uma queda de neve. Que maravilha, esses flocos brancos que cahem do céo! Desde logo, ella acreditará facilmente que tambem pode cahir do céo ouro, dinheiro, bonbons, chocolate, pois ella viu cahir *coisas* brancas que ella desconhecia." E' mesmo permitido perguntar se a explicação verdadeira dos phenomenos naturaes a que ella assiste não lhe daria muito mais a impressão de irreal e de inverosimil do que as narrativas phantasistas forjadas em todas as suas partes em sua intenção. Não é mais facil, em summa introduzir uma logica apparente no mundo ficticio do que fazel-a perceber e comprehender o encadeiamento occulto dos phenomenos naturaes?

Mas sob que formas convém offerecer ao espirito da creança essas primeiras noções da realidade, para ella tão maravilhosas e essas primeiras visões imaginarias, que ella confunde com os espectaculos reaes?

O livro que é preciso dar primeiro á creança é um album sem texto. Para lhes facilitar a comprehensão das imagens será bom fornecer-lhe algumas explicações oraes. Mas esse commentario deve ser breve. Porque a imaginação infantil, errante e caprichosa, gosta de andar sósinha e sem seguir caminhos previamente traçados. James Sully cita estas palavras muito significativas, de um rapazinho a quem sua mãe lia uma historia, acompanhando-a de longos commentarios: "O' mamãe, eu poderia comprehendere muito bem se não me quizesses explicar".

Quando a creança souber ler, dar-se-lhe-ão albums, onde as imagens sejam explicadas por algumas linhas de texto. As mais das vezes, aliás, ella deixará de recorrer ás letras impressas. Porque os caracteres da imprensa são muito menos evocadores para ella que as figuras coloridas; é-lhe preciso sempre um certo esforço para encontrar sob os symbolos das palavras as coisas que ellas exprimem e, sobretudo, o commentario escripto se presta a menos interpretações que a propria imagem. Ha alguns annos, li não sei onde que as imagens de Epinal, sendo muito procuradas pelas creanças da America do Norte, editores tiveram a ideia de traduzir o texto para o inglez. Ora, aconteceu que as novas imagens se venderam menos que as antigas: as creanças gostavam mais do texto francez, que não comprehendiam e que abria assim um campo mais vasto á sua imaginação.

E' na Inglaterra que existem para uso das creanças os albuns mais artisticos: taes são os de Walter Crane, de Kate Greenway, de Arthur Rackham e de A. Caldecott. Em francez existem — "Nos Enfants" e "Petites filles et petites garçons". O texto destes dois ultimos albuns é de Anatole France; é cheio de espirito e de graça poetica. E' um verdadeiro prazer ver-se um escriptor de um talento tão maravilhoso contribuir, com um pintor de grande merito, para a diversão dos pequeninos. O unico defeito desses albuns é custarem muito caro. Pode-se bem encontrar de melhor preço, mas em valor artistico é infinitamente menor.

Depois dos albuns de imagens, o que se poderia pôr entre as mãos das creanças, attendendo-se a que estejam na edade de se interessar por verdadeiros livros, são os jornaes illustrados. A attenção da creança pelos seis ou sete annos é ainda muito fraca; um livro, mesmo curto, é muito longo para ella. O jornal parece estar mais á medida do seu espirito. As publicações deste genero certamente não faltam. Algumas são estimaveis, mas cumpre censurar-lhes sobretudo a sua mediocridade literaria e artistica.

*
* *

Desde os sete annos podem-se dar ás creanças verdadeiros livros. O seu espirito já está em estado de evocar atraç das frias letras da imprensa as scenas vivas que as palavras contam. Mas como não têm ainda nessa edade uma facultade de attenção muito desenvolvida, são curtas narrativas que convém fazel-as lér.

Os contos de fadas, sobretudo, são então de natureza a lhes agradar. A origem desses contos se perde na noite dos tempos. Encontram-se analogos em quasi todos os paizes da Europa, como se a imaginação popular, quasi por toda a parte, se exercesse sobre os mesmos dados primitivos. Mas cada povo parece ter imprimido sua marca pessoal nos seus contos. E' assim que as fadas são muito francezas como as nymphas eram gregas e os elfos são allemães.

Os contos de fadas ocupam um logar importante na literatura franceza.

De todos, os mais celebres são os de Perrault. O seu sucesso está em grande parte no facto de que, dos dois elementos de que se compõe um conto, a ficção e a moral, é o primeiro que nelles predomina. Para fazer com que seus contos pareçam bem vivos, Perrault teve o cuidado de precisar todos os detalhes das historias que inventou: o mobiliario das casas onde elle nos introduz, a roupa dos personagens que elle põe em scena, tudo é minuciosamente descripto. Essa sua narrativa, bem que muito circumstanciada, não dá nunca a impressão de lentidão. Quanto á lição do conto não é muitas vezes occulta. A creança, muitas vezes, lê a historia sem apanhar a moral. Não é para se lamentar porque a moral desses contos é ás vezes de uma indulgência singular. Pode-se com alguma apparencia de razão comparar o engenhoso *Gato de botas* com um cavalleiro de industria e pretender que o espiritual pequeno Poucet "contém o germen dum Gil Blas ou mesmo dum Figaro". O que se deprehende, em summa, desses contos, são antes conselhos de prudencia e sabedoria pratica do que preceitos de alta moralidade.

*
* *

A partir dos nove annos, tornando-se a creança capaz de uma attenção continuada, podemos depois das curtas narrações fazel-a ler historias mais longas.

Existe em França uma literatura infantil muito copiosa, muito inferior, aliás, no conjunto, á que possuem outros paizes, notadamente a Inglaterra. E' preciso, porém, distinguir entre os livros escriptos *sobre* as creanças e os livros compostos para as creanças.

Os primeiros são mais numerosos desde o XIX seculo. Até então a creança não tivera logar na literatura mais do que havia tido na arte. Devido ás suas formas indecisas e á falta de proporção entre as diversas partes do seu corpo, os pintores e principalmente os esculptores não a achavam susceptivel de fornecer materia a representações bastante bellas e harmoniosas. E por outro lado, como em sua alma não se agitam senão sentimentos vagos e ideias confusas, os escriptores não a julgavam em estado de dar logar a desenvolvimentos bastante ricos. E' que, em verdade, no physico como no moral, a creança, pode-se dizer, está inteiramente em formação. Assim se explica que o espirito classico em literatura e em arte, isto é, todos aquelles cuja imaginação amante de nitidez e sempre submettida á direcção da razão não se compraz senão com o espectaculo das realidades bem definidas, não se tenham interessado pela creança, cujos pensamentos são obscuros e cujas formas são inacabadas. Mas, ao contrario dos seculos precedentes, o XIX seculo teve o senso profundo da continuidade ininterrupta dos phenomenos e do eterno futuro dos seres. Eis porque tantos escriptores e artistas curiosamente se approximaram, enfim, da creança, para apprehender e notar de passagem as diferentes atitudes do seu corpo e as diversas manifestações de sua alma.

O interesse que se ligou á creança se traduz na literatura do seculo passado por multiplos "souvenirs d'enfance". Com effeito, são numerosos os escriptores que evocaram o seu primeiro periodo da existencia: uns, como Chateaubriand ou Pierre Lotis, para que não se ignorasse nada de sua preciosa individualidade; outros, como Anatole France, afim de fixar simplesmente aspectos fugitivos da realidade movele; estes como Renan e Michelet, por um religioso amor ao passado, aquelles como Lamartine e Victor Hugo, pelo encanto poetico de que se ornam as visões longinquas. Em nossos dias esse genero continua a ser cultivado, como o testemunha a encantadora obra de Paul Marguerite — "Les pas sur le sable".

Mas todos esses livros *sobre* a creança não parecem ser *para* as creanças. Os "souvenirs d'enfance" nos interessam no mais alto grau, por seu valor literario e a titulo de documentos — ainda que, sobre este ponto, devamos desconfiar das deformações pelas quaes os escriptores fazem passar, de proposito ou sem o querer, as recordações de sua juventude... Essas obras, porém, não poderiam ter esse duplo interesse para a criança.

*
* *

Os livros escriptos para uso das creanças estão longe de satisfazel-as. "E' notavel — diz Anatole France — que as creanças mostrem, na maior parte do tempo, uma extrema repugnancia pelos livros feitos para ellas".

E' que os seus auctores cahem frequentemente em dois graves defeitos que os jovens leitores, a quem se dirigem, não lhes perdoam. Effectivamente, sob pretexto de se pôrem á altura de sua intelligencia, muitos auctores affectam ingenuidade e cahem no pueril. Ora, a creança procura nos livros mais do que infantilidades. Ella consente que seus heróes sejam creanças, mas prefere que essas creanças sejam extraordinarias, em uma palavra, que se portem como homens. E mais ainda que creanças excepcionaes são as aventuras dos homens feitos que seduzem sua imaginação. Quem explicará esse gosto natural que tem a creança para antecipar de qualquer maneira a sua vida?

O que ás creanças não desagrada menos do que a puerilidade das historias que se escrevem para ellas, é o seu tom moralisador. Grande numero de auctores de livros infantis se crêem obrigados a representar sempre a virtude recompensada e o vicio punido. As creanças sentem confusamente tudo o que ha de artificial nessa pintura e muito depressa se desgostam della. Se se pensa um pouco, pode-se perguntar em que medida obras desse genero são verdadeiramente moraes. Ellas falham ao seu intuito, excedendo-a. Mostrar sempre á creança a felicidade que acompanha fielmente a virtude e o infortunio que segue o vicio infallivelmente, é dar-lhe uma ideia muito inexacta da vida e dessa forma preparar-lhe para mais tarde amargas decepções. Sem duvida, convém dar á creança obras sans. Mas um livro são é aquelle que lhe inspira antes horror moral ao mal do que medo material ás consequencias que elle produz; é sobretudo aquelle que se compraz em descrever o bem mais ainda que o mal, introduzindo assim a creança em meios honestos, onde tudo lhe fala uma linguagem virtuosa, onde tudo lhe repete sem cessar o valor do esforço e o preço da bondade.

E' porque se mostram narradores infantis ou moralistas pueris que tantos escriptores especialistas da infancia obtêm tão pouco successo perante os seus pequenos leitores. Nada é, em summa, tão difficult como escrever para a infancia, pois, segundo Rudyar Kipling, "o pensamento infantil segue o seu proprio caminho, esquecido por aquelles que deixaram a infancia atraz de si". Para se fazer comprehendender pelas creanças é preciso ter conservado toda a frescura de impressão da juventude e ao mesmo tempo

possuir toda a clarividencia dum espirito maduro que vê as coisas do alto e sob os seus traços mais salientes.

Os auctores que escreveram as obras mais apreciadas pelas creanças, são simplesmente alguns auctores de genio, que de resto não escreveram especialmente para o publico infantil. Taes são os auctores do *Don Quichote*, *Robinson Crusoé*, *Viagens de Gulliver*. Esses livros têm um senso profundo que excede de muito o estalão das intelligencias moças, mas as aventuras maravilhosas que encerram fazem as delicias da sua imaginação. Ao ver que semelhantes obras se tornaram "os classicos da infancia", comprehende-se que Anatole France tenha podido dizer sem exagero que "para ser comprehendido pela creança nada equivale a um bello genio".

*
* *

Na vida intellectual das creanças distinguimos tres grandes periodos. De cinco a nove annos, como já dissemos, tudo lhe parecerá maravilhoso, tanto as narrativas de ficção como as descrições do mundo material.

De nove a treze annos, a creança gostará sobretudo que se satisfaça a sua imaginação. Da realidade não apreciará outras pinturas senão as da vida de familia e da escola; e ainda será preciso que esses quadros de sua propria vida quotidiana sejam emmol-durados de sonho e phantasia. Desde os onze annos ella deixará as historias infantis para se interessar de preferencia pelos romances de aventuras, que a apaixonarão pelo menos até os treze annos.

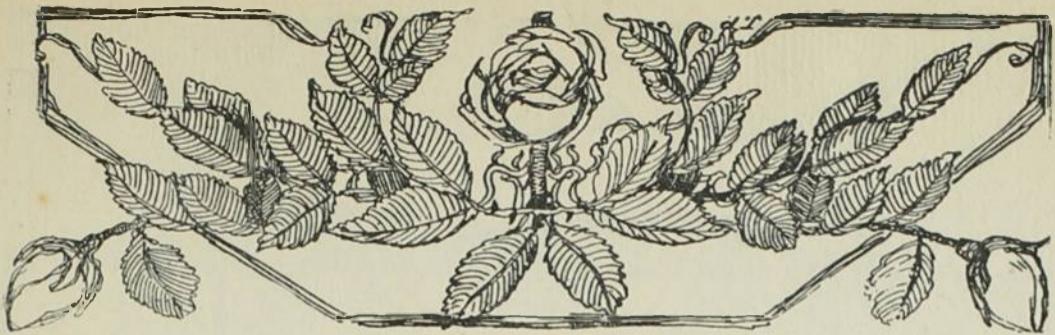
Dos treze aos quinze annos se extende o importante periodo de transição, que a deve fazer passar insensivelmente do mundo imaginario, em que viveu até então, para o conhecimento do mundo real. E' então que se lhe poderão dar a ler os primeiros romances vividos, que lhe permitirão lançar um olhar sobre as dores e as alegrias verdadeiras da vida. E' tambem então que devemos apresentar aos seus olhos o longo desenrolar da historia humana e o vasto panorama do universo. Mas dessa realidade presente e passada far-lhe-emos conhecer antes de tudo o que ha de mais maravilhoso, o que é mais susceptivel de interessar ainda a sua imaginação: as grandes scenas historicas, os aspectos pittorescos da terra, os phenomenos mais curiosos do mundo material, os costumes mais estranhos dos animaes e das plantas.

Assim, trazendo pouco a pouco a creança do mundo maravilhoso, approximal-a-emos da vida sem perturbar de maneira alguma a serenidade dos seus dez ou quinze annos. Dessa vida, é a partir

dos quinze annos até os vinte approximadamente, que convirá revelar ao joven, com cuidado mas sem falsa timidez, as realidades brutaes ou perturbadoras.

Nada seria mais perigoso para o adolescente do que transpor aos vinte annos o limiar da vida, sem ter ainda ouvido falar della senão atravez das allusões perversas ou hypocritas e entrar como cégo em todos os azares do desconhecido.





NO TUMULO DE MACHADO DE ASSIS

CARLOS DE LAET

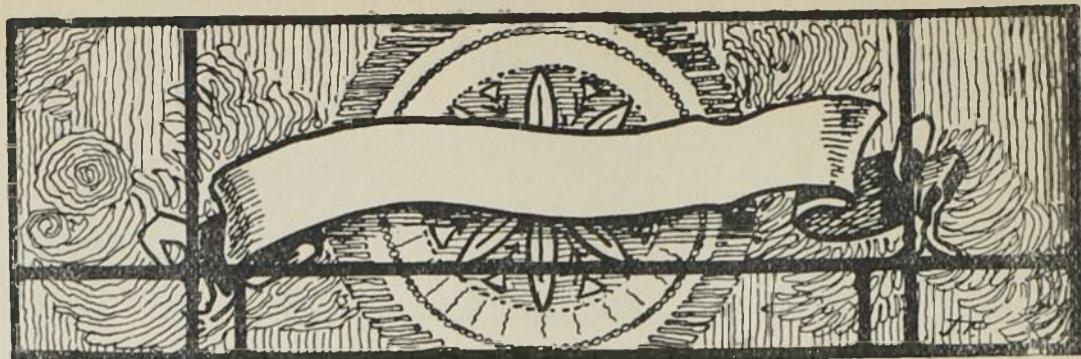
*Quando um anjo de espada rutilante
Deus pôz no limiar do Paraíso,
Teve entre as justas iras — doce aviso
Para o triste casal, proscripto, errante.*

*— Voltareis, disse, e todo par constante,
Num amor impolluto, casto e liso...
E gazalhou, com paternal sorriso,
Laura e Petrarca, Beatriz e Dante.*

*Com pensamentos idos e vividos,
Terminada a labuta peregrina
Surgem mais dois, mãos dadas, sempre unidos.*

*Batem á porta da mansão divina:
— Somos nós! somos nós, os foragidos;
Sou Machado de Assis! E' Carolina.*

Rio, 29 de Setembro de 1921.



DA ARTE DE AMAR

(FRAGMENTOS)

JULIO CESAR DA SILVA

*Certo, és fina; teu homem, certo, é rude;
Isso não é razão por que pretendas
Ficar-lhe superior por tuas prendas,
A não ser pelas prendas da virtude.*

*Antes, opéra a estranha maravilha
De não pôr o que tens no que lhe falta;
Tudo que é delle, exalta !
Tudo que é teu, humilha !*

*Seja a modestia o teu maior encanto;
Teu homem, que o que vales adivinha,
De si te julgará tão digna quanto
Digna de uma corôa de rainha.*

• •

*Como typo de heróe, typo perfeito,
E' provavel que o tomem;
Mas sabes que, no fundo, o teu eleito
E' fraco como todos por ser homem.*

*Se essa vaidade sua o proprio mundo,
Que é máo, não lh'a destróe,
Faze por crer tambem que elle, no fundo,
E' realmente esse heróe.*

*
* *

*Com teus modos ingenuos e modestos
Admira-o como a um sabio, e dos mais sabios;
Dize-lhe que te encantam os seus gestos
E as expressões que brotam dos seus labios.*

*Recorre a cada passo aos teus engodos
E aos teus philtros subtils de feiticeira;
Se lisonjeiros se lhe mostram todos,
Mostra-te, mais que todos, lisonjeira.*

*
* *

*Para que a paz entre ambos não desande
E a concordia feliz se estabeleça,
Tal preciso é que mande,
Tal outro, que obedeça.*

*Entre este, que quer ser obedecido,
E aquelle, que á obediencia se abandona,
Escolhe entre ambos o melhor partido:
Manda, e serás a dona.*

*
* *

*Cultivas uma amiga, certamente,
Para que as tuas confidencias ouça,
E andas por toda parte ao lado della;
Embora amiga e embora confidente,
Não a percas de vista, se for moça,
E não lhe creias muito, se for bella.*

*Observa, sempre attenta e a cada instante
 As mais leves minucias do seu gesto;
 Tudo que ella fizer olha e investiga;
 Porque, sem que o percebas, teu amante
 Gosa, ás occultas, um sabor de incesto
 No desejo que tem por tua amiga...*

*
 * *

*Tens tambem um amigo, que é discreto,
 E outros não vês mais dedicados que esse;
 Tal amigo te jura um puro affecto
 Sem nenhum interesse.*

*Cultiva-o, se te apraz; mas a verdade
 Não está nessa jura,
 Que entre homem e mulher nunca a amizade
 E' inteiramente pura.*

*Tanto é regra geral, que, não obstante
 Seus gestos castos e gentis maneiras,
 Delle farás o teu melhor amante
 No momento que queiras.*

*
 * *

*Como occulto veneno em alta dóse,
 No affecto respeitoso entra o peccado;
 Esse respeito é amor que anda hybernado
 Em perfeita anabióse.*

*Se lhe chegas calor com tuas brazas
 Ao redor do casúlo em que repousa,
 A chrysállida ,feita mariposa,
 Eil-a em torno de ti batendo as azas !*



O INFINITAMENTE GRANDE COMO AGENTE CURADOR

HONORIO RIVERETO

Definição technica dos processos theurgicos empregados pelos sertanejos, na cura das bicheiras e mordeduras de cobras venenosas.

Estudos e observações no alto sertão brasileiro.

Eu saúdo, com respeito, os trabalhadores do Pensamento, os pioneiros da hora do Progresso e da Fraternidade Universal.

Homenagem aos sabios brasileiros: Drs. ALBERTO SEABRA e VITAL BRASIL.

O AUTOR.

Nada ha occulto que não deva ser descoberto—Jesus.

PROPONDO-nos abordar nesta Memoria, a questão das curas das bicheiras e mordeduras de cobras, operadas pelos nossos sertanejos, por meio de rezas, com ausencia completa de medicamentos, desejamos tamsomente fazer uma obra synthetica, reunindo, para esclarer, umas por outras, observações e experiencias, por nós colhidas, para, assim reunidas, formar uma base bastante solida ás pesquisas e investigações futuras.

A constatação positiva dos factos em questão, parece conduzir legitimamente á affirmação de um poder distincto de todas as forças conhecidas pela sciencia actual, mas que pela sciencia psychica poderá ser resolvida.

A questão primordial é a seguinte:

Haverá intervenção de forças occultas nas curas das bicheiras e mordeduras de cobras?

A solução deste problema comporta tres pontos:

1.º — A observação dos factos e a determinação dos caracteres essenciais;

2.º — A theoria scientifica e seu desenvolvimento, tendo por unico fim a explicação dos factos;

3.º — A verificação experimental da theoria scientifica.

Isto posto, iniciemos a nossa proposição com o pensamento do Circulo Christão.

Sendo a Terra um Planeta novo no movimento universal, insignificante pelo seu volumes, e além disso tão proximo do foco central que se cresta aos seus ardores, é claro que a intelligencia dos seus habitantes nelle encontra um vehiculo magnifico de desenvolvimento. — Comtudo, esse apanagio da vida intima do Planeta se transforma numa serie infinda de obstaculos para o desenvolvimento moral dos individuos que aqui vêm buscar esse cabedal primeiro nas acquisições necessarias ao progresso.

Da vida universal, cuja origem nos parece ficar eternamente ignorada, destacou-se o atomo da energia cosmica que é o nosso foco central — o Sol —depois de uma revolução physico-mecanica, pela qual uma nebulosa se submetteu á solução da materia formando por si mesmo o systema de mundos ao qual o nosso globo pertence. A estas leis formadoras tanto podemos denominar "cosmogonia", como "theogonia", cousas do Universo ou cousas de Deus!

Sob o ponto de vista vegetativo, quer dizer, em relação aos corpos mineraes e vegetaes, e ainda com relação á formação das massas carnificadas dos corpos animados, a vida é o producto da energia solar, se bem que não commettamos erro algum dizendo que sem as energias solares não fôra possivel existir a vida intelligente. Eliminemos, porém, essa causa no tocante ao raciocinio. Este, que é a alavanca dos sérbes animados não é o producto de forças cegas, oriundas de movimentos do sol; é, sim, um fruto do trabalho da consciencia que já se encontra mais ou menos caracterizada nos representantes mais obscuros da escala zoologica.

Durante as estações inferiores nessa escala, os sérbes ainda não possuidores do raciocinio que os leve a escolher entre o util e o inutil, n'essas manifestações tão complexas da vida têm por guia o instincto de conservação, cada vez mais energico, porque se vem exercitando desde um tempo tão afastado, que nenhum calculo humano pode determinar.

Saltemos uma série de considerações relativas á consciencia dos nossos irmãos inferiores, afim de não alongarmos, com enfado talvez de quem as ouve, estas despretenciosas confabulações.

Tendo em linha de conta os desvios das intelligencias em meios onde, como o dos animaes inferiores ao homem, ha quasi absoluta ausencia de criterio moral, é indiscutivel que nenhum individuo não seguro desse criterio poderá viver entre os outros entregues aos seus proprios recursos psychicos. A carne, que nos oblitera as faculdades mnemonicas quasi por completo, impor-se-ia com tamanha violencia, que o desenvolvimento psychico se paralysaria quasi, exigindo, para a sua affirmação, periodos tão longos de soffrimento no intervallo das incarna-

ções, que as horas pareceriam semanas, os meses seriam lustros e os annos valeriam séculos.

Acabar-se-ia, sem duvida, por attingir a méta desejada; que de horriveis sacrificios, porém; que de medonhos padecimentos!

Graças á lei do Amor geral, mãe da solidariëdade entre todos os sérbes, em especial entre os que raciocinam em grau superior, estabeleceu-se entre os vivos e os mortos uma corrente intellectual sympathica, que jamais se interrompe, e produz nos incarnados o que se poderia denominar "segunda consciencia", tão viva e tão energica, senão mais, quando a consciencia pessoal, privativa, de cada individuo terrestre.

Pois bem: é por meio da consciencia privativa que os invisiveis despertam nos incarnados a orientação moral, alterada pelas solicitações da materia organizada, composta por sua vez de infido numero de organismos embryonarios independentes, cujo conjunto é este corpo que nos obscurece o espirito. O corpo, do qual se pode dizer que tem vida propria pois não é menos que uma colmeia de sérbes intelligentes, ávidos de movimento ascensional permanente; o corpo impõe-se ao espirito do sér humano, o qual, forte pela indestructibilidade, cede, entretanto, ás existencias "automaticas" dos embryonarios que o envolvem pela massa corporal. Cede; mas somente enquanto o progresso psychico ainda não adquiriu fortaleza para impor silencio ás solicitações organicas, provenientes das innumeraveis formas de vontade em movimento, partidas dos micro-organismos componentes do corpo que a alma habita. Tal nos ensina a biologia, com o mais completo de todos os desprezos á superstição dos que acreditam que Deus é o monstro das religiões.

Em globos iguaes a este da Terra, muito proximo do foco central, ha contar sem discrepancia, tanto na esphera moral quanto na intellectual, com innumeraveis desvios, provenientes todos da prodigiosa somma de energia cosmica concentrada nesses globos durante periodos iguaes a verdadeiras eternidades. A proporção que essa energia decresce, a brutalidade da vida propriamente psychica se adoça, e o globo terrivel se vae melhor adaptando a um campo de actividades psychicas mais nobres. E' isto o que a historia da Terra já nos ensina.

Para as almas que, reagindo contra a influencia do meio e as leis de hereditariedade pessoal, conseguem dominar as solicitações contrarias ao desejo de progredir, o Planeta onde habitamos será a estancia que multiplica em alguns séculos o valor da energia espiritual, fazendo-nos attingir culminancias que um habitante de mundos novos menos bem dotados de vida solar não alcançará em periodos decuplos do nosso. Bellos exemplos, os dessas criaturas intemperatas, que sobem em linha recta, sempre em busca de novos horizontes, "per omnia secula seculorum", sem jamais encontrarem outro Deus grande e forte, senão o que em toda a parte se revela, e nos toca, pelo seu grande e forte attributo do Amor, tão incorruptivel quanto infinito, no tempo pela sua natureza, no espaço pelas suas diversificações.

Mahomet, inspirado de accordo com o espirito do seu tempo, restringiu Deus ao mundo da Terra, e os seus adeptos, ignorantes do Amor verdadeiro, gritam que somente Allah é Deus, e Mahomet o seu propheta; nós de agora, homens vivificados pelo sopro do Consolador, não fixamos para o exercicio do Amor nenhuns limites, a não ser o Universo inteiro, e, obedientes ao ensino do Christianismo, murmuramos no silencio dos nossos pensamentos: — Sómente o Amor é Deus, e o homem o seu propheta, não esse homem que as religiões desfiguram, mas aquelle que se gera, pelo corpo, da carne e do sangue de uma mulher.

E'-nos indispensável, a nós da Terra, um auxílio dos experimentados. Onde iremos encontral-o? Não será aqui mesmo, por enquanto. Não é preciso dizer porque. E' fóra da Terra que temos de procurar esse apoio, tão real quanto nós mesmos. Vamos buscal-o nas espheras superiores, onde vivem agora, isentos de maculas, os que entre nós viveram, e nos abençoaram como pais, e beijaram como filhos, e abraçaram como irmãos, e amaram como esposos, e estimaram como amigos, e viajaram comosco pela estrada da vida, unidos hoje, separados amanhã, vivos na Terra ou redivivos no espaço, e sempre ligados comosco pela cadeia da fraternidade, por esses laços tão vivos, tão bellos, tão fortes, e cada vez mais fortes, mais bellos, mais vivos, á proporção que o progresso psychico, dilatando-nos a visão espiritual, nos fôr fazendo reconhecer a fonte onde todos bebem a agua da vida viva: o amor do verdadeiro Deus!

São elles, os nossos antepassados, ligados ou não pelos élos do sangue carnal, quem nos coadjuva no transporte do fardo da carne, que a pouco e pouco se vae tornando mais leve, através de campos cobertos de urzes e de encostas juncadas de calhaus. E foi assim que elles progrediram tambem.

São elles quem, numa vigilia perpetua, armam sentinella a porta das nossas almas.

No homem da Terra ha um triangulo sobre cujos vertices assentam todos os perigos da vida; é o triangulo da "Materia", do "Espirito" e da "Vontade". (Canticos do Espirito Immortal — 4.ª Publicação do Circulo Christão).

Assim sendo, vamos traduzir e transcrever para aqui, a seguinte prelecção mediumnica, dada por uma grande intelligencia do espaço — e que extrahimos do celebre livro — "La Survie" — de Mme. Rufina Noeggerath, visto a mesma aclarar por completo o processo das curas psychicas de qualquer enfermidade. A comunicação abaixo foi obtida em Paris, no Circulo de Investigações Psychicas, de Mme. Noggerath.

Ouçamos, pois, a palavra dos Mestres da Sabedoria:

OS MEDICOS DO ESPAÇO

Ao deixar a Terra, o homem conduz consigo a generalidade dos conhecimentos que pôde adquirir nas suas incarnationes.

Aquelle que, por devotamento á humanidade, cultivaram de preferencia tal ou qual sciencia, esta ou aquella arte, evocam em si mesmos essa acquisição mental durante o lapso de tempo que permanecem nos fluidos do espaço, antes da nova incarnation, e acercam-se dos incarnationados que se dedicam ao seu gênero favorito, inspiram-n'os, e assim contribuem para o progresso de todos. Os desincarnationados que possuem já certa força e certo vigor de fluidos e de radiação, podem, pois, ser uteis aos terrestres. Assim, seu tempo de estagio nos fluidos da Terra, esse tempo de penetração do meio ao qual tantas vezes se deve regressar, é ainda e sempre obra de progresso por devotamento, obra de luz e de felicidade como resultado do bem adquirido.

Quaes os extra-terrenaes que mais particularmente se ocupam dos enfermos? São os que estudanam a anatomia do corpo humano, a substancia dos mineraes e dos succos das plantas e a accão desses succos neste ou naquelle caso pathologico. Em uma incarnaçao de medico, o homem deveria ter conhecido tambem a grandeza do devotamento. Que de enfermidades passageiras e tambem graves molestias não têm sido alliviadas ou debelladas inconscientemente pela irradiação dessa bondade — influencia inexplicada! Os exemplos são numerosos.

E' pelos mediums que mais efficazmente agimos para restituir a saúde. Quando temos o poder de fazer que os nossos fluidos penetrem esses entes de facil possessão, estabelecemos nelles uma canalisação pela qual os nossos effluvios attingem o mal com duas forças distinctas: a que o medium fornece, emanada do seu proprio fluido vital, e a que transmittimos, composta de um fluido mais penetrante, mais subtil, e que augmenta a energia do curador. Auxiliados por estes, os medicos do espaço, conhcedores das propriedades dos vegetaes, effectuam curas com bem maior facilidade.

O medico do espaço possuirá em si proprio a essencia primordial dos fluidos que curam? Sim e não. Cada sér possue fluidos de uma qualidate particular; mas os mediums curadores assimilam uma especie de fluidos singularmente proprios para alliviar os que soffrem. Significarão estas palavras que aos medicos do espaço falta capacidade para influenciar directamente a cura de um doente, sem que os seus effluvios passem por um medium? Não, sem duvida. Se o medico invisivel não tem instantaneamente em si mesmo tudo quanto careça, elle volta ao caminho percorrido e de novo encontra no seu passado a lembrança ou o perfume de tal substancia e, identificando-se com as plantas, com as suas emanacões, com os seus succos, qual a abelha que, zumbindo de flor em flor, transporta para a colmeia a carga preciosa, elle transporta consigo o balsamo que cura, a emanacão onde se contém o germen da saude, e nestas conjuncturas sua accão se exerce directamente sobre o enfermo.

Os medicos do além possuem, pois, a força, encanto tão poderoso quão grato, de retroceder em a natureza, para nós sempre ataviada de graças e attractivos, e estudar mais subtilmente em minudencias que na vida terrestre não poderiam abranger. Seu devotamento lhes é util para desenvolver perpetuamente os seus conhecimentos. Os mediums curadores não comprehendem exactamente os labors nos quaes, para os assistirem, se entregam os medicos invisiveis.

O fluido que o medium sente deslizar, recebe nossa impulsão. Para cada medium curador ha um invisivel que o assiste mais particularmente; se, porém, esse invisivel, no que concerne á harmonia de fluidos, não tem ligação directa com o doente, elle recorre a outros curadores do espaço que possuem maior afinidade fluidica com o incarnado que soffre, e, por consequencia, maior energia para o alliviar.

Quando desejardes a nossa presenca, basta que eleveis para nós o vosso pensamento. O que nos chama, é o assomo do coração, é o surto da alma, e não a voz que os labios desferem. Repito: o appello intimo, o pensamento que emana do cerebro, soffrem menores perdas fluidicas quando não são formuladas.

Quando estiverdes em accão de curar, não é preciso que faleis, pedindo que se vos assista; fazei-o por acto mental; não formuleis o vosso pensamento, pois que os fluidos se perdem quando sacudidos pelo movimento dos labios. Para o mesmo fim, chamae os curadores invisiveis que se acham propostos a prestar-vos auxilio no bem que praticaes. Chamae-os a todos, antes que um só, pois que se assim o fizerdes, si impe trardes o soccorro de todos quantos podem acudir ao enfermo de quem cuidaes, tudo quanto é bom, tudo quanto é elevado no espaço, accorrerá a um appello feito com fim tão louvavel.

Não é por meio de movimentos executados desta ou daquella forma, que mais facilmente podemos restituir-vos a saude. Nesse particular, o que fazemos é "irradiar sobre vós", e isto se effectua independentemente de vosso conhecimento. Se deste modo se passam os factos, que importa, até certo ponto, a maneira pela qual impondes as mãos? O fluido que nos é proprio, é uma emanação que atinge sempre esu alvo. Nem mesmo é sempre necessário tocar o doente. Com o auxilio de certos mediums, a influencia fluidica faz-se sentir a grandes distancias.

O que é bello e grande é que o curador que recebe a corrente de um fluido subtil e puro, guarda em seu organismo, nos seus fluidos vitaes, o antidoto do mal que debellou. Eis porque os mediums curadores bem acompanhados, estão habitualmente preservados do accesso das enfermidades que elles combatem, com quanto, a principio, possam resentir-se dellas.

Bem razão têm os que exercem o mister de curar: os seus fluidos unem-se aos nossos e esse dispendio de effluvios se torna, se não indispensavel, pelo menos necessário, no que diz respeito á saude dos mediums. Nada existe em vão, e o beneficio redunda sempre em proveito de quem o practica. Não temaes, pois, despender os vossos fluidos beneficos; desprendendo-os, mais attraireis de nós para substituir o que tenhaes perdido, e melhor sentireis palpitar o nosso coração contra o vosso, como tambem attraireis sobre vós a força dos bons fluidos que afasta mas influencias malevolas e os pensamentos malfazejos.

Passemos, porém, a outra ordem de idéas.

Ha desincamados que permanecem em estado de perturbação, em um como que sonho de transformação, e tambem nos soffrimentos, que determinaram a morte da terra. Essas almas, por demais carregadas ainda de materias terrestres para poderem distanciar-se de seu Planeta, ficam envoltas em fluidos espessos e sombrios. O amor dos medicos do espaço ainda ahi se manifesta, e elles se acercam directamente desses infelizes, como se acercam dos mediums, accionam fluidos que tomam em a natureza e alliviam as suas dores.

Quando se incarnam nos mediums esses séres que experimentam ainda os males da existencia anterior, em accão sobre o corpo astral, os curadores invisiveis harmonizando-se com os fluidos medianicos, podem tratar mais facilmente os enfermos, que se afastam do medium alliviados ou sãos. Estes factos serão mais frequentes dentro de algum tempo. Nesses casos de incorporação sobretudo, é indispensavel que se não toque o medium, ainda que o queira fazer um medium curador, porque desse contacto podem originar-se crises gravissimas.

Quanto aos desincarnados que não permanecem na sua residencia terrena; que podem afastar-se dos que ficaram e desligar-se da Terra, em uma palavra, os que têm força bastante para se moverem nas camadas fluidicas terrestres, estes são conduzidos pelos medicos do espaço e, á hora em que a atmosphera se inunda dos perfumes das plantas e das flores, quando os calidos raios do dia sugaram dos calices e das ramagens os fluidos e os succos que nelles se contêm, ao scintillar das estrellas, aos frescos da briza, os medicos do espaço reclinam mollemente, sobre um leito de beneficos olores, os enfermos por quem velastes no seu leito de agonias.

E' bello pensar que se o homem arroteia sua alma, terreno inculto, desembaraçando-o dos parasitas que são os vicios, melhor poderá traçar os sulcos onde se cultiva a planta preciosa cuja seiva refrigera, fazendo-a carregar-se de melhores pomos e impedindo assim pernicioso amalgama de fluidos. O homem é o operario do seu progresso e a natureza é seu domínio. Aquelle que rectifica seu espirito, ajusta sua marcha ao hymno de harmonia. O que se deleita no cultivo do sólo agreste, o que mata a fera ou destróe o reptil, abrevia tambem sua jornada ascendente. O homem não dá vida a um ramo de herba; mas pode cultival-a e tornal-a proveitosa. Progredindo, elle faz que tudo progrida tambem.

Nesses dias felizes que eu invoco com todas as minhas forças, o homem verá, de mais em mais, que as dores physicas se amortecem e certas incarnações se tornam inuteis; nos seus conhecimentos da natureza a humanidade encontrará mil braços que hão de impellir-a no seu movimento ascensional.

Os medicos do espaço são admiraveis de altruismo quando se empenham em debellar padecimentos physicos sob os quaes o espirito parece que se abate e adormenta; vós, mediums que curaes, agindo de concerto com os vossos collaboradores invisiveis, aliviaes a alma ao mesmo tempo que o corpo, visto ser por uma virtude que curaes, e a essa virtude fazeis que se tenha amor. Curae! E pois que é por intermedio dos medicos do além que exercitaes essa virtude, graças a vós, que os attrahis ao vosso mundo, quando pedis os fluidos calmos dos devotamentos, a vós, que fazeis presentir a vida futura pela dadiva que dos beneficios da Verdade offereceis aos que padecem, sêde cada vez mais affeiçoados aos curadores do espaço que vós assistem, a vós, caros mediums, que possuís a faculdade preciosa de receber os effluvios puros da Natureza e das Intelligencias do espaço, para os distribuir por todos.

Dae! Dae sempre!

O ORIENTAL.

Discurso maravilhoso este que acabamos de ouvir! Esta eloquente peça oratoria do Oriental é fecunda pela verdade dos seus conceitos scientificos e philosophicos.

Meditemos...

Passemos aos factos.

1902 — Julho.

A cidade pernambucana de Petrolina, situada á margem esquerda do S. Francisco, hauria a sua vida de parasita da sua fronteiriça baiana de Joazeiro; as "vendas", desertas de fregueses, serviam de pontos de palestra e de jogo de bisca; chegavam as primeiras notícias da vazante do rio; os fazendeiros falavam da proxima partilha dos bezerros; outros já prophetisavam que o anno não seria dos melhores; em uma casa grande e baixa da rua Dr. Vidal lia-se o pretençioso letreiro — "Instituto de Humanidades".

Numa saleta do Instituto, elevada á altura de secretaria, estavam reunidos o juiz de direito, director-presidente; o juz municipal, vice-director; o telegraphista local (que ainda hoje vive e foi o relator deste facto), professores e outros. Falavam da chegada do "Cobra Verde", que havia mais de dois annos não fazia a sua costumada visita áquella zona.

→ O Cobra Verde, dizia o major Mundóca, escrivão e tabellião da comarca, é um homem inexplicavel; cura qualquer pessoa mordida de cobra e a qualquer distancia com uma simples oração; affirmo por que já vi mais de uma vez.

→ Já assisti a uma cura de trinta leguas, disse outro; uma fazendeira foi mordida e mandou procura-lo; o portador só o encontrou muitissimas horas depois; disse-lhe ao que vinha e elle respondeu:

— Vá com Deus e se ella ainda estiver viva a esta hora, com o favor do Senhor S. Bento, está curada. — O homem voltou e quando chegou á fazenda encontrou a doente tratando da queijaria e declarou que começou a sentir melhoras em occasião identica á da "consulta".

O juiz de direito affirmava que de facto o homem, por isso ou por aquillo, curava mordeduras de cobras e que já o vira metter uma cascavel na bocca, o que foi confirmado por muitos presentes.

O telegraphista e o promotor quizeram explicar o motivo por alguns factos de fakirismo e o juiz municipal cortou o nó gordio propondo uma visita á casa onde se hospedava o extraordinario homem.

Os visitantes encontraram o homem numa casa velha, de paredes sem rebôco.

Era um homem velho, de baixa estatura, parecendo ter sido gordo, actualmente flacido, de côr parda acabocizada, cabellos lisos e grisalhos; vestia calça e casaco de "tororó", camisa de "valença", nomes por que são conhecidos os tecidos de algodão grosso de cores e branco, chapéu de couro, typo jacobineiro, chinelos de couro; estava deitado em uma rête azul; a casa estava atulhada de cangalhas, sellas e petrechos de viagem; dois combucos, especie de cabaços, estavam ao lado da rête.

A' nossa entrada, o homem levantou-se e abraçou o Mundóca e deu-nos o louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo ao que respondemos meio enfiados e quiçá desconfiados. O fim da nossa visita foi pelo mavel Mundóca, accedendo o "Cobra Verde"; — depois de alguns instantes de vacillação passou a contar-nos alguma cousa de sua vida.

Disse-nos que, desde menino, notava que as cobras, muito communs no sertão, deixavam se agarrar, sem se defenderem, quando elle queria, sem que soubesse a causa de tal milagre; foi-se entregando a esse "sport" pois para mais nada servia, o que lhe custou algumas sóvias de sua mãe e de sua senhora (conheceria o captiveiro e achava que havia cousas peores do que a escarvidão...) uma occasião

os vaqueiros trouxeram a noticia de que a causa de uma mortandade de gado no bebedouro da fazenda não era devido á peste como pensavam e sim a uma cobra jararáca; organisaram uma batida para matá-la, mas lhe não estando presente não tomou parte. Foi mal sucedida, tendo sido mordido um vaqueiro de estimação; chegando elle á noite e sabendo da historia foi visitar o ferido que já suava sangue (!) e só com a sua presença melhorou e pediu café, voltando no dia seguinte para a faina; a sua senhora pediu-lhe para matar a cobra mediante promessas de alforria, ao que respondeu que não matava um bicho que Deus tinha posto no mundo para viver, mas que ia buscar a cobra e que ella nunca mais voltaria á fazenda; e indo ao bebedouro trouxe um casal de jararácas e cinco filhotes, o que causou pânico no terreiro; elle soltou-as e nunca mais houve notícias delas na fazenda. A alforria foi-lhe dada condicionalmente para viver alli até á morte da fazendeira. Depois começou a curar de cobra e prevenir a mordedura, o que ainda fazia até então —dizia— com o maior exito uma vez que o curado ou prevenido tivesse fé; recebia cartas e pedidos dos fazendeiros e moradores pedindo sua protecção para si e para os seus e até para os seus gados, o que fazia sem interesse; nada possuia porque não queria nem precisava, a não ser um ou dois animaes de sella, o que, graças a Deus, tinha talvez mais de vinte. Declarou que nunca recebera instruções para o seu mistér, limitando-se a uma oração ao Senhor São Bento, advogado contra as cobras, que lhe fôra ensinada por sua mãe, que lhe dizia que seu pae era tambem caboclo e curador de nascença. Offereceu-nos as suas "ridicas" como chamava a suas cobras, para nós pegarmos; escusado é dizer que nenhum de nós teve tal curiosidade. Pedimos algumas provas, ao que elle accedeu em praticar as que passo a narrar:

Um menino trouxe-lhe a noticia de que no caminho do cemiterio havia uma cascavel no ninho, e elle deu-lhe um lenço de "alcobaça" e mandou que estendesse por cima da cobra e trouxesse-a, que nada tavia a temer; o menino recusou medroso; outro mais ousado aceitou e meia hora depois trazia uma cascavel de 90 centimetros com quatro ovos, dentro do lenço, sem a menor dificuldade. Tirada do lenço a cobra obedecia ao velho com a mais perfeita precisão, entrando depois para um dos combucos para fazer companhia ás outras. Pedimos a prova de mandar picar por uma das cobras dois animaes, escolhendo depois um para morrer e outro para escapar; elle declarou que promettera ao celebre Frei Ibiapina, nome muito conhecido nos sertões do Norte, evitar o mais possivel a morte de animaes sem necessidade, mas uma vez que pedíamos mandou uma das "ridicas" picar dois galos; depois, por indicação nossa, estendeu as mãos sobre um delles que no mesmo instante começou a andar, enquanto o outro agonisava sangrentamente; repetiu a experiência com dois gatos e deu o mesmo resultado; ainda houve quem propuzesse a repetição com carneiros, mas foi repellida a idéa. Disse-nos, para terminar, que fôra tambem alcoolatra, mas que quando se achava em estado de embriaguez as suas "ridicas" mordiam-lhe, se bem que sem maior resultado que as picadas; por isso deixára tal vicio. Os presentes chegavam; requeijões, bôlos de púba, mantas de carne do sol e de porco, comidas preparadas, gallinhas, etc., ao que elle agradecia — "que Deus lhe dê muita felicidade e que o Senhor São Bento lhe livre e aos seus e ás suas cousas das picadas de cobra com o favor de Deus e da Virgem Maria". — Agradecemos e retiramo-nos.

Ainda será elle vivo? E' provavel que não, naquella época já tinha mais de 80 annos.

Dos citados ainda estão vivos o juiz de direito, hoje desembargador da relação de Pernambuco e ultimo chefe de polícia, no governo do sr. Dantas Barreto; o juiz municipal é actualmente juiz de direito no Estado do Espírito Santo; o promotor é actualmente deputado federal pela Bahia e o telegraphista está actualmente nesta capital; os demais alguns morreram, outros ainda vivem, mas quasi todos os sertanistas do oeste brasileiro conhecem mais ou menos o Cobra Verde e suas façanhas.

O que ha em tudo isto? Nas curas que operava, procedia elle como medium? Podemos consideral-o poderoso medium curador?

Respondemos pela affirmativa, pois que a sciencia psychica moderna explica cabalmente taes factos.

Narremos outros factos, por nós observados no alto sertão do Maranhão, quando por lá estivemos em 1918, em commissão do Governo Federal, como chefe da construcção de uma linha telegraphica, e, visto que a pratica conduz mais depressa ao resultado almejado, appliquemo-nos á multiplicação dos exemplos, pois, é sobre factos numerosos que as nossas theorias psychicas se apoiam.

Na Villa de Mirador — sertão do Maranhão — conhecemos o curador de picadas de cobras, Hermenegildo, e delle obtivemos, por intermedio de Mme. Alzira Casabonne — distinta professora da localidade — a "reza" usada por elle para as curas em questão.

Vamos reproduzil-a, textualmente, sem fazer a minima alteração, porque se assim não fizessemos, tirariamos á narração a sua originalidade e faltariamos ao fim a que nos propuzemos.

Transcrevemol-as, pois, a reza e demais formalidades usadas pelo referido curador:

— "Chegando-se ao doente pelas costas, diz Hermenegildo, "põe-se as mãos sobre os hombros, dizendo: Quem pôde "mais do que Deus? — O doente responde: ninguem! Esta "pergunta se faz tres vezes seguidas e depois se diz: — Jesus, "Maria e José! Senhor São Bento! Grande é o nome de Jesus! "Senhor São Bento foste bemaventurado Santo este bicho "que te offende vós distingue a peçonha delle com as suas "palavras—dizendo: Elia — Eló — Alamar — Sabatune". (Sic).

Accrescenta Hermenegildo:

"Esta oração reza-se tres vezes seguidas fazendo cruz com "o polegar em cima da cisura, sobre o peito esquerdo, na testa "e nas costas entre os hombros".

"Offende o doente beber agua em menos de 24 horas e es- "tando o mesmo com sêde como é costume, eu rezo a mesma "oração na agua que o doente poderá beber sem fazer mal".

"Da mesma forma faço com qualquer alimentação".

"Em presença do doente não se deve chamar pelo nome "de cobra alguma e havendo necessidade disso pode-se então "dizer: Lagartixa—Calango—Bicho!!!"

"Em quanto não se completa as 24 horas eu rezo a miudo e não consinto a entrada de ninguem no quarto do doente". "E quando erro a oração já sei: — o doente não escapa".

Continua Hermenegildo:

"Quando o doente está distante, uso o seguinte: Procuro o rumo em que está o doente e rezo a mesma oração, respondendo eu mesmo pelo doente, as perguntas que teriam de responder o doente e rezo tantas vezes que julgue necessário".

Eis a relação das pessoas curadas no município de Mirador pelo Hermenegildo, nos annos de 1917 s 1918 — todas mordidas de cobras, e quasi todas de cascavel:

Polycarpo Manoel Abreu, João Rolinha, Joaquim Capristano, João Braz, Manoel Lopes, Pedro Benedicto Motta e D. Leticia Bomfim, esposa do Procurador da República.

Muitos anmias mordidos de cobra têm sido curados pelo mesmo Hermenegildo.

Outro curador:

O Capitão Antonio Brahuna, dono do engenho Burity, Município de Mirador, é possuidor de bens de fortuna.

O sr. Brahuna é um homem notável em suas curas contra mordeduras de cobras. Ha mais de 50 annos que elle cura e nunca perdeu um doente! Nunca foi mal sucedido!

E—coisa espantosa!—sem que lh'o digam, elle sabe a cobra que mordeu a vítima e conta com todos os pormenores o accidente!

Contemos um caso, entre milhares que o sr. Brahuna possue:

Maria Capoeira, — residente em um povoado denominado "Paca", — distante de Mirador cinco leguas, — achando-se na roça colhendo mandioca para fazer farinha, foi mordida por uma cobra, mas desconhecida a qualidade da cobra, por não tel-a visto.

Atacada imediatamente pelo veneno, foi transportada para sua casa, em estado grave, tendo sido despachado, com urgencia, um portador para ir á casa do velho Brahuna.

Quando o portador sahiu já deixou a doente sem fala, com perda completa da vista, derramando sangue pelo nariz.

Chegando o portador á presença do Brahuna, elle pediu que lhe indicasse a direcção onde se achava a doente, e, "concentrando-se" por alguns momentos, respondeu: "Ella escapa e apesar do amigo tel-a deixado sem fala e sem nada enxergar, vae encontral-a falando e enxergando!"

Continuando, disse: "Olhe! é preciso que vão matar a cobra. Ella se encontra ainda debaixo da raiz da mandioca e é uma cobra coral". Após ter rezado, garantiu que a doente não morreria.

Tudo sucede exactamente: — a cobra foi encontrada de facto debaixo da raiz da mandioca e era uma coral; e, finalmente, a doente escapou.

Examinemos agora a oração usada pelo sr. Brahuna e que elle nos ensinou, por intermedio de um seu parente, o digno professor de Mirador — Augusto Brahuna. Ouçamol-a:

"Grande é o nome de Jesus e Maria José (repito tres vezes); "em seguida rezo o Credo — depois offereço á sagrada paixão "de Jesus, afim de que o veneno da serpente sirva de alimento "e sangue para o corpo de F... (nome do doente). (Sic).

Como se vê, o processo do velho Brahuna é completamente diferente do de Hermenegildo.

Deduz-se, pois, que as palavras, os processos theurgicos ou rezas, de nada servem, e nada absolutamente significam. O facto primordial, o "pivot" da cura — é simplesmente a condição mediumnica do curador, a intervenção, portanto, das intelligencias do Espaço, isto é, dos "Infinitamente grandes" (Espíritos) que, "envolvendo-se nos fluidos carnificados" do curador (que sempre é um médium), projectam no organismo enfermo o fluido curador, neutralisando, assim, o veneno.

O vocabulo "Espírito", technicamente falando, traduz uma substancia immaterial, o que não é exacto.

O Espírito vive, pensa e sente e, sendo o seu corpo composto de materia quintessenciada, julgamos que a qualificação de "Infinitamente grande", é mais racional.

Ao demais, existindo na sciencia contemporanea, a phrase "Infinitamente pequeno" para designar os seres microscopicos, melhor será que denominemos o Espírito de "Infinitamente grande", pelo menos nos assumptos scientificos".

Continuemos.

Indagando nós ao sr. Brahuna, como é que elle podia precisar, sem lhe ser dito, a especie de cobra que pica a pessoa e ainda mais contar com pormenores e detalhes o accidente, como fez no caso de Maria Capoeira, respondeu-nos que tem a intuição clara do facto, "ouvindo pela cabeça" todo o historico do caso. (Mediumnidade intellectiva?)

Resulta de tudo isto que o curador, seja elle quem fôr, é assistido por um "Infinitamente grande", devotado ao bem geral dos que sofrem.

Examinemos a seguinte experienca que nós fizemos:

Achavamo-nos acampados com muitos trabalhadores em um lugar denominado "Pedra de Fogo" — a oito kilometros da Villa de Pastos Bons no Maranhão.

Existindo nesse ponto uma mulher, que curava doentes mordidos por cobras, fomos visital-a, pedindo-lhes uma experienca.

Assim, compramos dois cabritos e mandamos que ella os fizesse picar por uma cobra cascavel.

Após as mordeduras da cobra, os cabritos permaneceram de pé; porém, minutos depois cahiram desfalecidos, arquejantes. Pedimos então á mulher que salvasse o primeiro e que deixasse morrer o que a cobra mordera em segundo lugar.

Começou a mulher a rezar e o cabrito escolhido foi melhorando, ficando bom momentos depois, ao passo que o segundo morria!

Não satisfeitos, tentamos dias depois outra experienca com duas cotias, animaes de estimação da casa, e desta vez com uma cobra jararáca. As cotias foram picadas com pequenos intervallos, pedindo nós á curandeira para ella rezar com o fito de salvar as cotias. E ambas foram salvas!

Passemos agora á cura das bicheiras.

Existe na fazenda da Lagoa Secca — Municipio de Mirador — um preto de 14 annos de idade por nome Felix, mais conhecido por "Mercurio".

A força curadora do Felix era desconhecida de todos os habitantes da fazenda. Apparecendo certa vez, no curral, uma vacca leiteira, com bicheira em um dos chifres, offereceu-se "Mercurio" para curar a vacca, fazendo o seguinte processo: Tomou um pequeno ramo de um mato rasteiro qualquer, perguntou onde pastava a vacca, isto é, queria saber o "rumo" onde costumava permanecer a referida vacca. Indicado o rumo, "Mercurio" rezou, fazendo diversos signaes da cruz. Dois dias depois verificou-se que a vacca estava já sem bichos.

Outro caso:

Um fazendeiro vinha do campo conduzindo uma vacca parida, cujo bezerro tinha muitas bicheiras; o fazendeiro tencionava curar o bezerro com medicamentos, quando lhe appareceu o curador F. Rios, affirmando que curaria o bezerro por meio de rezas. O fazendeiro accedeu e Rios, "circulando o bezerro com passos cadenciados", rezava sem tocar o bezerro. — Dois dias depois o animal não tinha nem um só bicho nas feridas!

Eis a oração usada pelo curador: — "Pae eterno pelo sacrificio do vosso Filho vos peço que termine a enfermidade deste animal".

Vejamos este outro:

Um animal de sella, de grande estimação, achando-se solto no campo, appareceu com a alavanca atacada interiormente, de bichos; era uma bicheira enorme, proveniente de uma grande ferida. Tudo foi feito para o animal melhorar e nada se conseguiu; como ultimo recurso o dono do animal mandou buscar um curador a uma fazenda proxima. Chegando o curador rezou imediatamente e, momentos depois, os bichos começaram a cahir. Uma hora depois a ferida estava limpa, não existindo mais nenhum bicho.

Em todas as nossas observações, verificamos que, após a acção do curandeiro, ou melhor, após a reza do curador, os bichos — em seguida e rapidamente — começavam a cahir, como que "tontos", naturalmente pelos fluidos emitidos pelo curador e projectados pelo "Infinicamente grande".

Observamos tambem que, depois que os bichos cahiam e que a ferida do animal ficava limpa, centenas de moscas varigeiras (ellas são as causadoras das bicheiras), continuavam a pousar na ferida, mas sem mau resultado, pois jamais a ferida se arruinava de novo ou voltava a ter bichos. Porque? Devido tamsomente ao fluido curador projectado na ferida no animal pelo "Infinicamente grande", ficando a ferida após a acção fluidica, como que com um empastamento e, portanto, coberta da "materia fluidica" que a immunisava de novo mal.

Innumeros são os processos usados pelos curadores de bicheiras em os nossos sertões.

Conhecemos um que usava apenas as seguintes palavras ditas em cruz sobre o rastro do animal doente: "Jesus-Maria-José". Repetida tres vezes, o animal ficava curado.

Outro curador mais prolixo, assim resava:

"São José mentiu quando fugia para o Egypto com a virgem Maria. Fugio por necessidade, mentio por necessidade; assim cahirão os bichos desta bicheira — de 10 em 10 — de 9 em 9 — de 8 em 8 — de 7 em 7 — de 6 em 6 — de 5 em 5 — de 4 em 4 — de 3 em 3 — de 2 em 2 — de 1 em 1 — Amem." (sic)

Repetimos o que já dissemos: as rezas dos curadores não têm significação absolutamente nenhuma. Ellas servem sómente para a concentração do curador, que nada mais é do que um medium espontaneo dessa propriedade.

De tudo quanto temos dito, verifica-se que o "Infinitamente grande" é o agente curador, isto é, que o invisivel, a entidade extra-terrestres é quem opera a cura.

Os factos por nós aqui relatados, são conhecidos por qualquer brasileiro do interior — seja do Norte ou do Sul. Nos Estados de Minas, S. Paulo e Estado do Rio — em qualquer fazenda — os curadores de mordeduras de cobras e de bicheiras abundam.

Falemos agora, se bem que succinctamente, de um assumpto elevadissimo: — a "hydrophobia".

O grande Pasteur, disse uma vez: "Le virus rabique, existe dans la bave, tout le monde le sait. Mais d'où vient-il? Où est-il élaboré?"

"Jusqu'à présent, je n'ai constaté l'existence, du virus rabique, chez le chien enragé, que dans les glandes linguales et sur la muqueuse bucco-pharyngienne... (Comptes rendus — Academie des Sciences — Paris — 30 mai 1881).

Em nova communicação sobre a raiva, disse Pasteur:

"Toute rage de chien, d'homme, de cheval, de boeuf, de loup, de renard, etc., provient originairement d'une morsure rabique de chien enragé. "La rage n'est jamais spontanée..." (Comptes rendus. Acad. d. Sc.; 11 aout — 1884).

A propósito, vamos transcrever, do importante livro — "Hygiene da Alma" — (edição de 1874) do Barão de Feuchterlesbem — professor na Faculdade de Medicina de Vienna o seguinte relato:

"Um creado inglez, por ter lido a narração de uma morte horrivel causada pela mordedura de um cão damnado, achou-se immediatamente atacado de hydrophobia, e só o poderam salvar por meio de um tratamento appropiado aos verdadeiros hydrophobos. ("Britannia, April, 1725")".

Mas, porque razão — perguntamos — esse homem foi atacado de hydrophobia sem ter sido mordido?

A razão é bem simples. Os fluidos, sob o aspecto physico, tornam-se força de transmissão, de propulsão e também de atração.

Assim, no caso em questão, o criado atraíu, pela força do pensamento, os fluidos da doença que matou, o hydrophobo.

A sciencia de hoje conhece e sabe que o "Infinitamente pequeno" é o causador de todas as dores physicas, de todas as desgraças, de todas as lágrimas e de tão grandes molestias; porque, pois, a sciencia moderna não estuda as curas operadas pelos "Infinitamente grandes"—com o concurso de um mediador — um medium enfim?

O curador de mordeduras de cobras poderá também curar o homem ou o animal atacados de hydrophobia?

Respondemos pela affirmativa.

Pergunta Pasteur:

"De onde provirá o virus da raiva?"

Respondemos:

Em geral, o cão, o gato e o lobo "comem capim" — mas sem motivo justificado e raramente, talvez por desfastio.

Perguntámos:

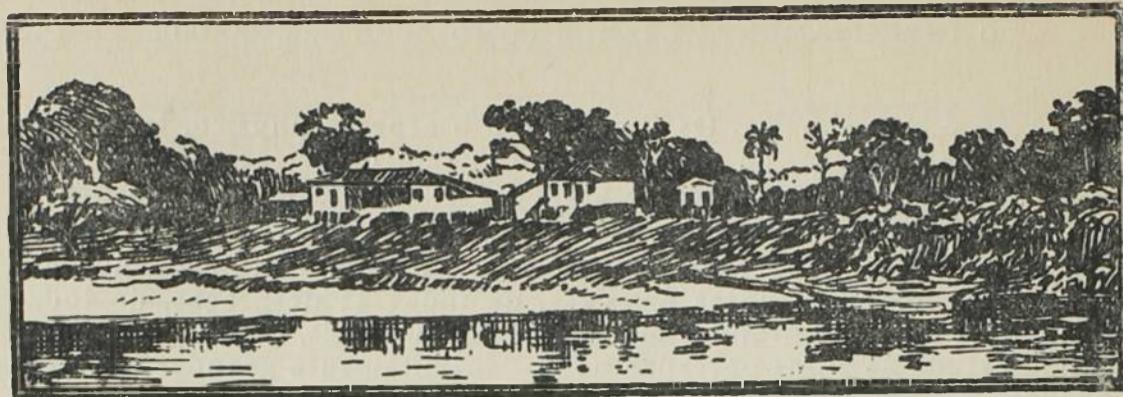
Não será devido ao "capim" — (gramma?...) que esses animais são atacados de hydrophobia?

.....

Vamos terminar aqui as nossas notas syntheticas, que despertarão, talvez, algum interesse aos scientistas brasileiros.

Nós nos esforçamos por desenvolver a technica clara e a pratica atraente, e tivemos grande cuidado em não citar senão factos e experiências absolutamente pessoais. E' esse o unico merito deste trabalho. Ao demais, se um unico homem for despertado por estas "Notas" — para estudos futuros, nós nos consideraremos grandemente recompensados.

Rio de Janeiro — 1920 — Dezembro.



CONTROVERSIA ESTHETICA

MAGALHÃES DE AZEREDO

As últimas notas do orgão serpejavam pela egreja com os últimos raios do sol poente phyltrados atravez dos vitrais de cores intensas, e a multidão dos fieis, num borborinho de rezas finais, de cumprimentos, mexericos e risinhos abafados, se ia escoando pelas duas portas abertas sob a fachada gothica, ainda que modernissima. O tépido cheiro humano, um pouco acre, de toda essa gente agglomerada, seguia lentamente o rumo dos seus donos; e, em breve, naquelle ambiente de meditação e piedade, só permaneceriam, puras, as fragrancias do incenso fluctuante em ondas imponderaveis, e das flores frescas, prisioneiras dos altares.

Diante de um d'estes, o segundo á esquerda, particular interesse dos assistentes se manifestava em paradas e olhadas longas em perguntas e commentarios de uns para outros; e mesmo quando o pequeno templo estava já quasi deserto, um grupo de homens graves ficou parado, alli, a confabular. Frei Ambrosio, o sacristão, typo bixinho, magrinho, e já grisalho, com o seu nariz adunco de probocidio sobre a bocca sem labios, ia prestando a maior attenção ao que elles diziam, enquanto, de vagar, como cóxo que sempre fôra, andava, de candelabro em candelabro, a apagar os cirios.

O que atrahia a curiosidade de toda a gente era um quadro novo, inaugurado naquelle mesmo dia, e obra do célebre pintor húngaro Boroviczéni. Representava Santa Cecilia; e no relevo do desenho, no brilho viçoso do colorido, na diaphana e primaveril luminosidade, como na vitalidade persuasiva das figuras, fazia honra ao nome desse jovem discípulo e já rival de Lazsló. Mas via-se logo a diferença entre o espírito deste, e o do alumno; faltava alguma cousa ao painel; a elegante dignidade soberana do mestre. Em compensação — se compensação havia — sobrava a desenvoltura de gesto e processos, que destemperara o caracter austero da scena sacra na frivolidade mundana de um quadro de género, desorientando os observadores desprevenidos

A santa apparecia sentada, não diante do clássico orgão, mas de uma especie de piano — quanto o deixavam perceber os panejamentos de um sumptuoso brocado de seda amaranto atirado sobre o instrumento.

O seu costume não tinha o cunho de uma época especial; mas era... uma "toilette"; "toilette" de moça rica e faceira, não túnica modesta, singela, de antiga donzella christan. Na verdade, sim, reparando-se bem, se diria que ella trajava, pouco mais, pouco menos... um d'esses vestidos que vemos hoje nos salões e pelas ruas, e contra os quais têm fulminado anathemas vehementíssimos as mais altas auctoridades ecclesiásticas. Não chegara a leviandade irreverente do pintor até a saia, cinco centímetros, ou menos, abaixo dos joelhos; o piano encobria a figura da santa até a cintura. Mas, com ligeira diferença, a largura do decote, a escassez das mangas estavam de acordo com a moda do nosso desgraçado tempo.

Sobretudo, a "interpretação" da physionomia e da attitude era quanto se podia phantasiar mais contrario ao espirito tradicional da religião catholica. Cecilia não tinha os olhos erguidos para o céu, como se vira sempre, e era natural em quem fizesse da musica uma forma de prece, mas com elles entre risonhos e lánguidos mirava o público, á guisa de artista, que, executando com maestria um trecho complicado, já de antemão presentisse o fragor dos aplausos. Dois homens a ladeavam; um á direita do piano, um velho de perfil com barbas e todo o geito de Fausto, que, curvado para ella, parecia lhe algum conselho, ou exprimir qualquer opinião sobre a peça musical; o outro, um pouco mais para o fundo, um pouco na penumbra, moço pálido, pensativo, e bello, de fronte vasta e longos cabellos castanhos, se diria um poeta arrebatado, extasiado pelas melodias, que os dedos alvos e afilados, lindos, da moça despertavam entre as teclas do piano. E a presença dos dois homens, o seu aspecto alheio de todo a qualquer emoção religiosa, rematava o feitio radicalmente profano daquella obra de arte.

Frei Diniz, o guardião do convento annexo, homem douto, justo, e sereno, tinha feito esses reparos mesmos ao pintor. Mas o ardente Boroviczéni defendera com calor e tenacidade o seu conceito, citando uma infinidade de exemplos em painéis da Renascença, admittidos e venerados nos templos catholicos. Nelles igualmente, as normas tradicionaes pareciam violadas; figuras de cortezãos e damas, até de jograis e anões grotescos, rodeavam o Christo, a Madona, os Apóstolos; os milagres mais tocantes eram representados num ambiente movimentado, quasi tumultuoso, de banquetes, concertos, e bailes campestres... Nem por isso as intenções de Paulo Veronez, de Paris Bordone, ou de Rubens, teriam sido menos devotas; e o povo, afinal de contas, o povo, o grande juiz em assumptos de arte, acatava esses painéis como sacros, e diante d'elles, rezava, de joelhos, com todo o seu fervor...

Decidiu o guardião: "Pois bem. Submettamos o quadro ao julgamento do povo. No proximo domingo, haverá aqui função religiosa muito concorrida. Tomaremos nota do que disser a gente... "Vox populi, vox Dei!"

Quando a egreja ficou deserta e silenciosa, frei Ambrosio, o sacerdote, aferroulhou as portas, e foi, açodado, bater á cela do guardião.

Tardava-lhe o momento de referir ao superior tudo o que ouvira, insinuando-se disfarçadamente, como uma fuinha, por entre os grupos de fieis pertencentes a diversas classes da sociedade. Ardiâ-lhe as orelhas e zoavam-lhe os tímpanos, dos inúmeros commentários indignados, e dos não poucos gracejos de mau gosto, que, acerca do quadro novo, surprehendera, e cuidadosamente registrara na memória. A impressão de escândalo fôra geral, unâmice; e elle, velho franciscano, cioso entre os mais ciosos, embora leigo, do prestigio da

ordem, e do convento, e d'aquelle egreja, onde contava já vinte annos de serviço como sacristão, rosnava e rugia de cólera contra o pintor extravagante, á semelhança de cão fiel, que contra um larapio defende a segurança da casa amada.

Chegado á presença de frei Diniz, encetou, depois de profunda reverencia, o seu relatorio; mas com tanto alvorôço, com tanto afan em contar as enormidades ouvidas, que por bem cinco minutos não logrou mais que balbuciar e tagarelar em grande confusão, misturando opiniões com interjeições, burlas com invectivas; era uma torrente de palavras quasi inintelligiveis, que lhe obstruia a garganta e a lingua, como jôrro impetuoso obstrue uma torneira de calibre demasiado estreito para lhe dar passagem.

"Calma, frei Ambrosio, calma — admoestou o guardião, que era a calma em pessoa. — Isto não é sangria desatada. Vamos em boa ordem; cada dito por sua vez. Então, o quadro desagradou, hein?"

"Desagradou? Saiba vossa paternidade que poz toda a gente fóra de si, nada menos!"

E, mettendo em filas, por um enérgico esforço, as phrases ávidamente colhidas com a diligencia de um advogado para os fins da sua these (pois frei Ambrosio, em sua simplicidade arguta de exemplar religioso, condemnara na propria consciencia o quadro, apenas o vira), elle, com as suas pupillas fuzilantes, e o immenso nariz irritado sobre a bocca sem labios, no acerbo furor ainda mais sumida, elle, com vastos gestos angulosos dos braços magros, em volta dos quaes as mangas largas da cogula esvoaçavam, declarou, ponto por ponto, o que se dizia na egreja: "que "aquillo" não era santa, nem nunca fôra; que mais parecia uma actriz, e não das melhores; que tinha ares de rapariga namoradeira; que trajava com uma garridice e um luxo, impropios da virgem martyr, desdenhosa de vaidades mundanas, e toda absorvida nas visões do paraíso; que aquelles olhos fitos na gente constituiam uma profanação; que o piano tocava o cúmulo do ridiculo; que ninguem entendia o que faziam no quadro os tais dois homens, o velho a segredar cousas junto á cara da virgem, o moço a pensar, mas, pelos modos, não pensamentos edificantes; que nunca se collocara numa egreja uma pintura tão exquisita, e todos se admiravam como o pobre guardião, religioso correcto e austero, cahira em tão censuravel condescendencia; que só se podia explicar o facto por um enfraquecimento das facultades mentaes do referido padre guardião, em consequencia da edade, ou de alguma doença..."

Neste tópico aventuroso do discurso, frei Ambrosio estacou, assombrado da sua propria ousadia. E atenuou, corrigiu: — "Perdão, reverendíssimo; peço mil desculpas a vossa paternidade... mas... vossa paternidade me ordenou que repetisse tudo... Naturalmente... idiotas serão os que se atrevem a duvidar do bom criterio de vossa paternidade... mas... isso mesmo prova o grau de irritação e despeito, a que chegou o povo por causa da malsinada pintura..."

"Continue, frei Ambrosio, vá contando..."

"As velhas beatas, reverendíssimo, frequentadoras da egreja vinte ou trinta annos a fio, eram as mais furiosas; cinco ou seis d'ellas avançaram para mim, tomndo-me contas do "sacrilegio", aos empurões, aos puxões nas mangas do hábito, e quasi me batem... Algumas moças bonitas, filhas e netas, e sobrinhas das taes comadres, miravam a scena, e achavam graça, riham. Se não me salvo mais que de pressa, fugindo para a sacristia, quem sabe que rôlo sahia d'allí?"

"Com que então, frei Ambrosio, nem uma opinião favoravel ao quadro? nem uma só?"

"Agora explicarei tambem isso a vossa paternidade. Um grupo de senhores se demorou na egreja, diante do altar, depois de ter sahido toda a outra gente. Pelo que percebi, eram professores, peritos... qualquer coisa assim. Falaram, discutiram, uns pró, outros contra, "as pinceladas largas, a maneira franca, a belleza das figuras, a magnificencia do colorido, da luz". Um d'elles disse: "Quadro de primeira ordem, não ha duvida". O mais velho, o que parecia de maior auctoridade, respondeu: "Sim, senhor; pintura excellente, mas para uma sala de visitas, não para uma egreja. Apostaria mil liras em que, si se perguntasse a outras tantas pessoas o que representa o quadro, nenhuma advinharia que Santa Cecilia!" Reverendíssimo, revendíssimo, eu nada valho, sou apenas um humilde e tosco frade leigo, mas prevejo que a comunidade passará por grandes desgostos, se aquele quadro ficar onde está. Mande vossa paternidade tiral-o de lá, reverendíssimo!"

O guardião sorriu maliciosamente; reflectiu alguns minutos, sacou da algibeira uma grossa caixa de rapé, offereceu uma pitada a frei Ambrosio, e absorveu outra com lento prazer. Levantou-se então da poltrona, e disse: "Vamos falar com o pintor".

Boroviczéni estava no convento, á espera da sentença popular, e não absolutamente ignaro d'esta, pois um pouco andara a girar elle proprio, incógnito, entre os fieis, aguentando muita pancada á direita e á esquerda. Com o guardião e outros frades, desceu á egreja, e cercaram todos o altar.

Frei Diniz tomou a palavra, com delicadeza, com diplomacia, espalmando o bálsamo do louvor sobre as feridas, que era forçado a lacerar.

"Professor — dizia — bem vê que o seu talento de artista está fóra e acima do debate. Ninguem nega que o quadro seja esplendido, mas são todos concordes em affirmar que não é um painel sacro. Houve da sua parte um êrro de "interpretação", nada mais. Que artista não commette algum êrro d'esse gênero? e ainda bem, quando o resgata com tanto brilho de forma! O seu espírito innovador, audaz..."

"Mas, reverendíssimo — exclamou o pintor, excitado e impetuoso, como sempre — que dizem afinal? que essa moça não é Santa Cecilia? mas quem d'elles conheceu Santa Cecilia? Ora! o piano? um anachronismo? o orgão não seria menos anachronismo; que nem lhe suspeitavam a existencia os antigos romanos! O vestuario? a "toilette", como dizem? e havemos de ser escravos da infame "côr local", de que os genios da Renascença tão sábiamente se libertaram? O que se deve querer, penso eu, na pintura sacra, é o prestigio do symbolo, único elemento capaz de regeneral-a... Mas para isso temos que romper com os modelos gastos pelo uso e pelo abuso, com o conventionalismo, com os "clichés"... A falta de comprehensão dessa verdade é que enche as egrejas de obras frias, sem alma, toadas commerciaes..."

"O illustre professor tem razão em these — observou frei Julio, um moço, em cuja physionomia franca a intelligencia prompta e a imaginação briosa fulgiam — e poderá realisar grandes cousas com esse criterio. Mas a idéa é tão nova, que não admira se a primeira tentativa falhou. A inspiração religiosa não accudiu, desta vez, ao seu appello..."

Os outros frades trocavam impressões entre si, sem entrarem em debate geral. Dois d'elles não sei se falavam do quadro, ou de algum problema de philosophia; pois, dos argumentos proferidos em tom

baixo, se destacavam, de quando em quando, termos escolásticos: “*Ergo... distinguo... nego consequentiam...*”

“Sim, meu caro senhor Boroviczéni — volveu o guardião — é ao redor desse fulcro que gira todo o problema. A figura da santa e a dos dois homens, o piano, o ambiente insólito, tudo passaria talvez, se a “atmosphera” do quadro fosse mystica. Mas não é, não; é profana, é mundana!”

“Pois será! — resmungou, com mau humor, o artista — nesta subtileza theologica não hei de disputar competencia a doutores formados por São Boaventura e São Thomaz de Aquino!”

Voltou-se, e viu a seu lado o pintor Bellini, intimo amigo seu, que entrara nesse instante, com o andar lento e discreto, e a serenidade pensativa, que o distinguiam. Boroviczéni o prezava muito, e lhe acatava a opinião como poucas; pois, conhecendo-lhe a modestia excessiva, que o eximia de qualquer parcialidade de concorrente ou rival, melhor lhe acceitava, com o talento, a superioridade incontestavel da cultura. Bellini manejava maravilhosamente a pena, como o pincel; os seus versos traduziam, em estylo proprio, e com eurythmia perfeita, o sentimento profundo de uma alma, talvez, demasiado pura e fina para o nosso tempo; e nos seus quadros, muito meditados, compostos com esmero, revelava-se um temperamento distinto, que não precisava de temeridades revolucionarias para afirmar a sua distincção. Essas e outras qualidades, entretanto, ficavam neutralisadas na vida prática por aquella excessiva modestia, que o atrazava em todos os seus trabalhos, e o levara a desistir da porfia artística, na qual outros, de menos valor por certo, haviam conseguido a fama e a fortuna, que lhe não couberam em sorte. Isso mesmo, porém, lhe corroborava a auctoridade de juiz.

Boroviczéni tomou-lhe o braço, e apartou-se com elle, um pouco, do grupo dos frades: “Todas as cousas humanas — murmurou — devem ser “*ancillae theologiae*”. Como a philosophia, tambem a pintura, a escultura, a architectura, a música... e quem sabe? a dansa por seu turno. Ainda havemos de bailar nas procissões, como David diante da arca? Hein? que achas?” O mau humor se lhe desabafava numa ironia feroz.

Bellini interveio, com a placidez habitual: “Não tens razão, desta vez, meu amigo. Não se pode ter razão sempre. Aqui não se trata como tu dizias, de subtileza theologica. Não te recordas já de que, quando me chamaste para ver essa pintura em esbôço, eu levantei as mesmas objecções que acabas de ouvir... e que não são dos frades sómente, mas do público? Reformar a arte sacra... sim, é uma bella e grandiosa idéa; mas nenhuma cousa se pode reformar, se não no sentido da sua propria natureza. E esta arte sacra, então, que é universal, e conta vinte séculos de historia! O prestígio regenerador do symbolo!... óptima idéa, mas um tanto vaga... Em summa, que pretendes symbolisar nesse quadro?”

“Meu Deus! é tão claro! salta aos olhos: a Música extasiando a Mocidade e a Velhice!”

“Lavraste tu mesmo a sentença! Essa alegoria estaria muito bem na sala de honra de um conservatorio. Mas que tem de commun com Santa Cecilia? Santa Cecilia, si a queres transmudar num symbolo, não é “a Música extasiando a Mocidade e a Velhice”, mas “a Música celebrando as glórias da Divindade, e offertando-lhe a adoração dos homens”...”

“Pois vá lá, vá lá; comtigo ninguem pode. Padre guardião! — bradou, voltando ao grupo dos frades: — Dou a mão á palmatoria: as

duas mãos; a que moveu o pincel, e a que segurou a paleta. O caro amigo Bellini fez-me entrar na cachola, com toda a nitidez, em poucas palavras, as razões de vossa paternidade e do respeitável público. Frei Ambrosio — acrescentou, dirigindo-se ao sacristão — ajude-me cá a retirar o quadro."

Frei Ambrosio não cabia em si de contente; tremia todo, ria e chorava a um tempo. Ia-se embora — Deus fosse louvado! — a falsa santa!

Já começava, com o pintor, a destacar a moldura, quando a porta da sacristia rangeu nos gonzos, e viram todos entrar na egreja o cardeal da ordem, que morava no convento anexo. Tinham-lhe falado tanto da pintura; quiz vel-a também elle. Era um velhinho pequenino, muito curvo, quasi nonagenario, quasi cego, quasi decrépito. Caminhava a passos miudos, vacillantes, apoiado ao braço de um frade leigo, que o servia. Parou em frente ao altar, ergueu a custo a trémula cabecinha branca meio coberta pelo solidéo vermelho, mirou, tornou a mirar, approximou-se, afastou-se, tornou a approximar-se, formou com os dedos entrecerrados uma especie de binóculo, e declarou: "Muito bom; muito bom. Aquelles anjos têm, na verdade, um aspecto celeste. Não acha, padre guardião? Cumprimentos, cumprimentos; isto é que é pintar!" — concluiu, apertando com entusiasmo as mãos do pintor.

Quedaram todos embasbacados, por que não havia nem sombra de anjos no quadro; encrespou alguns labios um risinho trépido, logo dominado pelo respeito devido a sua eminencia.

Frei Diniz sussurrou ao ouvido do cardeal: "Depois lhe explicarei tudo, eminentíssimo. Ha umas objecções... liturgicas."

"Ah! isso então!" — respondeu o cardeal, esboçando um gesto vago; e, tendo saudado os presentes com um aceno da cabeça, retirou-se da egreja lentamente, apoiado ao braço do seu frade leigo.

"Não repare — segredou o guardião a Boroviczéni — Sua eminencia já quasi não vê; e tem o intellecto fatigado... muito fatigado..."

Iam retirar-se os outros frades também — o quadro, já apeado do altar, estava encostado a uma parede da capela — quando outra vez se abriu — escancarou-se com ímpeto — a porta da sacristia, e um latagão enorme, de seis pés de altura e circumferencia adequada, —avançou, a passo de halabardeiro, pela nave central. Por cima do hábito franciscano trazia atado um avental de algodão branco, riscado de azul, sob o qual o ventre ponderoso rolava, da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita sobre as coxas robustas, como um tonel sobre duas columnas movediças. Com um vasto lenço de ramagens vermelhas, o Falstaff monástico esponjava o suor transbordante das largas bochechas mais vermelhas ainda, e das rosas do pescoço taurino, que o capuz, muito arregaçado, deixava ver com uma nesga de peito musculoso e pelludo. Era frei Roque, o cozinheiro do convento, que vinha também ver o famoso quadro.

Esperava elle encontrar deserta a egreja; por que, dando com os artistas e os religiosos ali, parou embaraçado, acanhado. Mas o guardião animou-o: "Venha, frei Roque, venha..."

Frei Roque, ainda meio aturdido, desmanchou-se em cumprimentos para todos os lados, na cómica seriedade de rustico menos acostumado a tratar com gente, que com fumegantes marmitas, couves e nabos, e mudos peixes. Plantou-se depois, muito attento, em face do quadro. Esteve assim dois ou tres minutos; e o interesse crescente se lhe denunciava no vinco fundo entre as sobrancelhas cerdosas. De repente, desmandibulou-se num accesso de estupefacção; e, virando-

se para os outros, gritou, meio suffocado: "Mas que Santa Cecilia? que Santa Cecilia?... Esta é minha sobrinha Thereza!"

Os frades cuidaram que elle ensandecera. Com as mãos apertadas uma á outra, e erguidas, com os olhos esbugalhados, húmidos de pranto, frei Roque suspirava: "E' ella! é a minha Therezinha!"

"Que significa isto, frei Roque?" interpelou, severo, o guardião.

"Ah! reverendíssimo! sim! é minha sobrinha, é a filha da minha unica irman! E' a Therezinha, que ha dois annos fugiu de casa, deixando a māi em lágrimas, e pondo-me numa grande tristeza por essa loucura, essa vergonha de familia, e numa anciedade sem treguas pela perdição da sua alma!... Professor, professor! — bradou agarrrando a Boroviczéni pela gola do casaco — diga-me, pelo amor de Deus! onde está, onde mora essa rapariga..."

"Essa rapariga? sim, chama-se, de facto, Therezinha. E' "modéia" de profissão: uma das mais procuradas. Todos os artistas da via Margutta a conhecem. Ao meu "estudo" vem muitas vezes. Agora, o endereço... tenho lá, no meu "estudo", posso mandar-lh'o. Ou... espere... espere... pode ser que o tenha aqui mesmo".

Puxou do bolso uma carteira, e d'esta um canhengo de notas. Folheou-o nervosamente. "Aqui está — disse, por fim — Therezinha Jacovelli, via San Cosimato, 10 — Trastevere." Arrancou a folha, e entregou-a a frei Roque.

O bom cozinheiro lacrimejava e babava-se de felicidade: "Professor caríssimo, fico-lhe grato para toda a vida. Oh! que favor me fez, que favor! Reverendíssimo, deixe-me ir amanhã mesmo á busca dessa pobre ovelhinha desgarrada!... Mas como está bonita a minha Therezinha! — exclamava, plantado de novo em frente do quadro — que moça de truz! e que elegancia! uma verdadeira senhora!..."

"Ora bem! ora bem! — interveio o guardião, cortando-lhe as expansões admirativas — Irá amanhã mesmo ver si a arranca a essa vida desgraçada de "modéia", e a restitue á māi. Mas por hoje volte ás suas panellas, frei Roque, volte ás suas panellas... Não tarda o momento da ceia"...

"Será bem sucedido frei Roque na sua piedosa empreza? — disse a frei Julio, depois que o cozinheiro sahira, o director espiritual do convento, frei Bernabé, exímio theólogo e experimentado confessor — Essas raparigas, quando tomam o gosto á vida airada!..."

"Quem sabe? — respondeu, pensativo, frei Julio, no seu juvenil mysticismo — não ficará talvez sem resultado a circumstância de se ter ella chamado Santa Cecilia num quadro destinado ao culto. Os designios da misericordia divina são insondáveis..."

Mas para frei Ambrosio, o sacristão, era inteiramente secundario o "caso" da Therezinha. A sua alma estava toda embebida, toda, em júbilo sem par, pela proscripção inappellavel d'aquelle painel profano para fóra da sua dilecta egreja. Não havia, no seu coração exultante, logar para outro sentimento qualquer. Sósinho já no templo silencioso, batia palmas como a applaudir um bello espectáculo; e, simples jogral do Senhor, esboçou, comquanto coxo, meia duzia de passos de **tarantella** — da **tarantella**, que, em pequeno, dansara nas ruas de Nápoles...

Dos "Casos de várias terras"



FABULAS EM PROSA

MONTEIRO LOBATO

O MACACO E O GATO

Simão — o macaco, e Bichano — o gato, moram juntos sob o mesmo tecto. E pintam o sete na casa. Um furtar “as coisas”, remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro arranha os tapetes, esfiapa as almofadas e bebe o leite das crianças, ás escondidas.

Apesar de amigos e socios, o macaco sabe agir com tal maromba que é elle quem leva a melhor em todas as peraltagens.

Foi assim no caso das castanhas.

A cosinheira puzera a assar, sobre brasas, uma duzia de castanhas, e saira, rumo da horta, a colher temperos. Os dois malandros, vendo a cozinha vazia, approximaram-se de manso, com piscadelas de intelligencia. Disse o macaco:

— Amigo bichano, tens uma pata geitosa, optima para tirar castanhas do fogo. Vamos! Toca a manejal-a!

O gato não se fez insistir e com arte sabia começar a tapear as castanhas, chamando-as para fóra das cinzas.

— Prompto, uma!...

— Agora aquella de lá... Isso! Agora aquella gorducha... Isso! E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

De repente, eis que surge a cosinheira, furiosa, de vara na mão, ameaçadora:

— Espera ahi, diabada!...

Os dois gatunos esvaem-se, aos pinotes, até alcançar couto seguro no telhado.

O macaco diz então esfregando as munhecas:

— *Boa partida, hein?*

Bichano suspira.

— *Para ti, que comeste as castanhas. Para mim, pessima, pois arrisquei o pêlo, incidi na vingança da criada, que, mais dia menos dia me descadeira a páu, e estou em jejum, sem saber que gosto tem uma castanhazinha assada...*

Simão, cavorteiramente, consolou-o:

— *Não te amofines, porque a vida é assim mesmo. O bom bocado não é para quem o faz, e sim para quem o come...*

O ASNO PEDANTE E O BURRO HUMILDE

Um asno pachola e pedantissimo atormentava a paciencia dum humilde burro de carroça, desses que reconhecem o seu lugar na terra. Zurrava o asno, declamava, provava que era elle um talento de primeira grandeza, e sabio como nunca appareceu igual no mundo.

O outro, quieto ouvia, de orelhas murchas, pastando.

— *Que bruto és, amigo! Falo e não me respondes! Zurro scien cia pura e tu pastas! Vamos! Dize alguma coisa! Contraria-me, contesta-me as opiniões, que estou a arder por uma polemica. Do contrario envergonhar-me-ei de ter-te como irmão na forma e na cõr.*

Um macaco, que tudo ouvia, comendo bananas num galho de fão, não se conteve e desfechou uma gargalhada:

— *O mundo está perdido! Esta besta a fazer-se de sabio, a surrar centenas de asneiras e o auditorio a engulir tudo, caladinho...*

O burro humilde replicou:

— *Não zombes do coitado — porque é um coitado, não vês? Quanto a mim faço bem em não responder. O poeta Bocage ensinou-me estes versinhos que são profundamente verdadeiros:*

Um tolo só em silencio
E' que se pôde soffrer...

O GATO E A RAPOSA

Gato e raposa andavam a correr mundo, de sociedade, pilhando capoeiras e ninhos. Muito amigos, apesar de que a raposa, volta e meia, dava tréla á gabolice, depreciando o compadre.

— *Afinal de contas, meu caro, não és dos bichos mais bem qui-*

nhoados pela natureza. Só tens um truque para illudir aos cães: trepar em arvore...

— *E é quanto me basta. Vivo muito bem assim e não troco esta minha habilidade pela tua collecção inteira de manhas.*

A raposa sorriu, compassivamente. Ora o gato a desfazer nella, dona de cem manhas cada qual melhor! E recordou lá consigo que sabia illudir os cães de mil maneiras, ora fingindo-se de morta, ora escondendo-se nas folhas secas, já disfarçando as pegadas, já correndo em zig-zag. Recordou todos os seus truques classicos. Enumerou-os. Chegou a contar noventa. E chegaria a cem si o rumor duma acuação lhe não viesse interromper os cálculos.

— *Está ahi a cachorrada! disse o gato, marinhando pela arvore acima. Aplica lá os teus innumeraveis recursos que o meu recursozinho unico já está applicado.*

A raposa, perseguida de perto, disparou como um foguete pelos campos afóra, pondo em prática, um por um, os cem recursos da sua collecção.

Mas foi tudo inutil. Os cães eram mestres; não lhe deram trégoas, inutilisaram-lhe as mais engenhosas manhas e acabaram por ferral-a.

Só então se convenceu a raposa — muito tarde!... — de que é preferivel saber bem uma coisa só do que saber mal-e-mal noventa coisas diversas.

O REFORMADOR DO MUNDO

Americo Pisca-Pisca tinha o habito de pôr defeito em todas as coisas. O mundo para elle estava errado e a natureza só fazia asneiras...

— *Asneiras, Americo?*

— *Pois então?!*

Aqui mesmo, neste pomar, tens a prova disso. Alli está uma jaboticabeira enorme, sustendo fructas pequeninas, e lá adeante uma colossal abobora presa ao caule duma planta rasteira. Não era logico que fosse justamente o contrario? Si as coisas tivessem de ser reorganizadas por mim, eu trocaria incontinente as bolas, passando as jaboticabas para a aboboreira e as aboboras para a jaboticabeira. Não achas que tenho razão?

Assim discorrendo Americo provou que tudo estava errado e que só elle era capaz de dispor com intelligencia o mundo.

— *Mas o melhor, concluiu elle, é não pensar nisto, e tomar uma somneca á sombra destas arvores, não achas?*

E Pisca-Pisca, pisca-piscando que não acabava mais, estirou-se á sombra, de papo acima.

Dormiu. Sonhou com o mundo novo, reformado pelas suas mãos. Uma belleza!

De repente, no melhor da festa, plaf! uma jaboticaba que cae e lhe esborracha o nariz.

Americo desperta de um pulo; pisca, pisca; medita sobre o caso e reconhece afinal que o mundo não é tão mal feito assim.

E segue para casa, reflectindo:

— Que espiga!... Pois não é que si eu refizera o mundo a primeira vítima teria sido eu? Eu, Americo Pisca-Pisca, morto pela abobora por mim posta em lugar da jaboticaba? Hum! Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como está, que está tudo muito bem.

E Pisca-Pisca continuou a piscar pela vida em fóra, mas desde então perdeu a scisma de corrigir a natureza.

ASSEMBLEA DOS RATOS

Um gato, de nome Faro-fino, deu em fazer tal destroço na rataria duma casa velha que os sobreviventes, sem animo de sahir das tócas, estavam a pique de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembléa para o estudo da questão.

Aguardaram para isso certa noite em que Faro-fino andava aos mios pelo telhado fazendo a corte a uma senhorita gata.

— Acho, disse um delles, que o melhor meio de nos defendermos de Faro-fino é atar-lhe um guizo ao pescoço. Assim, mal se approxime a féra, o guizo a denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa idéa. O orador foi abraçado e gabado como o maior talento da geração e posto a votos o projecto foi approvado com delirio. Só não votou nelle um rato casmurro e muito positivo, o qual, pedindo a palavra, disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem amarra o guizo no pescoço de Faro-fino?

Silencio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembléa dissolveu-se no meio de geral consternação.

Dizer é facil; fazer é que são ellas!

O SABIA' NA GAIOLA

Lamentava-se na gaiola um velho sabiá.

— Que triste destino o meu, nesta prisão, toda a vida!... E que saudades dos bons tempos de outróra, quando minha vida era um continuo esvoaçar de galho em galho, em procura das laranjas mais bellas... Madrugador, quem primeiro saudava a luz da manhã era eu; como era eu o ultimo a despedir-me do sol á tardinha. Cantava e era feliz...

Um dia, traiçoeiro visgo me ligou os pés. Esvoacei, debati-me em vão, e vim acabar nesta gaiola horrivel, onde saudoso choro o tempo da liberdade. Que triste destino o meu! Haverá no mundo maior desgraçado?

Nisto abre-se a porta e entra o caçador, de espingarda ao hombro e uma fileira de passarinhos na mão.

Ante o espectaculo das miserias avesinhas estraçalhadas a tiro, gottejantes de sangue, algumas ainda em agonia, o sabiá estremeceu.

E horripilado verificou que não era dos mais infelizes, pois vivia e inda não perdera a esperança de recobrar a liberdade de outróra.

Reflectiu sobre o caso e murmurou, lá de si consigo:

— Antes penar que morrer!

O LOBO, A RAPOSA E A OVELHA

Adoecera o lobo e, não podendo caçar, curtia na cama de palha a maior fome da sua vida. Foi quando lhe appareceu a raposa, a visital-o.

— Bemvinda sejas, comadre! E' o céo que te manda aqui. Estou a morrer de fome e se não me soccorres nesta apertura, adeus lobo!...

— Pois espera ahi que já te arranjo uma rica petisqueira, respondeu a raposa, com uma idéa na cabeça. Fechou a porta sobre si e tocou para a montanha onde costumavam pastar as ovelhas.

Encontrou logo uma, desgarrada.

— Viva, anjinho! Que faz por aqui, tão inquieta? Está a tremer...

— E' que me perdi e tremo com medo ao lobo.

— Medo ao lobo? Que bobagem é essa? Pois ignora você que o lobo já fez as pazes com o rebanho?

— Que me diz?...

— A verdade, filha. Venho de casa delle, onde conversamos longamente. O pobre lobo está na agonia e muito arrependido da guerra que moveu ás ovelhas. Pediu-me que dissesse isto a vocês e as levasse lá todas, afim de sellarem o pacto da reconciliação.

A ovelhinha ingenua pulou de alegria. Que socego dalli por diante, para ella e demais companheiras! Que bom viver assim sem o terror do lobo no coração!

E, enterneida, disse:

— Pois vou eu mesma sellar o accôrdo feliz.

A raposa, á frente, condul-a ligeira á toca da féra.

Entram. A ovelhinha quasi desmaia quando dá com o lobo, estirado no catre.

— Vamos, disse a raposa, beije a pata do magnanimo senhor! Abrace-o, menina!

A inocente, vencendo o horror, dirige-se para elle e abraça-o. Neste momento o monstro ferra-lhe o dente, mata-a e come-a.

Muito padecem os bons que julgam os outros por si.

AS ABELHAS E OS ZANGÃOS

Apparecendo n'uma arvore uns lindos favos de mel sem dono, os zangãos os reclamaram logo, como coisa delles. As abelhas, porém, protestam.

— Alto lá! Mel é comnosco, disseram ellas.

Não havendo accordo possivel a questão subiu aos tribunaes.

Houve inquerito, exames, vistorias, interrogatorio de testemunhas, mil coisas; mas o caso, embrulhado pelos rabulas, dia a dia se tornava mais difficult de resolver. Enquanto isso o mel azedava e as formigas roiam a cera.

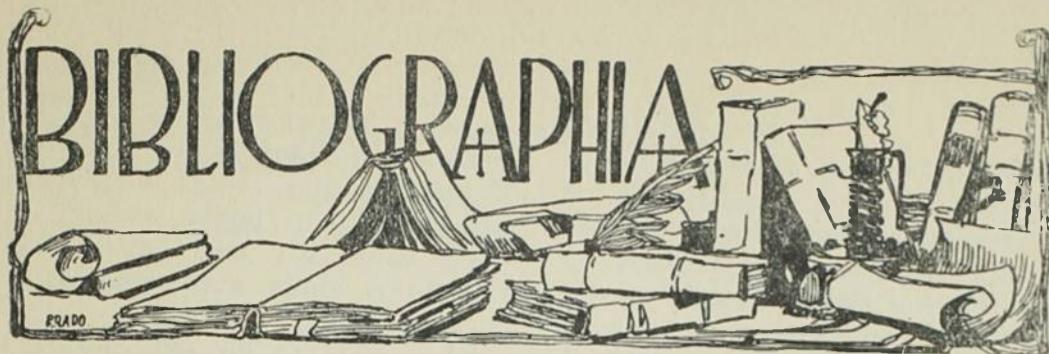
Cançadas de lidar com a justiça resolveram as partes consultar um jaboti de grande tino, que em duas palavras resolveu a questão.

— E' muito facil decidir uma pendenga destas. Basta que tanto os zangãos como as abelhas façam, aqui perto de mim, um trabalho igual. Deste modo, comparando os favos sem dono com a amostra do trabalho de cada uma das partes, verei logo qual é a legitima proprietaria delles.

— Prompto! disseram as abelhas, preparando-se para a tarefa.

Os zangãos, porém, emmudeceram, e trataram de raspar-se, desapontadissimos.

Não basta allegar, é preciso provar.



Ribeiro Couto — JARDIM DAS CONFIDENCIAS — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo. — 1921.

Ribeiro Couto se revela, logo de entrada — este é decerto o seu primeiro livro — um poeta feito. "Jardim das Confidencias" tem feitio proprio e inconfundivel, na espiritualidade da atmosphera que offrece a quem o penetra e se vae assentar á sua sombra acolhedora e propicia. E' um sopro tenue de vapor aromatico — si é possivel traduzir assim, numa imagem material, a impressão que produz.

A delicadeza da sua poesia, ás vezes, mesmo quasi nol-a furtá de todo, deixando-nos suspensos no ar, cm que apenas reconheceremos aquela atmosphera... Assim, quando canta a chuva, as velhas grades, o portão.

Não raro, entanto, o delicioso "Jardim" nos confidencia phrases de eloquencia viva, revelando aos nossos olhos formas definidas e palpaveis, mesmo na sua extrema delicadeza, traço que lhe é caracteristico.

Uma das melhores composições do livro é a "Canção de uma noite voluptuosa":

No céo quasi perto, a lua
vaga sobre a nossa rua,
entre nuvens que clareia.
Põe os olhos, por instantes,
põe os teus olhos errantes
nessa linda lua cheia
que anda a sorrir aos amantes.
A essa mesma claridade

quanta vez, em outra edade,
subindo os balcões de rosas
pelos degraus de uma escada,
poetas de alma encantada
beijaram boccas formosas
de princezas de ballada!

A nevoa que sob a lua,
frouxa e diaphana, fluctua,
diaphana e frouxa, de renda,
é feita de ais escalados
de muitos peitos maguados,
segundo reza uma lenda
contada por namorados.

Suave noite de lua!
No ar cheiroso se insinua
uma caricia enervante...
Minha canção emmudece.
Depois, um beijo... uma prece...
E em tua bocca de amante
a minha bocca adormece.

Mas, onde o poeta attingiu o maximo da sua inspiração foi, sem duvida, nesse primor de poesia que é "A moça da estaçōsinha pobre" e que, por si só, o consagraria:

Ei, amo aquella estaçōsinha socegada,
aquella estaçōsinha anonyma que existe
longe, onde faz o trem uma breve parada...
Na casa da estação, que é pequena e
[cajada,]
móra, a se estiolar, uma menina triste.

A' chegada do trem, semi-erguida a
[cortina,]
ella espia por traz da vidraça que a
[encobre.]
Muita gente do trem para fóra se inclina
e olha curiosamente o rosto da menina,
tão anonyma quanto a estaçōsinha pobre.
O trem parte... Ficou na distancia,

[esquecida,]
a estaçōsinha... e a moça triste da
[janella...]
Mas vae commigo uma lembrança dolo-
[rida...]
Quem sabe si a mulher esperada na vida
não era aquella da estação, não era aquella,
aquella que ficou lá para traz, perdida?

Martim Francisco — CONTRIBUINDO — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

A' falta de espirito aristocratico -- já o notou alguem -- deve-se em nossa literatura a carencia quasi absoluta de memoria, genero que, ao contrario, floresce exuberantemente em paizes, onde, como na Inglaterra, aquelle espirito se aprofunda atravez dos seculos. Concomitantemente, o gosto dos papeis velhos, da correspondencia antiga, dos autographos preciosos, pelo mesmo motivo, poucos cultores encontra em nosso meio. Do nosso desamor por essas reliquias, que afinal são os melhores elementos da Historia, contam-se mesmo cousas espantosas. Certo ex-presidente da Republica — entediado com o trambolho da papelada — não confiou ás chammas apenas alguns bahus de sua correspondencia?

Dessa regra geral salvam-se, felizmente, excepções. A uma dessas devemos o interessantissimo volume — "Contribuindo" — um dos participios com que Martim Francisco concorre para a Historia e a critica, conjugando em pittoresco "modo frequentativo" o seu verbo escrever, tão cheio de brilho, de verve e espirito.

E' que, decerto, no meio desta democracia falha, em que tudo falhou, a começar da mentalidade, ainda medram, raros embora, rebentos aristocraticos da envergadura de um Andrada. Ahi, a explication. O eminent e scriptor e homem publico, uma tradição viva, que é tambem o mais legitimo representante da antiga nobreza na-

cional e historica, sendo ao mesmo tempo o fidalgo espirito de intellectual de que tantas provas tem oferecido, não podia senão dar o justo valor aos seus papeis, valorisando-os ainda mais com os publicar.

E' o que faz no seu recente livro. Estudando algumas das mais notaveis figuras da nossa politica e das letras, fal-o dessa maneira original e intelligente. Encara-as sob um aspecto especial, illustrando os seus assertos com documentos, que, de outra forma, permaneceriaam completamente fóra do nosso alcance. D. Luiz, Rio Branco, Affonso Arinos, Joaquim Nabuco, Euclides, João Mendes, Cesario Alvim, Saldanha Marinho, Francisco Octaviano, Bom Retiro, Itanhaem, Feijó, Bernardo de Vasconcellos, Martim Francisco, José Bonifacio, Warnhagem, Franca e Horta, Tiradentes e outros vultos são assim estudados, sob uma feição nova e com aquella acuidade que todos admiramos no illustre publicista.

"Contribuindo" é um livro indispensavel a quem ama a nossa Historia.

Cornelio Pires — CONVERSAS AO PÉ DO FOGO — Typ. Piratininha — S. Paulo — 1921.

Cornelio Pires é um dos nossos mais populares e queridos auctores. Livro seu é livro lido, muito lido por todos quantos neste paiz leem ou soletram. Procurando nos meios sertanejo e rural os seus typos, os seus assumptos, as suas scenas, umas comicas, tragicas outras, é um auctor que sempre tem interesse, seja para letrados, seja para os menos cultos, pois, si estes alli buscam prazer, alli aprendem aquelles a melhor conhecer o seu paiz e a sua gente.

"Conversas ao pé do fogo", de par com anecdotas, contos, historias, scenas de costumes, traz uma parte de estudos: são os capitulos em que se compendiam as observa-

ções de Cornelio Pires sobre os nossos caipiras, distinguindo entre elles os diversos typos, as variantes ethnicas e sociaes.

Um livro interessantissimo, cuja edição tem tido a maior procura.

Barão de Studart — DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DO BRASIL E ESPECIALMENTE DO CEARÁ — Typ. Minerva — Fortaleza — 1921.

O sr. Barão de Studart, estudioso notavel a quem as letras nacionaes muito devem, acaba de publicar o 4.º volume de documentos para a historia do Ceará. Entre a abundante materia contida nesse volume salienta-se uma carta imedita do padre Vieira, só o que bastaria para dar valor á obra.

Manoel do Carmo — A' PAUL FORT, GLOIRE! — São Paulo — 1921.

Por occasião da passagem de Paul Fort pelo Brasil, Manoel do Carmo compoz e publicou, em interessantissimo folheto, uma saudação ao nosso hospede. Impresso em caracteres manuscritos, o bello poemeto apresenta uma feição marcadamente original, seja pelo aspecto material, seja pelo proprio contexto: bellos alexandrinos franceses, correntios, imaginosos, bem acabados.

Arthur Motta — JOSE' DE ALENCAR — Ed. F. Briguiet & Cia. — Rio — 1921.

O sr. dr. Arthur Motta é um dos mais operosos trabalhadores da nossa historia literaria. Com o seu excellente volume — "Vultos e livros", ingressou o illustre engenheiro para o gremio dos estudiós das nossas letras, ás quaes ainda

muitos serviços prestará. Esse ingresso acaba de se confirmar num segundo livro.

"José de Alencar (o escriptor e o politico). Sua vida e sua obra" — é um livro do mais alto valor como pesquisa e documentação, tanto quanto estudo e exposição.

O grande escriptor, certamente o patriarca das nossas letras, grande pelo seu proprio valor de artista como pela extraordinaria influencia que teve e ainda tem na formação da alma nacional — não merecera ainda dos nossos criticos a attenção devida a tão notavel personalidade. A sua vida, a sua formação, o seu caracter não tinham tido um estudo completo. De Alencar conhece o publico brasileiro os seus romances. O homem da familia e o homem publico, o cidadão e o parlamentar, quem devidamente o podia apreciar, senão os rares letrados que conservam algumas reminiscencias da vida nacional de meia duzia de décadas atraç?

O sr. dr. A. Motta, preenche com o seu livro essa lacuna, rendendo ao excelso romancista o preito de justiça que se lhe deve. Estuda-o em todos os seus aspectos, como se vê do suggestivo summario: "Origem, educação, mocidade, trajectoria na vida publica — A formação do espirito e do caracter — O escriptor embryonario — Primeiras manifestações — Classificação da obra — O romancista — Comediographo e dramaturgo — O critico — O poeta — O jornalista — O politico — O orador — O jurisconsulto — O estylo — Influencia na literatura brasileira — Sua inspiração — Indianismo e nacionalismo — Os seus criticos — Fontes para o estudo da sua personalidade — Bibliographia".

Como se vê, um trabalho exhaustivo.

O volume, edição de F. Briguiet & Cia., do Rio, foi confeccionado a capricho nas officinas "Olegario Ribeiro", desta capital.

Gaston Leroux — A ESPOSA DO SOL (Trad. d^o Nykota Sampaio) — Ed. d^o "As Vozes de Petropolis" — Petropolis — 1921.

"A Esposa do Sol", de Gaston Leroux, é um romance admiravelmente concebido em uma trama delicada, mas interessante e emocionante, de aventuras, que se passam em meio ao scenario maravilhoso do Peru, o paiz dos Incas.

Traduziu-o a sra. Nykota de Sampaio, que se esmerou nesse trabalho.

A edição é das "Vozes de Petropolis", que tantas obras vem oferecendo á familia brasileira, pondo na sua escolha o maximo cuidado. O volume, excellentemente encadernado, é muito bem impresso em papel de primeira ordem.

Graça Aranha — "A ESTHETICA DA VIDA" — Ed. Garnier & Irmãos — Rio — Paris 1921.

Graça Aranha é no Brasil um dos poucos escriptores cuja palavra é conduzida por um pensamento philosophico. "Chanaan" é toda ella uma só disputa no terreno das ideias. E o mais admirável é que, sobre o fundo pesado dessa philosophia, propicio ao emmaranhamento inextricável da tautologia, tenha o auctor patrício feito a obra-prima que fez, um dos maiores sucessos das nossas letras. Na sua preocupação philosophica, o artista resume do pensador.

Agora, o inverso: o pensador nasce do artista. O creador da "Chanaan" já não talha o panno largo das ideias em vestes ajustadas aos seus personagens. Elle nol-as dá em sua simplicidade, em seus grandes e bellos padrões. E assim "A Esthetica da Vida", livro de pensamento e livro de arte, um dos mais admiraveis que no genero se tem escripto no paiz.

A ideia primordial da obra se

contém na phrase: — "Póde-se afirmar que a função essencial do espirito humano é a função esthetica e que só esta explica o Universo a nós mesmos". O desenvolvimento dessa ideia é um encanto: — nada concebemos sem imagens; "imaginar", função esthetica, é pois a função primacial do espirito. As concepções religiosas e philosophicas do mundo, são estheticas: o mathematico concebe-o como uma serie de equações, o naturalista como uma serie de formas. Dahi a concepção esthetica da vida.

Dentro desse largo pensamento fundamental, Graça Aranha enquadra os commentarios mais variados sobre os mais dispares assuntos: os de carácter nacional e os de natureza universal e humana, todos themes de alta cultura que o auctor desenvolve como um puro artista.

Angel da Estrada — EL TRIUMPHIO DE LAS ROSAS — Buenos Aires.

Angel da Estrada é um dos melhores escriptores argentinos. Poeta e romancista, a sua obra consta de perto de vinte volumes em prosa e verso.

Temos sob os olhos "El Triunphio de las Rosas", interessantissimo romance, cheio de brilho, que se passa em Roma, na alta aristocracia, entre um lord inglez e damas da sociedade romana. A narração tira o melhor do seu brilho — esplendor mesmo — de reminiscências historicas, literarias e artisticas, que dão á obra um fino sabor de cultura.

"El Triunphio de las Rosas" é o nome do pallacio, — monumento architectonico, cujos motivos ornamentaes são as rosas — em que se passam as scenas principaes do romance.

A leitura deste livro é um puro prazer do espirito.

RESENHA DO. MEZ



TIO ELESBÃO NÃO FALHA...

Lourenço Andrade, robusto mancebo de trinta annos, com casa de secos e molhados á margem da estrada de rodagem que vae da villa de XXX para o sertão de Marangatú, amava doidamente a formosa Lucinda, filha unica da viuva Campos, fazendeira lá para os lados de Santa Genoveva.

Não que a fazenda valesse alguma coisa: quarenta e poucos alqueires de macegaes, raro em raro manchados de capoeiras rasas... Além disto, terras convizinhadas por gente demandista e poderosa.

Mais do que tudo aquillo valiam os olhos ardentes e negros de Lucinda. Se valiam!

Mas — precalço dos precalços — nordeados andavam para outrem aquelles "dois pharões traiçoeiros", pittoresca designação que lhes déra o coronel Furquim, velho patuso e servicial, muito lido em tratados homeopaticos e nos almanacks de Laemmert, e que desempenhava, a contento geral, as funcções de curandeciro da zona.

Esse "outrem" eram um guapo caixeiro-viajante, bem fornecido de roupas e cheirando provocadoramente a Avenida Rio Branco, que, de quando em quando, pouava na fazenda.

Andavam as coisas neste pé, na occasião em que Lourenço resolveu lançar mão do classicó recurso de que, com exito, se serviam os Romeus daquellas paragens: — tio Elesbão.

Tio Elesbão era um velho preto feitiço que habitava, havia muitos annos, as margens do Parahyba.

Depois de ouvir as lamurias do moço apaixonado, o "cumba" coçou a calva luzidia de azeviche, rodeada aqui e alli por moitas de picuman á guisa de cabello, e, fixando os olhos mortiços de peixe considero em Lourenço, rosnou, com a sua voz tremula e fanhosa de valetudinario macobio:

— "O caso num é difici. Tudo depende de Lóriana, criada de quarto de nha Lucinda.

E explicou miudamente que para pôr em pratica a "mandinga", necessitava de

alguns fios das sobrancelhas da formosa Lucinda.

Por longos dias e enfadonhas noites de vigilia, a fazer parafusos sem rosca, Lourenço matutou sobre a maneira de conseguir os fios preciosos. "Tudo depende de Lóriana" — bem havia dito tio Elesbão. E dependeu, de feito.

Uma blusa de "pongé" côn de rosa offerecida pelo moço negociante á tregosa mulatinha, para o baile dos Cunhas, no sitio do "Curral da Onça", e tudo se conseguiu.

— "Agora sim. Nhonhô pode i buscá a moça. Num tenha susto. Si faiá, nhonhô num paga nada, uhé"!

E tio Elesbão, de posse do maravilhoso talisman, garantiu a infallibilidade da "mironga":

— "Num é primero caso qui resorvo. Pode preguntá ao só Lorindo do Varjão, quem foi qui arranjô o casório delle cum 'sá' Maricota... Tenha fé, moço!"

Lourenço, com um ar de incredulidade a principio, ao ouvir falar no Lorindo do Varjão, ficou radiante. O caso fôra mesmo inexplicavel. Maricota, moça clara e bem bonita, detestava o caboclinho, e eis senão quando o casamento se realiza e tudo corre ás mil maravilhas.

Sob nova disposição de espirito, o mancebo montou o rosilho e partiu vertiginosamente para casa. Deu algumas ordens ao Lucio, caixerinho de 16 annos, conhecedor profundo dos variados processosinhos de lograr a freguezia no commercio caipira: — desde a maneira de viciar o assucar, humedecendo-o para augmentar o peso, até á escamoteação de meio centímetro em metro de chita.

Affectando um certo ar de mysterio e fazendo-se acompanhar pelo fiel empregado "Amargoso", mineiro papudo de Aguas Ferreas, nessa mesma noite, sob um luar escandalosamente propicio, Lourenço partiu para Santa Genoveva.

Os vargedos se extendiam banhados de luz clara e leitosa. Noitibós alviçareiros saltavam nas estradas, piando e fazendo passarinhos os animaes. "Amargoso" levava á dextra um cavallo de silhão. Com quanto houvesse, desde o começo, percebido a manobra, o mineiro se trancara na

sua proverbial reserva, contentando-se com murmurar, de vez em vez, entre dentes: — "Esses moços são o diabo..."

Cavalgaram cerca de hora e meia e, ao contornar o Morro Grande, avistavam já, ao longe, no sopé da serra da Botija, o velho casarão escuro da fazenda, iluminado pelos raios da lua que, no alto, estava agora em pleno fastigio.

Lourenço, com a voz entrecortada de emoção, contou, afinal, a que iam. Nada mais, nada menos, do que raptar a filha da viúva Campos. Era o único meio. A velha rabujenta repudiava-o a elle, simplório negociante de beira de estrada, e protegia o caixeteiro-viajante, por julgar o peralvillo melhor partido para a filha.

— E a moça já está avisada? — objectou o prudente "Amargoso", com o ar mais indiferente deste mundo, cuspinhando para o lado.

— Mais do que avisada. Tio Elesbão tratou já disso. Elle tem experiência. Não é o primeiro caso que resolve.

— O patrão andou muito bem. Tio Elesbão é "quera", tio Elesbão não falha...

Nesta altura o camarada, que ia na frente, estacou os animaes para abrir a porteira do pasto. Chegavam, finalmente. O pesado edificio colonial dormia sob o sudario do luar. Lourenço estava pallido e fitava com os olhos incendidos de paixão a janella que dava para o pomar. Era lá o quarto della. Apearam cutelosamente e amarraram os animaes nos esteios da porteira.

Nesse momento ouviu-se um leve ruido sob o arvoredo. O coração do moço pulsava com tal violencia, que era facil ouvir-o dentro da noite tranquilla.

Ah! não havia que duvidar! Era ella, a desejada, a formosa Lucinda que, experimentando a ação do philtro preparado pelo mago negro, vinha ao encontro do Bem Amado!

O moço negociante, seguido do empregado que acautelava na cinta o garruchão, dirigiu os passos para as sebes que circum davam o pomar e de onde vinha o rumor suspeito. Senão quando, inopinadamente, de uma espessa moita, aos saltos e aos berros, surge a cabrita negra de estimação de "nhá" Lucinda. Foi um reboliço geral. Os cães que dormiam em baixo dos carros de bois, no terreiro, despertos, entraram de ladear furiosamente; gallinhas cacarejavam, gransavam gansos assustados. Um inferno!

Já agora montados, perseguidos sempre pela cabrita fatídica, os intrusos, por semedeiros e congostas, cavalgavam, possessos de colera, a praguejar e a prometter uma lição de mestre á perfida, á ardilosa Loriana. Comprehendiam a traça da perigosa mulatinha. Os fios de cabello não tinham sido dos lindos supercilios da patrõa. Eram simplesmente pellos de cabrita. Ah! tio Elesbão estava inocente no caso — tio Elesbão não falhara...

S. Galeão Coutinho.

"CHARLAS DE CAFE'" — UM LIVRO DE CAJAL — A MULHER JULGADA POR UM SABIO

O sabio hespanhol Ramon y Cajal, célebre nos dominios da Biologia pelos seus trabalhos de investigação scientifica, deixando as suas cogitações de laboratorio, acaba de surprehender a Hespanha com um volume que é o resultado de suas observações nesse outro grande laboratorio que é a vida. Livro de bom e fino humor, "Charlas de café" é tambem um livro de pensamento. Cajal revela-se ahi um psychologo facil, caprichoso e burlão, sem objurgatorias para a especie, á Nietzsche e Schopenhauer e cheio do espirito de Swift e Rabelais.

No introito, diz o auctor: "Ao escrever esta obrinha não aspirei, sinão em uma modesta medida, á originalidade. A nossa memoria é uma trama tecida com ideias tomadas do espirito de nossos antepassados e contemporaneos celebres. Confesso, pois, que as ideias formadas por minha experiencia pessoal sobre a amizade, a ingratidão, o egoísmo, as mulheres, o talento, o amor, a moral e a politica, etc., estão impregnadas de reminiscencias classicas (Platão, Cicero, Plutarcho, Seneca, etc.).

Depois de proclamar que não se responsabilisa por muitas opiniões exageradas, hyperboles, expressões bufonescas e sentimentos demasiado pessimistas, declara ainda: "Reservo-me, ademas, o direito de variar de opinião, pelo menos em quanto a ankylose cerebral e o enfraquecimento encephalico não me estorvem".

Eis alguns pensamentos de Cajal:

"Evita a conversação do amigo cuja palavra, em vez de ser trabalho, constitua prazer".

"A amizade repelle a pobreza como a flor a obscuridade".

"Queixamo-nos dos amigos, porque exigimos delles mais do que nos podem dar".

Sem a crueza daquella maxima franceza — "o amor é uma permuta de máos humores e más ações" — diz o sabio, para phraseando Chamfort, que assegurava que "o amor é o contacto de duas epidermes":

"O beijo, que os poetas consideram como sublime conjuncão de duas almas, não é para o scientistia senão um simples intercambio de microbios bucaes".

São interessantes os pensamentos sobre as mulhres e o amor:

"A formosura é uma carta de recomendação escripta por Deus e lida e admirada por todos os corações. O peior é que de vez em quando o diabo a intercepta furtivamente e falsifica a direcção definitiva. E assim, a formosura, que teria feito a ventura de um discreto, vae parar nas mãos de um torpe ou de um mentecapto, com o que o idyllio se converte em comedia ou em tragedia".

"Obedecer ao amor é mostrarse sensivel á voz angustiosa dos germens que pedem a sua vez no banquete da vida".

"Fabre nos commove ao contar-nos as crueldades do "escorpião" que come o seu consorte ou da "Mantis religiosa", que devora o macho em pleno espasmo.

do amor. E em nossa propria vida não se dão ás vezes parecidas monstruosidades? Quantos amantes e maridos não morrem devorados por suas mulheres!"

"A mulher é como a mochila no combate. Sem ella, lucta-se com desembaraço, mas, e ao terminar?"

"Que deves preferir, a mulher formosa ou a feia? A formosa, comtanto que seja medianamente discreta, porque, se te sáe casquilha e "coquette", della te livrará qualquer Dom Juan de rua; mas feia e nescia, um diabo!"

"A mulher graciosa chegaria a ser bellissima aprendendo belleza. Onde? Nos museus e nos livros de hygiene".

"A belleza da mulher é, á parte a raça, um dom da civilisação e da hygiene. Pelo que relatam exploradores de paizes exóticos, sabe-se que entre os selvagens a mulher é infinitamente mais feia e repugnante que o varão".

WATTEAU

O grande pintor foi toda a vida um "entediado". Era o tédio pelo exgottamento phisico, pois, "o exgottamento phisico, em estado simples, pode por si só crear o tédio". Era a neurasthenia, tão frequente nos tuberculosos? O tédio do auctor das "Fêtes galantes" deve relacionar-se, talvez, com o sentimento do nada da vida, producto de um excesso de sofrimento. "As luctas com a miseria, escreveu Arsène Houssaye, a devoradora sede de renome exgottára pouco a pouco essa natureza fragil e nervosa, toda fogo e inquietação. Elle cahia cada vez mais na misanthropia e na solidão."

A sua morte foi ao mesmo tempo enternecedora e comica. Na mesma manhã elle fez o seu testamento e a sua confissão. Só testou dividas. Confessando-se, não se esqueceu do peccado famoso de ter feito do bom cura o modelo dos seus melhores bobos.

LA FONTAINE

La Fontaine estava tão frequentemente preoccupado, parecia de ordinario tão absorvido, tão "longinquio", que mofavam delle "ás suas barbas", sem que elle percesse qualquer coisa. Muitas vezes, fugia porque a conversação o aborrecia. Afastava-se do commercio dos homens para concentrar-se em si mesmo. Uma vez, em casa de Boileau, dissertava-se sobre Santo Agostinho. La Fontaine parecia não se incomodar com a palestra, quando, de repente, como se despertasse de um longo sonno, perguntou qual teria mais espirito — Santo Agostinho ou Rabelais. Um conviva surprehendido, mirando-o da cabeça aos pés, respondeu-lhe:

"Tomai cuidado, senhor de La Fontaine. Calçastes uma das meias no avesso". E era verdade. A assistencia cahiu num frouxo de riso.

Noutra occasião, o fabulista se revoltava no theatro, contra as phrases "á par-

te" ditas em voz alta por um dos figurantes sem que os outros parecessem ouvir-as, ao passo que todos os assistentes bem as ouviam. Em quanto continuava a deblaterar, defendendo a sua opinião, Boileau, que estava pnesente com Molière, exclamou: — "Que malandro, que maroto, que patife este La Fontaine!"

E repetiu muitas vezes essas interjeições sem que La Fontaine interrompesse a sua diatribe. Tempos depois, vendo todo mundo a rir, perguntou ingenuamente: "De que estão rindo?"

"Como? — respondeu Despreaux — ha um quarto de hora eu vos injurio em voz alta e não ouvis os meus insultos e ainda extranhaes que um actor em scena não ouça um "á parte" dos seus camara-das, dicto ao seu lado?"

CABOCLISMO

A literatura brasileira, neste momento, está num "engano ledo e cego", que a fortuna, mercé de Deus, não consentirá que dure muito. Para reagir contra os exaggers de uma arte insincera e sem vigor, importada do estrangeiro, transplantada de outras civilisações mais velhas, e, por isso mesmo, mais gastas e cansadas, resolveram alguns nacionalistas vermelhos fazer uma cosa muito menos sincera e muito mais artificial, isto é, determinar regras invariaveis, estabelecer principios indeclinaveis dentro dos quaes terá que obrar o espirito creador dos nossos artistas. Esquecendo que, hoje, o homem não é sómente o producto do seu meio circumstante, não depende unicamente do ambiente immediato em que vive, mas, sobretudo, de um sem numero de factores moraes, intellectuaes e materiaes vindos de toda a parte, querem aquelles respeitaveis cidadãos, que por patriotismo de quinal, nos confinemos ás nossas fronteiras, como o senhor feudal entre as muralhas do seu castello roqueiro.

Em quanto os ingleses, os franceses, os alemães e até os russos, tão ciosos das suas prerrogativas raciaes, procuram ultrapassar o campanario das suas aldeias, dilatando os limites dos seus horizontes, nós, segundo esse caprichoso padrão que nos desejam impor, devemos voltar as costas á cultura universal, ás nossas proprias tradições, para crear, de uma assentada, uma civilisação singular, sem raizes no tempo e no espaço. Antes de homens, devemos ser brasileiros, antes de brasileiros, nacionalistas. Ora, haverá coisa mais fragil e inconsistente, menos racional e intuitiva? Imaginemos, por exemplo, que os latinos e, mais tarde, os celtas, germanos e saxões, envolvessem no mesmo anáthema os livros de Platão e Aristoteles, a estatuaaria de Phidias e Scopas, os poemas de Homero e Hesiodo, a sabedoria política de Pericles, a estratégia subtil de Themistocles? Que seria do mundo, privado do concurso formidável da civilisação hellenica? Sem a disciplina e a experiençia dos primeiros desbravadores, como adivinhar o traçado mysterioso das estradas, dos desfiladeiros, dos atalhos penosamente aber-

tos para o desconhecido? Convenho que é triste repisar na trivialidade de semelhantes argumentos, mas, por mal de nós mesmos, nada me parece tão necessário e vantajoso neste momento.

E' incrivel que, para arrancar as nossas letras de um perigoso mimetismo, de uma enganosa trilha, de um falso rumo seja mister apertal-as num becco sem saída, soterral-as sob o peso de uma montanha de erros ainda mais monstruosos. Nossa indice de civilisação transcende os cafezaes das fazendas paulistas, não se mostra unicamente no rudimentarismo do sertanejo, como tambem não está na trivialidade dos salões cariocas ou no brilho ephemero de certa gente que, nem por ser dourada, é menos inexpressiva. No amálgama de todos esses elementos encontrados no tumulto de todos esses aspectos transitorios, nos vicios e nas taras, assim como nas virtudes e nas qualidades das populações citadinas e rurais é que se desenha a physionomia integral do nosso paiz. Nem os defeitos são prerrogativa do litoral, nem as excellencies privilégio do sertão. Dizer-se que o caboclo é o verdadeiro representante do Brasil é engenhade tão despejada quanto affirmar-se que os bachareis e os doutores são os unicos homens cultos do nosso paiz... Comprehendo perfeitamente que um espirito nascido e formado no interior da nossa patria, reproduza espontaneamente as vozes naturaes da terra que o impressiona. Ninguem, mais do que eu, admira a frescura, ás vezes, a profundeza, da nossa poesia popular.

O que eu não comprehendo, entretanto, é um citadino fantasiar-se de vaqueiro, andar vestido de couro, e impingir-nos a sua pacotilha literaria, como obra de sinceridade. Isso, sim, é que merece o reproche de artificio.

Pois bem, a esse artificio, a esse jogo calculado, á maneira do xadrez, com as suas peças determinadas evoluçãoando nas casas limitadas de um tabuleiro, é justamente, ao que, por agora, varios escriptores de real talento pretendem reduzir a moderna literatura no Brasil. O momento do indianismo já passou, não temos mais necessidade de fazer a nossa independencia intellectual e politica, temos apenas que consolidal-a. Por que, então, voltar atrás? Para possuirmos uma grande arte não é preciso, exclusivamente, tomar um cavallo, fugir ao litoral empestiado, e cahir na mansidão de uma roça de milho ou mandioca, entre o doce repinicar das violas e o canto plangente dos menestrels do sertão. Essa é, sem duvida, uma face da nossa psyche, mas não é toda, nem porventura, a mais brilhante. Quem seria capaz de preferir, na literatura franceza, Charloun Rieu ou Jules Boissière a Racine ou Moliére? Ninguem contestará, entretanto, que aquelles douz poetas provençais sejam interessantissimos, que elles encarnem as peculiaridades do seu torrão, que haja nos seus versos o perfume delicioso das paisagens nataes, e a graça rustica da gente louvada pelo

grande Mistral. Trocar, porém, a porção de universidade da alma de um artista de genio pelos modismos curiosos e pelas idiosyncrasias exóticas de um cantor da vida campesina, simplesmente por ser este mais definido nas suas cores nacionaes, ou é um preconceito ou apenas uma tolice.

Ora, ha muito de ambos no que presentemente se observa entre nós. Eis por que acreito ser tudo isso fruto de uma crise certamente conjuravel, em tempo não remoto. E' pura questão de moda, e, como ha em nossa indole muito do espirito feminino, quando semelhante literatura perder o grão da novidade, que tem, aliás, a vantagem de tornar o Brasil mais conhecido, começaremos a pensar com mais segurança e serenidade. Lucraremos, assim, com a moda, muito ao revés das mulheres faceiras, que perdem com ella o viço, em virtude do veneno das tintas, e o juizo, em virtude de outros venenos mais subtils...

Ronald de Carvalho.

(D' "A Rua").

EMPRESTIMOS ESTADOAES

Antes da guerra, o credito attingiu sua edade de ouro, para dizer assim. Com a longa paz que reinou no mundo, os paizes de velha civilização capitalizaram muito. A riqueza augmentou, accumulou-se pela iniciativa productora, pela economia. Dahi, o capital poder ter exercido, por todo o mundo, a sua evangelização material, pelas realizações concretas.

Desta sorte, houve, então, como que uma plethora de capitais, de certo ponto. Na Europa, o aluguel do dinheiro era pequeno. Paizes capitalistas pagavam juros, nos seus emprestimos internos, de 3 % e 2 1/2 %. Até 2 %. E' o caso da Inglaterra. E' tambem o caso da França. Semelhantes taxas de juros eram communs e o capital se satisfazia com elles.

Quanto aos emprestimos externos, o aluguel do dinheiro tambem não era caro. Ao contrario. Naturalmente, não podia ser o mesmo cobrado nos proprios paizes prestamistas. A taxa do juro de capital, collocado no estrangeiro, orçava em 4, 4 1/2, 5 %. Por conseguinte, era o duplo da taxa cobrada dentro dos paizes capitalistas. E, como se vê, era uma taxa modica, razoavel, baixa, pôde-se dizer. Só a explicava a normalidade do credito internacional. A diferença maior se fazia sentir no typo dos emprestimos feitos. Não nos juros propriamente, o que tem a sua explicação. Só no typo, cuja oscillação, para o maximo e minimo, variava, consoante as circumstancias e outras causas. E' o que vemos na emissão de emprestimos, aqui para o Brasil e para outros paizes.

Desta situação favoravel do capital a inverter, antes da guerra, como aproveitamos? Aproveitamos muita coisa. E' in-

negavel. O Brasil de hoje é bem diferente do Brasil da monarchia, ou mesmo de vinte annos atrás. Basta olhar para a nossa viação-ferrea, embora deixe ella ainda a desejar um infinito definido. Basta olhar para os nossos portos, que substituiram muitos dos antigos e classicos trapiches do paiz. Basta olhar para a reforma urbana do paiz, aqui e ali. Além disso, a nossa apparelhagem á producção, a nossa machinaria em geral, como muitas industrias, aproveitaram do capital estrangeiro, aqui empregado.

Entretanto, o emprego desse capital deixou muito a desejar em varias regiões do paiz. A respeito, não houve uniformidade na sua utilização prática. Haja vista o Estado do Amazonas, para citar um exemplo. Os emprestimos do Estado de São Paulo, todos elles, tiveram, ou assim ou assado, efeito na economia do seu territorio. No café, sobretudo. Preside esta cultura um instituto scientifico, que lhe estuda tudo que diz respeito: poda, terra, adubação, etc. E o Amazonas? Os emprestimos serviram, quando muito, á remodelação da capital, Manáos. Mas vamos aos factos mais salientes. Dos emprestimos feitos pelo Estado do Amazonas, destaco este:

Francos

Marseillaise — 1906 — 80.000.000.

Sabem os senhores quantos francos, deste emprestimo, entraram para os cofres do Estado do Amazonas? Nem um.

Do Pará, destaco os seguintes emprestimos, feitos pela Municipalidade de Belém, dos quaes não entrou para o Estado sequer uma libra:

| | |
|----------------|-------------|
| 1905 | £ 1.000.000 |
| 1906 | £ 600.000 |
| 1912 | £ 600.000 |
| 1915 | £ 1.000.000 |

Nenhum destes emprestimos do Pará foi registrado no Estado do Pará, nem aqui na Capital Federal, em nenhum cartorio, ou registros especiaes. Nada! Um syndicato estrangeiro emittia apolices. Com estes titulos, remettidos ao Brasil, a Intendencia de Belém pagava as suas contas em atrazo. Naturalmente, assim, estes titulos soffriam fatal depressão, o que era da conveniencia do grupo brasileiro de acordo com o syndicato estrangeiro.

Outros emprestimos estrangeiros, no norte do paiz, foram tambem lesivos. Representam pessimas operações. Quer dizer que o capital, assim entrado no paiz, foi de todo improdutivo. Pesará sobre o mesmo como despesas de luxo. Isto é: o juro e a amortização dos mesmos serão uma sobrecarga. Pois nada crearam. Nada produziram. Nada valorizaram. Donde se vê que, ao lado dos beneficios despertados no paiz pelo capital estrangeiro, ha uma parte de ruinas. Felizmen-

te que esta parte é menor. E nisso certos prestamistas estrangeiros — de origem sobretudo latina — têm a sua culpa. Culpa que equivale a peccado mortal. Pelo que, seria o caso, e é, de uma revisão, ou estudo, de como foram feitas umas tantas operações de credito. Depois, então, que o capital estrangeiro, nessas condições, receba o juro e a amortização devidas. Ahi fica a suggestão. O governo federal, caso tenha de assumir o serviço de certos emprestimos, pela impossibilidade dos Estados e municipios o cumprirem, não o deve fazer sem um serio exame. Os prestamistas estrangeiros reclamam o seu dinheiro. Têm razão. Mas não se lembram da maneira pouco limpa como o emprestaram. Dirão que brasileiros assim o quizeram. Isso não é argumento. Tanto é ladrão quem rouba como quem ajuda a roubar. E' até peor. E neste caso estão certos prestamistas. Eu, governo federal, não faria o serviço de uns tantos emprestimos. Deixaria o caso transformar-se em caso internacional. Deixaria o tumor vir a furo. Só depois da questão chegar a este termo é que entraria em matéria de negociações á satisfação dos compromissos. E as vantagens seriam as seguintes: os senhores prestamistas estrangeiros teriam, forçosamente, de entrar em um acordo. Dariam maior prazo á amortização e diminuiriam a taxa dos juros, de conformidade com as condições precarias dos Estados devedores, auxiliados pela União. E caso isso não fosse conseguido, haveria a utilidade do escandalo. Quer dizer, ficariam conhecidas as indignidades de certos emprestimos, o que já era um aviso para o futuro. Ahi, pelo menos, a lição.

MARIO GUEDES.

(Do "Correio da Manhã").

UM GRANDE LIVRO

Está publicado o primeiro fasciculo da "Historia da Colonisação Portugueza do Brasil", obra monumental com que os portuguezes commemorarão o centenario da nossa independencia.

Na Livraria Lealdade podem ser tomadas as assignaturas para o grande livro.

A respeito escreveu o sr. Pinto da Rocha no "Jornal do Brasil":

"Com um verdadeiro monumento de sabedoria e de arte, os portuguezes residentes no Brasil se propuseram solennizar o primeiro centenario da nossa independencia, publicando a *Historia da Colonisação*.

O plano da obra é gigantesco sob o ponto de vista artistico e notabilissimo quanto á parte scientifica: esses dois aspectos já se começaram a revelar no primeiro fasciculo distribuido, em que os primores do pincel genial de Nuno Gonçalves, no seculo XIV e a inspiração delicada de Roque Gameiro em nossos dias, aparecem ligados á prosa opulenta e forte de Guerra Junqueiro numa soberba saudação á nossa

Patria; aos periodos nobres e terços de Carlos Malheiro Dias iniciando a introdução do Primeiro Volume; e ás lúcilações de peregrino talento de Affonso Lopes Vieira, commentando as tabuas de Nuno Gonçalves, em cujas figuras vive, palpita, sente e canta a alma lusitana do seculo XIV.

As reproduções de mappas antiquissimos, como aquelle trecho da carta de André Bianco, o audacissimo italiano que, já em 1436, tinha o arrojo de assignalar a existencia de terra firme a 1500 milhas do Occidente de Cabo Verde, ilustram poderosamente o estudo sobrehumano emprehendido com tanto amor e carinho para desfazer as ultimas duvidas sobre o problema do descobrimento do Brasil.

Os fac-similes das discutidas instruções de D. Manuel a Pedr'Alvares; da ultima pagina do Tratado de Tordesillas; as copias dos mappas de Lafitan e da imagem do mundo do Cardeal d'Ailly são apenas as primicias do que vae ser posto a nü, aos olhos dos estudiosos, durante o desdobrar desse trabalho de cyclopes, na ancia de deixar demonstrado, com um fulgor sem par, o que foi e o que vale historica, social e politicamente a actividade lusitana, desde 1493 a 1822, na formação da nossa nacionalidade.

Entre as promessas que nos faz a *Hstoria da Colonisação*, para o primeiro volume, enchem-nos de boas esperanças os nomes dos collaboradores que desde já se annunciam: Dr. Julio Dantas, o eminent dramaurgo, estylista primoroso da *Patria e do Amor em Portugal no Seculo XVIII*, Inspector das Bibliothecas Eruditas e dos Archivos, membro da Academia de Scien-cias de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras; Dr. Luciano Pereira da Silva, cathedratico da Universidade de Coimbra, director da Escola Normal Superior da mesma cidade, socio da Academia de Scien-cias de Lisboa, eminent autor da *Astro-nomia dos Lusiadas*, considerada uma obra prima; dr. Duarte Leite, cathedratico da Universidade do Porto e embaixador de Portugal no Brasil; dr. Jayme Cortezão, director da Biblioteca Nacional e socio da Academia de Scien-cias de Lisboa; Henrique Lopes de Mendonça, o notavel poeta e dramaturgo; Duque de Vizeu, presidente da Academia de Scien-cias de Lisboa e socio da Academia Brasileira de Letras e official superior da Armada; Dona Carolina Michaellis de Vasconcellos, cathedratica da Universidade de Coimbra e membro da Academia de Scien-cias de Lisboa; Antonio Baião, director do Archivo Nacional da Torre do Tombo e membro da Academia de Scien-cias de Lisboa; Francisco Maria Esteves Pereira, official superior do exercito lusitano e membro da Academia de Scien-cias de Lisboa; e, finalmente Malheiro Dias, das Academias de Scien-cias de Lisboa e Brasileira de Letras, que, além do trabalho exhaustivo e formidavel de dirigir essa publicação grandiosa é, ainda, o autor da introdução indiscutivelmente notavel que abre a vastidão do monumento.

A fina-flôr do talento portuguez em ple-

na vitalidade actual contribue para a construcção desse edificio, carreando não uma simples pedra, mas levantando uma parte delle com todas as perfeições da arte e obedecendo a todas as exigencias architectonicas, de modo que dessa collaboração sincera e carinhosamente realizada, resulte um conjunto homogeneo em suas linhas manuelinas e perfeitamente assentado nos alicerces profundos e seguros que nos legaram os nossos maiores e que venceram todas as vicissitudes de quatro centos e vinte dois annos."

VONTADE

(Por José Ingenieros)

1.º — *Depois de pensar, querer.* A decisão opportuna é o segredo dos grandes caracteres. Pelo pensamento medimos, em toda empresa, as nossas forças ante os obstaculos; equivocar-se é uma culpa. Uma vez pronunciado o sim — claro, recto, como um raio de luz — a vontade deve ser inflexivel para executal-o. Vacillar a meio caminho é atraíçoar o pensamento; desfalecer é repudial-o. A vontade sã jamais atraíço nem repudia; quando falha, o homem é uma escoria.

Sem firmeza de conducta não ha moral; não pode haver. As boas intenções que não se conseguem, que não se cumprem são a caricatura da virtude. Os homens sem vontade se propõem voar e acabam arrastando-se, perseguem a excellencia e se enlameiam no lodo, concebem poemas e executam criticas, sonham viver intensamente e se agitam em perpetua agonia. Nunca dizem "eu faço", que é a formula do homem sã; preferem dizer "eu farei", que é o lema da vontade enferma.

Toda personalidade, grande ou pequena, possue principios que orientam sua accão; só pode sentir-se livre a que é capaz de seguir os, sobrepondo-se a quantas contingencias tentem desvial-a. A vontade não é fragil joguete de um arbitrio absurdo; sua tensão é tanto maior quanto mais logicamente responde ás premissas do caracter e sua efficacia se multiplica ao applicar-se á realização de fins bem pensados. O que sabe querer, pode querer.

2.º — *A vontade se prova na accão.* Existem, certamente, empresas desatinadas e é de ignorantes o emprehendel-as; mas é maior o numero das que se olham como impossiveis por falta de vontade para executal-as. Os folgazões não emprehendem nada e pretendem justificar-se desacreditando as empresas alheias; si algo começam, obrigados pelas circumstancias, nunca chegam ao termo da sua obra. Vacillam e duvidam, tropeçam e cahem.

Temos farinha porque o segador não duvida ante a espiga madura e estatutas porque em duvidar não se paralysa a mão do artista, e sciencia porque não duvida o sabio ao entrar em um laboratorio, e poemas porque o poeta não se detém a discutir a utilidade do seu canto e amor e prole e moral, porque o coração não duvida ao bater, nem o filho ao nascer, nem a virtude ao agir. E todo elle é vida in-

tensa que só podem viver os homens de rectilineo querer.

Nas vontades enfermas se apaga a esperança da perfeição. A conquista da propria personalidade e o entusiasmo por bellos ideaes tornam-se impossiveis quando fraqueia o esforço voluntario que pomos em aperfeiçoar-nos.

As mais frequentes infelicidades se arreigam em nossa preguiça. O barco não avança si o marinheiro somnolento não abre suas velas na hora propicia; desvia-se do roteiro si o piloto não dá a tempo o bom golpe de timon. Por isso a vontade deve estar sempre alerta para agir; um só minuto de vacillação pode perder o homem, si com esse minuto coincide a oportunidade.

Os nescios se consolam confiando na Providencia; é mais seguro e mais digno confiar nas proprias forças. E' melhor ajudar-se que esperar illusorias ajudas. Para fazer o que decidiu sobram occasões ao homem; o que lhe falta, geralmente, é a vontade no momento propicio.

3.º — *Incapacidade do querer engendra medo de viver.* Tanto se apaga a vida quanto decresce a vontade. A preguiça e a inacção são os germens da miseria moral; o habito de vadiar supprime nos parasitas a aptidão para trabalhar. A abolia é o castigo final dos preguiçosos; não é nelles uma desgraça mas uma culpa. Adquire-se por obra do proprio paciente, como as enfermidades vergonhosas.

A vida humana é gymnastica incessante de funcções harmonicas. Dever natural do homem é exercitar o seu braço e a sua mente; quem viola esse dever commette uma immoralidade. Os orgams se amodorram e o espirito se envilece. A inercia apouca a vida dos folgazões, tornando-os incapazes de fazer coisa alguma para si mesmo e para os demais. Cruzar os braços ante um mundo moral que incessantemente se renova é suicidar-se; é morrer de sêde junto ás fontes da vida.

Quem tenha attentado assim contra a sua dignidade, deve curar-se reeducando as funcções do seu organismo e do seu entendimento. Para aprender de novo a executar o que se pensa é necessário esquecer a palavra "amanhã".

Agora ou nunca. "Amanhã" é a mentira piedosa com que se enganam as vontades moribundas.

(Revista de Filosofia, de Buenos Aires).

O "SOPHISTA" E SUA SIGNIFICAÇÃO

E' curioso que tentando esboçar o perfil de Pródicos de Céos, sophista do seculo V, eu deva de começar pela analyse semantica da palavra *Sophista*: elle que foi o fundador da *Synonymia*, e o que primeiro sentiu e amou o segredo das relações que naturalmente existem entre os sentidos das palavras.

E' sabido que os vocabulos são como os seres intellectuaes vivos, de existencias tão reaes como as do reino animal ou

vegetal. Soffrem as palavras as tres contingencias da propria vida: nascem, desenvolvem-se e morrem. Nem só os vocabulos a essas leis estão sujeitos: até mesmo as proprias linguas.

Além desses phenomenos, por assim dizer fundamentaes, as dicções padecem, na concorrecia vital, uma fiada de outras pequenas enfermidades. Não lhes são desconhecidas até as influencias do momento, da época em que elles são mais ou menos chamadas a revestir idéas latentes, prestes a desabrochar. Ha monomanias vocabulares; ha psychoses de ditos e epithetos.

O vocabulo *sophista* sofreu varias vicissitudes. Sua historia semiologica se pôde fixar em tres edades differentes. Actualmente, porém, as associações de idéas que se dilatam e que se contráem em torno de sua significação corrente, impedem que a possamos examinar e comprehend integralmente. De origem, a palavra *sophista* significa aquelle que em qualquer dominio se assignala por trabalhos eminentes.

"Assim, diz Gomperz, esse nome foi aplicado aos grandes poetas, aos grandes philosophos, aos musicos famigerados e aos sete homens de Estado ou homens privados, que se haviam feito qualificar de sabios pelas suas maximas profundas."

Talvez que o termo *genio*, na accepção em que commummente usamos, dê com clareza o significado primitivo de *sophista*, embora se precise restringir tanto quanto a elasticidade expressiva. Por esta classificação que o autor dos *Pensadores Gregos* fez dos varios sentidos daquelle termo, e pelas significações em que Aristoteles empregou a referida palavra, — talvez se consiga penetrar com mais propriedade o espirito do vocabulo, abril-o ao sol do mais lucido entendimento, em seu triplice aspecto: — Serve-se Aristoteles da palavra *sophista* em tres sentidos: na accepção antiga e ingenua que não desperta em nenhuma censura, pois que elle o applica aos sete sabios; em segundo logar, para designar um certo numero de philosophos que lhe eram, na maioria, pouco sympathicos, entre elles Aristippo, discípulo de Socrates; emfim, e mais commummente, denominava assim os *Eristicos*, isto é, esses dialecticos disputadores com os quaes aquelle philosopho passou toda a vida em conflito. Como é sabido, a Eristica era uma deformação do raciocinio exacto; foi o desdobramento da dialectica dos Eleatas; era disputa pela qual se procurava obrigar o contendor ao silencio spectante.

Socrates, segundo Platão, diz que o sophista é uma especie de mercador de todas as cousas de que se alimenta a alma. E a alma se nutre das sciencias.

Na historia intellectual e social de Athenas, irrompem os sophistas, pela segunda metade do seculo V, com estrepitoso deslumbramento. Vinha com elles esse poder extraordinario de tudo investigar, essa curiosidade de observação e experi-

nentação, essa extraña unidade do saber intuitivo e do saber lógico: era a aurora do livre pensamento.

Em sendo raros os informes de que dispomos sobre a vida de Pródicos de Céos, não nos é fácil traçar um quadro completo, ou mesmo bastante approximado, da accão providencial que o sophista teria exercido em seu tempo. Elle teve, além de tantas outras, a desventura maior de ser completamente obscurecido pelos seus próprios irmãos: Protágoras de Abdéra e Gorgias de Leontina.

Na época de Pródicos era tal a soffreguidão que dominava os espíritos avidos da Grecia, principalmente nos annos de paz após as guerras Medicas, que esse espírito novo da Sophistica surgia e se propagava como acontecimento inaudito e sem exemplo. Tal como sucede hoje nas capitales da America, á chegada de artistas de genio (Sara Bernhardt, Isadora, Paderewisk), acontecia outrora nas cidades hellénicas, ao anunciar-se a conferencia de um notável sophista.

E' de todos conhecido o alarme que agitou a juventude de Athenas, á noticia da chegada de Protágoras, que, aliás, varias vezes alli aportou chefiando embaixadas de sua patria. Por esta narrativa, em que o joven Hypocrates, homonymo do grande medico de Cós, corre ás matinas, e penetra até junto ao leito de Socrates para despertal-o com o annuncio da boa nova, — é de todo facil imaginar o exito que tinham esses professores errantes da sabedoria: — "Esta madrugada, narra Socrates, era ainda escuro, quando Hypocrates, filho de Apollodoro, e irmão de Phaisão, — veiu bater fortemente na minha porta; assim que lh'a abriram, elle correu directamente ao meu quarto, gritando em alta voz: — Dormes, Socrates? Reconhecendo sua voz, exclamei: — E' Hypocrates? pelos céos, que novidade me trazes tu? — Uma forte e bella novidade, disse-me elle. — Deus o queira, respondei-lhe. Mas que nova é essa que te põe entusiasmado e que te traz aqui tão cedo? — Protágoras chegou, está aqui, disse-me elle, ficando em pé, deante de mim."

Tal era a impressão que a sabedoria revelada provocava entre os habitantes de Athenas. Cada philosopho ou cada sophista vinha patenteiar uma face da Verdade.

Embora Protágoras pareça ter antecedido Pródicos na critica dos principios correntes, foi este que deu um cunho mais vivo a certas formas do conhecimento. E parece mesmo que o creador de *Heracles* encontra melhor suas tendencias na nossa época.

Elle aparece, no rumor silencioso dos séculos, como o pae espiritual de toda a anarchia mental do seculo XIX, e da qual Nietzsche é a expressão mais flagrante e de relevo mais tangivel.

Toda meninice e juventude da philosophia grega fôra opulenta e formosa de systemas e explicações do mundo. Os principios geraes surgiam, cada um, com fins especulativos de explicar as causas primeiras. Havia uma aspiração infinita na alma

desses homens que se debatiam na realidade presente e procuravam por um esforço sobrehumano interpretar as origens das cousas, desvendar os arcanos secretos, inviolaveis, em cujas sombras profundas a natureza se velava, embuçando, aos olhos cobiçosos, os seus mysterios reveladores.

A Materia dormia na sua grandeza imortal, no seio infinito do Espaço, impelida pelo rhythmo sereno do Movimento, na duração eterna do Tempo.

Os pensadores gregos da infancia da philosophia sentiam que havia uma relação entre essas forças desconhecidas. Em cada fórmula da Materia fremia a mesma sêde de indestructivel Perfeição.

Elles se encontravam na esphera do pensamento, como o viajor que despertassem no seio remoto da floresta. Ambicionavam orientar-se. Precisavam desvendar os primeiros principios. Nelles arvorava, com o impeto das revelações, a angustia inquietante de saharem de si mesmos para melhor se explicarem. Elles eram o resumo de tudo. Era Protágoras quem dizia:

"O homem é a medida de todas as cousas".

Ainda hoje, nós continuamos a discordar sobre os dois postulados geraes: a unidade e a multiplicidade da materia. Do Monismo voltamos ao Pluralismo.

Thales ensinava que tudo derivava de um principio unico; — na mesma cidade de Mileto surge Anaximandro e nega que o principio fundamental não pudesse ser causa visivel; isso importaria na limitação: tudo vinha do Ar. Heraclito propõe o Fogo como principio universal dos phenomenos: tudo muda, tudo se transforma, ha um perpetuo *devenir*. Parménides, creando o idealismo anteplatônico, reduz tudo a um ser supremo, imutavel e eterno. Nega o *devenir*, absorve a materia no espirito e apresenta como realidade unica — o Sér. Democrito admite como realidade possível a materia decomposta em atomos, participando de extensão e resistencia.

Ante tão varia explicação, em tal maneira anthitética, e systemas tão contraditórios, era natural que emergissem nos espíritos novos — os sophistas — os germens do septicismo.

Ao envez de negar uma explicação do Universo para crear em suas ruinas fulgurantes outro sistema de interpretação, — Pródicos destróe a possibilidade de se attingir á verdade; funda o Pessimismo; crea a theoria da Indifferença das Cousas. As cousas só valem conforme as concebemos. O seu valor é todo subjectivo. A nossa força de persuasão é que lhes dará realidade. Ellas em si não são nem deixam de ser.

Não se agitava o philosopho de Céos em esforçadíssimos empenhos de meditação, em poder elegante de eloquencia para crear uma nova verdade absoluta. "O seu merito principal, escreve Ot. Muller, não estava em pretender encontrar a verdade, mas, sim, em demonstrar a sua não existencia".

"Não ha sciencia, só ha opiniões; não ha verdade, só ha verosimilhança".

E' a relatividade de todo o conhecimento: A Verdade e o Bem são dados relativos.

Fléxa Ribeiro.
("Correio Paulistano").

A LINGUA NACIONAL

Que nesta hora radiante de effervescencia nacionalista se está operando um salutar movimento de renovação na literatura brasileira, é facto que não se pode contestar. Eu de mim nunca ouvi falar, neste immenso Brasil de analphabetos e indiferentes, em outra reacção tão sympathica e impressionante como essa que ora agita a intelligencia nacional. E' um symptoma evidente de que ao chegarmos ao centenario da nossa emancipação politica, vamos caminhando tambem, com segurança, resolutamente, para a maioridade mental, que até hoje não alcançamos. E o que se está fazendo presentemente no paiz é já — pode-se dizer — a expressão consciente e integral da vontade collectiva, que reflecte as tendencias do espirito e da cultura da nacionalidade. E é por isso com infinita sympathia que acompanhamos a evolução da actual corrente nacionalista da literatura brasileira. Traçando as linhas fundamentaes da verdadeira literatura nacional é que se vae proclamar a definitiva independencia mental do Brasil. E para vêr que a nossa gente já vae principiando a compreender essas coisas e a acompanhal-as com interesse e sympathia, bastará observar o exito desconcertante do sr. Monteiro Lobato. Foi o maior, o mais ruidoso, o mais fulgurante successo literario que ainda se viu no paiz. E por que? Naturalmente — é logico — porque o povo, lendo o sr. Monteiro Lobato, sentiu a sua alma espelhada na prosa dele. O povo ama os espelhos que o reflectem com beleza e verdade. E o autor de *Urupês*, evidentemente, retrata a alma brasileira, com o que ella possue de mais bello e mais puro, na irregularidade bravia de sua prosa. Ainda ha pouco, relendo a obra do contista intenso das *Cidades Mortas* nella encontrei o doce encanto da nossa terra e da nossa gente. Sobretudo, manuseando suas paginas, compreendi uma coisa: o sr. Monteiro Lobato é o escriptor brasileiro que melhor reflecte o momento nacional. — E' o escriptor mais brasilicirc do Brasil.

Muita gente por ahi, com exagerados pruridos nacionalistas, tem a ingenuidade de crér que só conquistaremos a nossa completa independencia intellectual no dia em que rasgarmos a velha grammatica portugueza... E' isso o que se pôde chamar o — jacobinismo grammatical, que seria muito respeitavel, se não defendesse a victoria irreverente do solecismo... Não ha duvida que é commodo, muito commodo mesmo, porque esse negocio de estudar grammatica, sobre estar fóra de moda, é deveras enfadonho... Entretanto, diga-se de passagem, o Brasil não será uma nação mais independente do que é hoje no dia em que todos os brasileiros, fechando a

grammatica, começarem a escrever no *patuá* barbaro de Catullo Cearense. Devemos fazer uma lingua nossa, mais nova e mais independente, que melhor traduza e exprima o sentimento e a vida desta terra nova. Acho mesmo muito sympathias e louvaveis as idéas que o sr. João Ribeiro, com a autoridade que todos lhe reconhecemos, defende no seu ultimo livro. Creio, porém, que para escrever "brasileiramente" não é preciso escrever errado. A lingua nacional ha de ser, queiram ou não queiram, a mesma lingua portugueza, mas moderna e mais bella; porém nunca o dialecto barbaro, em que se exprimem os analphabetos dos nossos sertões. O sr. Monteiro Lobato, creando uma nova expressão esthetica na literatura brasileira, foi quem melhor comprehendeu a questão. Prégando e realisando, com uma coragem resoluta, o nacionalismo literario da forma, da imagem, da idéa, do estylo e do assumpto, o contista dos *Pharolciros* está creando tambem o nacionalismo da linguagem. Da linguagem principalmente. Porque — é bom notar — o sr. Monteiro Lobato é quem está adoptando, nas nossas letras, a verdadeira lingua nacional, sem travos rançosos do classicismo lusitano, mas tambem sem claudicancias exdruxulas da syntaxe sertaneja. Apanhando na enxurada das ruas os brasileirismos, as expressões mais caracteristicas e pittorescas do falar do nosso povo, o autor de *Urupês* está construindo o monumento admiravel de uma nova lingua literaria, original, formosa, pittoresca, que melhor traduz, e mais directamente, a alma brasileira, nas suas tradições, nos seus habitos, nas suas emoções, nas suas vibrantes alegrias e intimas tristezas, no contraste eterno da sua vida. Essa, a maior obra e a mais bella, e sobretudo a mais util e patriotica, desse singular e desconcertante temperamento do escriptor moderno que é o impressionista das *Cidades Mortas*.

Peregrino Junior.

("A Noticia").

O EUCALIPTO E AS ARVORES FLORESTAES INDIGENAS

Posto que seja o Brasil um paiz de riqueza florestal irrealizavel, quer na massa total da vegetação, quer no grande numero de especies, teve que pedir á flóra estranha o eucalypto para attender a uma série de facilidades que esta essencia florestal offerece aos seus cultivadores.

Serão reaes estas vantagens?

Ou são ellas decorrentes dos estudos minuciosos de que o eucalypto tem sido objecto e, simultaneamente, do desconhecimento das especies florestaes indigenas?

Não ha negar as excellencias proclamadas e reconhecidias do eucalypto, mas tal affirmativa não importa negação de qualidades ás especies do paiz.

E' bem possivel que quando bem conhecidas as nossas especies vegetaes, alguma appareça que se avantage ao eucalypto.

Hoje mesmo já se registram observações aqui e alli referentes ás nossas essencias florestaes em confronto com o notável vegetal australiano.

O dr. Teixeira Soares, numa carta dirigida á redacção da "A Lavoura", entre outras observações faz notar "que na região do Parahyba o eucalypto só prospera nas terras boas, em que as outras culturas serão sempre mais vantajosas que as das florestas.

Nas terras de inferior qualidade elle não se desenvolve, ao passo que acrescem muito bem o angico, o monjolo, o bico de pato, a guarapipunha, etc."

Ainda observa aquelle illustre fazendeiro patrício que o eucalypto é assás perseguido pela sauva, o que é uma contra-indicação muito séria para o Brasil, no qual a formiga é o mais terrível dos animaes damnínhos.

Outro observador conspicuo, o sabio dr. Pereira Barreto, disse, ha pouco, num trabalho publicado em S. Paulo:

"Temos á mão uma essencia florestal maravilhosa, que com justa razão está a reclamar, em altos brados a preferencia sobre qualquer especie de eucalyptos: é o nosso gigantesco Guapuruvú, o Schiozolobium excelsum, vog. dos botanicos.

Esta incomparavel especie arborea é dotada de um crescimento ainda mais rápido do que o do eucalypto e com a imensa vantagem de não emittir galhos senão a uma consideravel altura, de modo a formar um longo e volumoso tronco cylindrico de suprema belleza.

E' sabido que o eucalypto tem uma desesperadora tendencia a galhar desde baixo, causando assim muito trabalho e cuidados na pôda, a quem não quer vclodesvalorizado pelo facto de um tronco atormentado, amesquinhadado, incorrecto na forma. O nosso Guapuruvú é indiscutivelmente o rei das arvores de cultura economica do futuro.

O seu inestimavel valor está no facto de ser elle uma das mais preciosas madeiras de grande rendimento para a fabricação do papel de imprensa. Esta questão do papel de imprensa constitue um dos mais formidaveis problemas que o mundo civilizado dos nossos dias tem a resolver".

Não nos pudemos furtar ao ensejo de transcrever este longo trecho, no qual o seu autor reinvindica para o Guapuruvú excellencias que o eucalypto não possue.

No artigo a que nos reportamos, de autoria do dr. Pereira Barreto, ha tambem uma longa referencia ao jacarandá, que o autor diz ser uma planta "que pôde tornar-se a base certa da mais solida fortuna".

Como se vê, em questões florestaes o Brasil está mais do que em tudo, atraizado. Ha um mundo a descobrir dentro das nossas florestas.

O pouco que sabemos já nos vae deslumbrando como promessas risonhas do muito que mal-entreveremos.

Precisamos estudar as nossas essencias florestaes e dellas nos valermos sempre que offereçam vantagens. Por muito que

possam valer os prestimos do eucalypto, elle não pôde ser receitado como uma panacéa florestal, boa para todos casos.

Casos haverá que o eucalypto não seja o mais aconselhavel e até deva ser contra-indicado.

E. S.

("O Jornal").

CANTICO DOS CANTICOS

As garças voam nos céos, como pensamentos brancos. Voam para o lado onde moras. Eu scismo com teu collo, Myriam, que é branco como as garças.

Caminhei como um ciganu. Atravessei burgos e cidades. Os cães ladravam nos eirados; o sol tostava-me o rosto. E eu te procurei através da vida...

Era tarde. O crepusculo cahia e o vento fazia ramalhar os galhos das roseiras. Vinha delles um perfume. E eu recordei teus gestos magicos. E eu amei as roseiras que se pareciam contigo.

Teus seios são como os pincaros das montanhas onde ha neve... Teus seios de neve estão sobre o teu coração de criança. E' por isso, Myriam, que tens o coração gelado.

Eu te perdi numa noite de primavera. Mas o teu cheiro denunciou-te. Onde passas, ficam, no ar, pegadas do teu corpo. Tu és como uma braçada de flores, que alguém andasse a arrastar pelos caminhos.

Tu és harmoniosa como uma onda e erecta como uma espada. Pareces uma grande harpa humana, e tuas curvas têm a graça dos veleiros...

Os cabritos montezes não têm a esbeltez dos teus gestos; teus olhos de sultana parecem dois gerifaltes; teus labios lembram uma taça cheia do meu sangue.

Quando andas fico sonhando com as nuvens; e sinto sempre meu sonho cada vez mais bello e cada vez mais impossivel... A suprema volupia da vida está no beijo inattingivel da minha Eleita.

O crepusculo descia e eu estava triste. A tarde, roxa como as violetas, tinha silencios solennes. Um cheiro forte de mardresilvas vinha no vento. E eu sonhei com teu amor e com a morte...

De tanto scismar com cousas impossíveis nasceram em redor dos meus olhos dois canteiros roxos de saudades. Todos que os vêem têm pena: e tu passaste junto de mim como uma indiferente.

No teu rosto de neve cahiram duas estrellas; sobre o teu mento abriu-se uma rosa escarlate cheia de veneno. Quero colher com meus labios a rosa escarlate do teu beijo.

E assim eu provarei o gosto da vida...

E assim eu me envenenarei nos teus labios...

E tu verás como é grande a minha aancia...

E assim trarei, na realização magica do meu sonho, á inquietude da minha vida, a volupia suprema do Amor e da Morte!

Helios.

(Do "Correio Paulistano").



DEBATES E PESQUIZAS

COISAS DO INTERIOR

Quem quizer conhecer de perto nossa gente deve ir ao interior. O interior é o repositorio intangivel de nossas tradições coloniaes, a veia sempre gottejante de sensações novas, a face simples e verdadeira deste vastíssimo Brasil.

E' aqui, em casa, na liberdade nativa dos campos e das roças, que a alma de mil, milhões de brasileiros, se expande, patenteia, rebrilha na plenitude de sua imensa ingenuidade, aferrada, do berço ao tumulo, á mesma eterna monotonia, ao mesmo ritmo vital.

Em prosa e verso, na linguagem eloquente da simplicidade e do desatavio, o nosso povo realisa *in totum* o: "Cada terra com seu uso..." que se propaga pelos annos afóra, igual, integral, imutável.

Ao cabo de contas cada qual gasta a metade da vida a fallar *politica*, a afiar a tesoura que talha a casaca alheia (...) é a doçura da vida...) e a escrever cartas.

E tão a primor e geito se hão nesses misteres que, os que não sabem escrever, saber *notar* cartas que é coisa muito para admirar-se.

Quando lhe falha a alguem perspicacia para fallar com *ff* e *rr*, e -verbo para escriptura (que a tesoura não mascara, não falha a ninguem...) abrem-se campos vastos, onde se possam a fartar os espíritos inquietos e sonhadores, que reputam um crime ficar-se com as mãos a abanar.

Vem então o violão, vêm as modinhas, as noites ao relento...

E, ouvindo os queixumes d'agora, que os serenatistas expedem no intervallo de uma aguardente a 40°, dizendo ao seu *outro eu* fugitivo:

*Tudo me fóge
como as flores
Ao raiar
do sol ardente...*

Lembra-me a graciosa usança de nossas mulheres, outr'ora, em occasões assim: enfeitavam os cabellos com vagalumes, esses lindos lumes-vagos que andam á noite, quaes vivas esmeraldas, irradiando luz.

Dentre todos os ideias que por aqui medram, á revelia do tempo e do seculo, queremos tão somente salientar a preocupação epistolar, reservando para outra oportunidade o uso de *albuns* entre as moças, muito em voga em minha terra.

A carta é tudo por aqui. Ela pede casamento, faz cobrança, felicita, aplaude; despede, visita. Elle é o telegrapho, telephone, ferro-via, aeroplano. Ela é a protectora dos amantes e o anjo das cozinhas. Leva uma receita de bolo Ingles ou de pé-de-moléque, com a mesma facilidade e presteza que diz ao namorado que vá á missa das 11, ou á brincadeira em casa de Fulana. Uma carta é um pequeno mundo.

Sendo, como está provado, a carta, um poderoso, e algumas vezes exclusivo, transmissor de ideias, não é caso para espanto errar ao escrever-las.

Damos alguns *especimens*, colhidos aqui e além, por méra curiosidade,

I

Compadre,

... ahí vão uns queijos para você se advertir com umas bananas...

II

A Mariquinhas, minha tia por afinidade, foi á Mococa, esparecer. De lá,

mandou a uma amiga um par de sapatos. Esta, querendo, com todo empenho, louvar a qualidade do presente em detrimento de um outro que recebera, escreve mais ou menos assim:

"Mariquinhas,
Recebi teu presente. E' esplendido!
Não chega nem aos pés do que o Horacio me deu..." etc.

III

Um filho, escrevendo do collegio a seu pai, termina:

"...e no mais abençoe o seu filho
Papai.

IV

Amigo X.

Peço-te que me escrevas sempre. Por estas mal traçadas desejo felicidade a todos dahi.

Desculpa os erros, que a penna não presta. Se não lhe for encommodo empresta-me 10\$000.

Do teu celebre amigo.

X.

V

Se fossemos a registrar tudo quanto de imprevisto esta materia nos offerece seria um nunca acabar. Demais, muito se ha escripto nesse sentido. Transcrevemos um trecho de uma carta em verso, usual em algumas localidades do interior:

Tô em casa, siô Dotô,
Vim chegá de madrugada...
Tô muido! Que calô!
Eu não tô valeno nada.

Que lamêra nos istradas!
E que chuva que Deus dava!
Meu cavallo (quéra egua),
Desferrado — não andava.

Alem disso, siô Dotô,
Eu lhe vou já lhe contano:
Eu não posso co'os regiume
Dos hotés italiano.

Cada veis que eu vou ahi
E me dão macarronada
Tiro e quédal! meu Deus! chi!
A barriga atrapaiada!

De Ouro Fino inté aqui,
(veja lá o que o hoté me feis):
Vim suano, vim gemeno,
Fui no matto trinta veis.

VI

Para finalisar resta analysar as cartas de amor. Estas são muito communs e, a mais interessante, que temos visto foi escripta em Silveira, ha muito tempo.

Dizia assim:
Marica gorda, meu anjo.
Eu te amo-lhe-vos.

LITERATURA

Maximo Gorki — o romancista russo universalmente conhecido — chama-se Alexis Pechkof e nasceu em Astrakan. Antes de ser escriptor, foi carregador de lenha, moço de recados, vagabundo. Ha quem acrescente a tudo isso o vicio de ladroagem, o que para elle não é certamente das cousas mais honrosas. Conheceu todas as miserias, passou por todas as privações e aos vinte annos sentindo aquelle "tedium vitae" de que nos falla o poeta metteu u'a bala no peito. O projectil attingiu-lhe o pulmão esquerdo e o deixou doente pelo resto da vida. Foi só depois dessa aventurosa adolescencia que elle começou a aparecer. E como nasceu com o sello de um privilegiado talento conquistou rapidamente a notoriedade almejada.

Depois que o marquez do Vogue revelou á Europa, ao mundo o romance russo, chega a ser ingenuo que eu esteja daqui a repetir que com Tolstoi, Dostoiewsky e Turguenief, Gorki é hoje um dos grandes nomes da literatura russa.

Foi em 1913, em Capri, que Gorki concebeu a idéa de publicar as suas memorias de infancia, as quaes apareceram o mez passado em Paris, traduzidas do manuscripto original por Sergio Persky.

Quando Gorki tinha doze annos, orphão de pae e de mãe, o seu avô, velho tintureiro avarento e sordido, tomou-o de parte e disse-lhe:

— Alexis, tu não és uma medalha que eu possa trazer sempre pendurada no pescoço. Não é possivel que fiques todo o tempo agarrado ás minhas calças. Vae-te embora pelo mundo...

E o menino assim repudiado, lançou-se pelo mundo afóra, á bella aventura...

O curioso livro agora publicado começa descrevendo os ultimos momentos do pae do escriptor, o qual morreu de cholera. Gorki conta-nos o desespero de sua mãe, depois o enterro, sob a chuva, e emfim a sua partida para Nigni onde morava a sua familia materna. Ahi começa para elle uma vida bruta: o "menage" é á todo instante perturbado pelas dissensões domesticas. O avô bate na avó, os tios batem nas tias. O ambiente que o cerca é agitado por espectaculos de uma incrivel violencia. A principio isso lhe causava horror. Mas depois essas scenas tornaram-se tão communs que acabaram por lhe não causar mais nenhuma impressão.

são. O livro todo é saturado de u'a atmosphera de desespero e de odio. Debalde se busca nessas paginas a doçura que se encontra a todo o momento nas recordações de infancia de Anatole France.

O lar tempestuoso do avô assemelha-se mais a um circulo do inferno de Dante. Gorki relembrava os annos que ahi passou como "uma lenda cruel". De resto esse meio em que decorreu a sua infancia é o mesmo em que se move o simples habitante da Russia.

"A casa de meu avô — escreve o romancista — era dominada pelo odio que cada um tinha pelo outro. Esse odio envenenava a adultos e as proprias creanças o partilhavam.

Mas outr'ora tinha sido muito peior.

— Apezar de tudo, conta-lhe um dia a avó — talvez a unica figura mais sympathica daquelle galeria de allucinados e de dementes — hoje se é sempre um pouco menos feroz que outr'ora.

Hoje, dão-te uma bofetada na cara, puxam-te as orelhas; mas é num momento que logo passa. Antigamente era durante horas, a fio, que te maltratavam.

Uma vez, no dia de Paschoa, o teu avô bateu-me desde a hora da missa até de noite.

Quando se cansava, descansava um pouco para recomeçar depois. Elle batia-me com tudo quanto achava á mão".

Gorki conta o castigo que sofrera um dia do avô, elle e os primos.

"No sabbado, á noite, não sei que membro da familia levou-me á cosinha onde tudo era silencioso. O avô, de pé, deante de u'a tina, escolhia umas varas longas que molhava na agua.

— Perdoa-me, em nome de Christo dizia Sachka, enquanto a sua irmã e os filhos do tio Mikhail permaneciam de pé detraz da cadeira, como que petrificados.

— Perdóo-te, sim, mas depois de te chicotear. Vamos, tira tuas calças.

Sachka levantou-se, desabotoou as calças, e dirigiu-se para o banco. As minhas pernas tremiam. O primo deitou-se tranquilamente no banco, com a barriga para baixo, enquanto um operario amarrava-o com u'a toalha de mãos.

— Approxima-te, Alexis. Vem ver como se bate.

Uma!

E levantando o braço, vibrou a vara sobre o corpo nu. Sachka poz-se a gritar. Cada vez que elle levantava e baixava o braço, eu ficava gelado de terror".

Depois chegou a sua vez.

"O avô arrancou-me dos braços de minha mãe, e levou-me para o banco. Eu debati-me violentamente, puxei-lhe a barba, mordi-lhe os dedos. O velho urrava e enfim vitorioso lançou-me de costas, ferindo-me o rosto. Lembrar-me-ei sempre do seu grito selvagem:

— Prende-o. Quero matal-o. E fusti-

gou-me violentamente até que perdi os sentidos.

.....
A datar desse momento manifestou-se em mim essa attenção inquieta por todos os seres humanos. Meu coração, como si o tivessem escorchado, tornou-se incrivelmente sensivel a todas as humilhações e a todos os sofrimentos".

E Gorki ajunta, como que esclarecendo o espirito de todo o povo russo:

"Comprehendi como os russos, obrigados a viver na miseria, chegam a procurar uma distracção na desgraça. Divertem-se como creanças, e se comprazem no infortunio. E' raro que tenham vergonha de ser infelizes".

Essas memorias auto-biographicas não contam apenas a vida de um homem; elles reflectem o estado moral de um povo inteiro.

Dobram-se-lhe as ultimas paginas, com o coração oppresso.

Parece que tudo aquillo é um pesadelo, um sonho mau. Terá o historiador de si mesmo esquecido de que fazia não um romance mas uma auto-biographia? Ha ali cousas que parecem mais filhas da imaginação que da memoria. Seja de que modo for, porem, o livro inspira-me uma profunda piedade. Pobre Gorki! E não bastou que elle tivesse a mais triste infancia e a mocidade mais tresloucada: foi preciso que elle encerrasse a ultima pagina da sua vida com o tragico espectaculo da agonia da Russia imensa, para a qual a queda do Tzarismo absoluto não foi ainda a aurora da liberdade mas o começo de u'a outra era carregada de sofrimento e de infortunio!

A. FERNANDES.

PARA SER SHERLOCK HOLMES

Se os altos feitos de Sherlock Holmes parecem impossiveis a muitos leitores, as experiencias do Doutor Gross, de Gratz, na Austria, poderão talvez convencelos de que tudo não é invenção na obra de Conan Doyle.

O professor Gross fundou na Universidade de Gratz um curso de criminologia, no qual provou que poderia, á vista dos rastros de um individuo, distinguir se este andava ou corria, se estava carregado ou não e mesmo se sofrria de molestia grave.

Bertillon, alias, foi tambem longe. Sustentava elle que podia, á vista da impressão de uma botina, dizer qual era o sapateiro que a fizera, porque elle conhecia a maneira especial pela qual cada um collocava os pregos nos calçados que fazia.

A primeira coisa que deve fazer um policial é estudar o logar do crime, photographando os primeiros detalhes, como recommendava Bertillon, ou fazendo elle proprio um esboço tão exacto quanto

possivel dos objectos encontrados no local. Ainda melhor: deve combinar os dois methodos.

Às vezes um detalhe essencial escapa ao melhor observador, principalmente ao pessoal da polícia. É assim que um dia em Vienna se encontra um homem enforcado, pendente de um lustre. Conclue-se imediatamente pelo suicídio. Mas Gross notou que perto não havia uma cadeira. Feita a autopsia, verificou-se que o "suicida" morrera de morte natural. Depois do inquérito, Gross descobriu que o velho era tratado por dois criados que haviam negligenciado no trato, preferindo sahir para se divertirem. O velho morreu quando dormia e os criados, tendo medo que se descobrisse a sua negligencia, architectaram um "suicídio" que os desculpasse...

Gross deu pela falta da cadeira... Ninguém havia pensado nisso.

EXERCICIO DE RESPIRAÇÃO

Um certo numero de doentes afectados de vomitos de natureza nevrotóxica (especialmente os que se relacionam com o estado da gravidez) foram tratados pelo médico francez Pescher pelo exercício de respiração, realizado pelo processo da garrafa. Faz-se o doente soprar em um tubo cheio d'água e colocado em um recipiente igualmente cheio de líquido. Trata-se de substituir, mais ou menos depressa, ou mais ou menos completamente, segundo o grau de terceiro, a água da garrafa ou tubo pelo ar expirado.

Obtiveram-se assim notáveis aumentos da ventilação pulmonar.

A AUTOSEROTHERAPIA

O sr. Gaudier aplicou aos cancerosos um novo tratamento — a autoserotherapy, que consiste em extrair do doente uma pequena quantidade de sangue e em lhe reinjectar, sob a pele ou na veia, o serum desse mesmo sangue. Os resultados obtidos por esse método pareceram animadores e constaram, sobretudo, em diminuição de volume do tumor e suspensão dos fenômenos dolorosos.

COMO VIVER CEM ANNOS

Um médico americano, o doutor James-Martin Peebles, que acaba de festejar o seu 99º aniversário e que é o autor de um livro intitulado: "Como viver um século e envelhecer alegremente", resumiu o que ele considera como as maximas essenciais de sua doutrina.

O principal é que se deve evitar todo o alimento animal. "Não se pode, diz ele, prolongar a vida vivendo da morte".

O Dr. Peebles dá também os conselhos seguintes: deitar-se regularmente às 8 horas e meia; levantar-se regularmente às seis; não fumar nunca; não beber álcool; não se lastimar; evitar inquietações e conservar a calma. "Fazer-se de mau humor é uma das peores coisas do mundo". Procurar sempre novidades.

Quanto às intenções do futuro centenário, elas são simples: viver ainda muitos anos e escrever ao menos um outro livro.

Os que gostam de boas coisas da vida hão de por certo perguntar se seguir as regras monásticas, recommendedas pelo médico americano, é verdadeiramente viver.

OS RELOGIOS E A ELECTRICIDADE

Ainda que seja raro, é certo que os relógios variam se se viaja com ellos nos bondes eléctricos, porque o metal do relógio se magnetiza o bastante para transformar a sua ação e a sua marcha. As probabilidades de magnetização dos relógios aumentaram grandemente com o desenvolvimento dos dynamos e sua extensa aplicação na iluminação e na tracção. Tanto influe a electricidade nos relógios que os grandes fabricantes tratam de encontrar um material que não seja facil de magnetizar.

Uma das substancias das quais se espera muito é o cristal, que pode ser tão flexivel e delicado como as espirais metálicas dos relógios.

A OCCUPAÇÃO MAIS SÁ

De uma estatística de mortalidade publicada pelo dr. Ogle resulta que a ocupação dos sacerdotes é a mais sá e que a peior é a dos garçons de hotel. Outro mister são o de jardineiro assim como o do lavrador. O officio de cutedeiro é pessimo: quasi todos morrem com os pulmões ennegrecidos por causa do pó que se desprende do metal ao limar-o. Também é muito mau o officio em que entra o chumbo como matéria prima. A maior parte dos que trabalham nesses serviços morre de envenenamento pelo chumbo.

A VIDA DO HOMEM

Contando-se tres gerações por século, o que é o calculo mais approximado, desde o princípio do mundo, tomando-se como ponto de partida as relações bíblicas, até o presente passaram 175 gerações e 55 desde o começo da era christan.

O numero de homens e mulheres é quasi igual: em cada 40 nascimentos, 21 são varões, guardando a mesma proporção a mortalidade na infancia.

A quarta parte dos habitantes do globo vive em povoações.

Se sou um menino
gordo e corado
devo tudo ao
Biotônico
Fontoura



BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA

CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

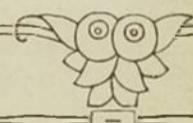
BIOTONICO injectavel

Injectar o conteudo de uma ampola diariamente em injeção intramuscular.

COM O USO DO BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desaparecimento completo das dôres de cabeça, insomnio, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados pela tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescenças de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotônico Fontoura
julgado pela probidade
científica do professor

DR. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

Biotônico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem asfigurado o seu uso quando ha accentuada demutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo

Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o
Biotônico Fontoura

e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotônico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

Biotônico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de Julho de 1921.

A. Bustregesilo

Professor cathedratico da clínica neurologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Palavras do eminent
scientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes meus e sempre que lhe acho indicação therapeutica o

Biotônico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C. ^{IA} - S. Paulo

A quarta parte dos que nascem morre antes dos sete annos; a metade, antes dos dezesete; de modo que a metade dos que passam dessa edade gosa de um privilegio recusado á outra metade. Em 10 mil pessoas, só uma chega aos cem annos. Em 100, só uma vive até os sessenta e seis; em 500, chega uma aos oitenta.

Cada anno morrem 33.333.333 pessoas; cada dia, 91.334; cada hora, 3.880; cada minuto, 63; cada segundo, uma. Essa perda é compensada pelos nascimentos, cujo numero sobrepuja em um vigesimo ao dos obitos.

O menor grau de vitalidade é de 1 por 100.

OS OVOS CONGELADOS

O sr. Martel, chefe do serviço da inspecção veterinaria de Paris e do Sena fez um interessante estudo sobre o estando que apresentam os picheis de ovos em barris, congelados, destinados á pastelaria e annexos. Em muitos delles reconheceram-se bolor, streptococcus, staphylococcus e colibacilos.

Os ovos congelados são importados da China e dos Estados Unidos para a Europa. Os ovos são reunidos, observados, quebrados, postos em picheis e congelados a 15° abaixo de zero. Em seguida, os picheis são collocados em camaras de espera, resfriadas a 6 ou 8 graus abaixo de zero e depois são transportados em navios frigoríficos.

Não devem ser sujeitos ao gelo antes da entrega ou muito tempo antes do consumo. Precauções sanitarias devem ser tomadas no correr da manipulação e do transporte. Em principio não devem ser utilizados senão nos mistérios em que um cosimento prolongado, a alta temperatura, tem o effeito de destruir os germens microbianos que os maculam.

EXPLICAÇÃO SCIENTIFICA DO "KNOCK OUT"

O encontro Carpentier-Dempsey poz em foco o box de maneira tal que já nos vamos familiarisando com mais um sem numero de expressões exóticas, como as do futebol, que hoje, irremissivelmente, infestam o falar commun. Assim, o "Knock out". Quem não sabe o que vem a ser? — Um golpe, em tres lances, no queixo de um mortal: golpe mestre, de prostrar inanimado o adversario...

Mas, porque razão esse effeito fulminante? Não era mais natural que esse calcanhar de Accilles de nova especie fosse, por exemplo, o nariz? E porque não as orelhas, já consagradas pelo nosso classico "pé d'ouvido"? O queixo é que parece a sede menos propicia a tamanho effeito.

Parece apenas. A verdade é que a sciencia explica o "knock out" com abundancia de razões. E' o que nos diz o dr. Stephen-Chauvet, especialista en neurologia tanto como em box:

A comprehensão do "knock out" por golpe sobre a extremidade do mento necessita a explicação de noções muito complexas, indispensaveis para salientar-lhe o determinismo.

Esse determinismo pode ser resumido e simplificado da maneira seguinte. Nisso que se chama ouvido interno se acham dois apparelhos distintos: um, o caracol, é destinado á audição; o outro, o labirinto, comprehendendo dois orgams: o vestibulo e os canaes semi-circulares. O vestibulo é affecto á percepção dos nossos movimentos de translação. Os canaes semi-circulares (em numero de tres para cada ouvido) são verdadeiros niveis de agua, orientados nos tres sentidos do espaço, que nos dão a orientação de nossa cabeça e do nosso corpo no espaço. Nelles se acha um liquido endolymphatico, cujos deslocamentos e variações de pressão impressionam as pontas dos nervos que se banham nesse liquido, ao nível das ampolas dos mesmos canaes. As extremidades nervosas do vestibulo e dos canaes semi-circulares, orgams do senso estatico ou do equilibrio, resahem no "nervo vestibular." Este ultimo tem os seus nucleos de origem na medula, na região do bulbo; nucleo de Deiters e nucleo de Bechteren. Ora esses ultimos centros recebem, além das fibras precedentemente citadas, fibras visuaes (vindas da retina pelo nervo optico) e fibras de "sensibilidade muscular" que informam esses centros sobre a situação e estado de todos os musculos e de todas as articulações.

Por outro lado, esses nucleos emittem:

1.º Fibras que rematam na zona rolandica do lado opposto (parte da superficie cerebral que dirige os movimentos voluntarios); 2.º fibras que vão aos musculos dos olhos; 3.º fibras que terminam nos cornos anteriores da medula (donde partem as fibras motoras de todos os musculos) 4.º fibras muito importantes que ligam esses nucleos a outros nucleos de nervos craneanos e em particular aos "nervos pneumogastricos que dirigem a innervação do coração." Emfim, outras fibras unem os nucleos de Deiters e Bechteren ao cerebelo que é o orgam que preside ao encadeamento dos movimentos voluntarios sucessivos e á justeza e á medida desses movimentos.

No estado normal, o equilibrio, isto é, a representação mental de nossa situação no espaço, é o resultado da concordancia de todas as percepções labyrinthicas, musculares e retinianas. De outro lado, é do conhecimento da relação entre os movimentos de rotação da cabeça e as

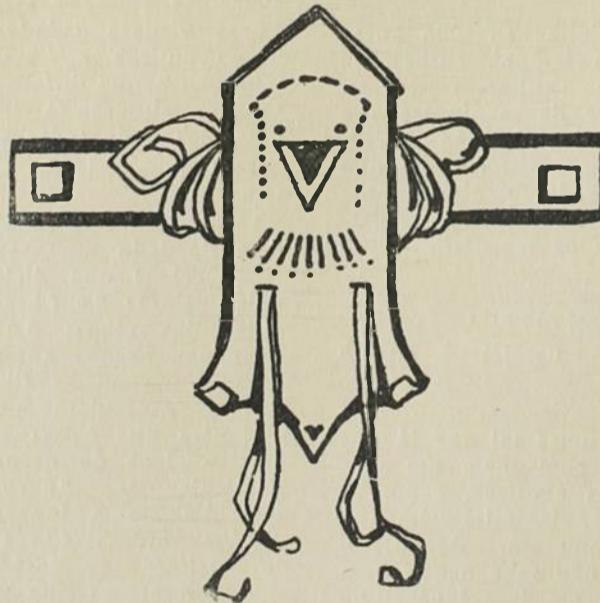
percepções das sensações musculares que vêm, em grande parte, segundo Ewald a segurança dos nossos movimentos e o nosso julgamento de sua boa adaptação aos fins visados.

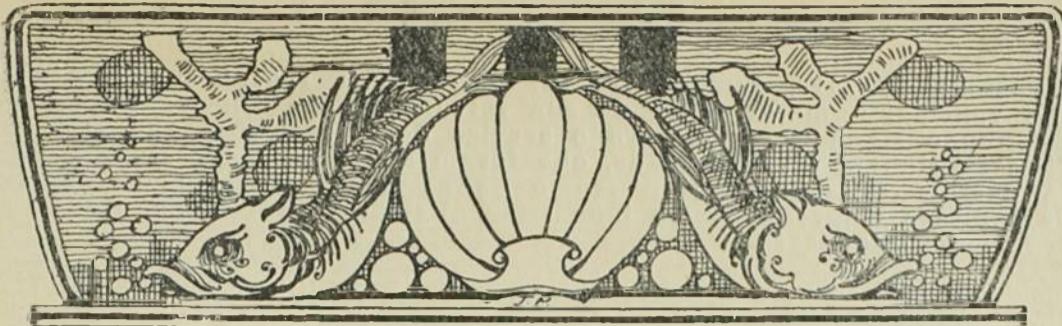
Mais um facto é preciso conhecer. O apparelho complexo do ouvido interno é contido num osso: o rochedo que sustenta a parte superior dos ramos montantes do maxilar inferior tão bem que todo choque violento dado na parte do mento abala directamente os dois rochedos e por consequencia, os dois apparelhos de equilibrio, direito e esquerdo. Pois todo abalo osseu acarreta uma brutal variação de pressão do liquido endolymphatico.

Se o choque dado na ponta do mento, é ao mesmo tempo um pouco lateral, resulta, nos canaes semi-circulares, um brusco aumento de pressão dum lado e uma diminuição do outro. Essa variação de pressão exerce por sua vez, uma exaltação de acção de um lado e meia diminuição do outro, sobre as terminações nervosas contidas nas ampolas dos canaes semi-circulares. Esses choques nervosos, de sentido inverso, são conduzidos aos

nucleos de Deiters e de Bechteren, e dahi alcançam e perturbam todos os centros relacionados com elles. Assim, em seguida a um choque violento na ponta do mento, os orgams de equilibrio são literalmente perturbados, os orgams de audição são egualmente desconcertados (dahi os sussurros, os ruidos "de sinos" que o traumatizado percebe); os olhos vêem "a mil luzes"; os musculos, não sendo mais dynamogenisados pelas zonas rolandicas e as cellulas dos coros anteriores da medula que os dirigem se tornam flacidos e sem forças, e em-fim o coração, não sendo mais estimulado (as ondas de abalo tendo passado dos nucleos labyrinthico-bulbares aos nucleos dos nervos cardiacos) pára momentaneamente.

A somma brutal de todos esses phenomenos constitue o "knock out". Concebe-se o effeito particularmente fulminante do — *um, dois, tres* sobre a ponta do mento que, por choque em um sentido, contra-choque e novo choque no sentido do primeiro abate e desconcerta as funcções do equilibrio e todas as outras funcções vitaes que lhe são associadas.





NOTAS DO EXTERIOR

O HOMEM MAIS RICO DA ALLEMANHA

Os jornaes socialistas da Allemanha reproduzem o artigo publicado pela revista "Dieweltukne", um perfeito estudo feito por Hanz Gons sobre o caracter, a carreira e o poder do grande industrial rhenano Hugo Stinnes, o homem mais rico da Allemanha.

O articulista utilizou-se de dados colhidos na Estatistica de Impostos, para dissertar sobre a fortuna de Stinnes, e faz considerações sobre a mentalidade do mesmo, cuja ambição actual é desempenhar um papel de relevo na politica do futuro. Hugo Stinnes, o mesmo que Thissen, reside em Monthouse, sobre o Ruhr. Sua fortuna em 1914 era calculada em 30 milhões de marcos, cerca de 21 mil contos em nossa moeda, naquellea época. E' hoje o dono de todas as emprezas de navegação fluvial e permite, além disso, que muito poucos industriaes entrem no contrôle das minas de carvão das provincias do Rheno, como ainda elle sozinho contrôla o ferro e o aço ali produzidos. Sua influencia nas grandes companhias de navegação é consideravel. Não ha muito tempo que adquiriu varias fabricas de papel e se fez dono de mais de 60 jornaes diarios que se publicam em diferentes Estados allemaes. O seu pagamento de imposto é relativo á sua fortuna, por elle se pôde calcular a prosperidade de seus capitaes.

Em 1904, pagou 198.000 marcos; em 1907 esta somma elevou-se a 900.000 marcos.

A fortuna de Stinnes em 1897 era avaliada em 9.000.000 de marcos; nesta época trabalhava associado a seu irmão Gustavo.

(Retaliando a maneira da evolução da fortuna de Hugo Stinnes, de 1914 para cá o articulista declara que não só se tornou o fornecedor mais importante de tudo que era material de ferro para o provimento bellico, e tambem de madeiras, como tambem auferiu ganhos fabulosos na Belgica.

O Rei dos Ricos allemaes, como muitos industriaes tinha convicção de que a Allemanha ganharia a guerra e a Belgica seria annexada ao imperio Allemão.

Certo desse resultado, Stinnes obteve o direito de prioridade para o resgate das usinas belgas de importancia, aquellas que, segundo suas previsões, deviam ser concedidas á industria allema. Este compromisso, era efectivo no caso da Belgica ser annexada. Dir-se-á que com esse compromisso, tendo de gerir varias industrias complexas, havia feito um mau negocio. O autor do artigo esclarece: "não se deu isso, pois ganhou rios de dinheiro, administrando as industrias belgas, que a guerra havia subtrahido a seus donos verdadeiros, durante 4 annos, fazendo-as progredir pelos methodos allemaes.

Embora fosse capaz de apostar sobre a victoria da Allemanha, Stinnes foi sempre de grande prudencia. Tanto quanto augmentava a sua fortuna, viu a necessidade de ser cauteloso, collocou grande parte de sua fortuna nos bancos hollandezes e converteu seus capitaes em negócios e industrias que tinham sua séde nos Paizes Baixos. Quando, em

novembro de 1918, Luddendorf foi obrigado a reconhecer a Alemanha vencida, a maior parte de sua fortuna estava em lugar seguro.

Segundo Hans Goms tal era o serviço de informações que Stinnes e Thyssen tinham em actividade, que foram as primeiras pessoas a saber da derrota alemã: tiveram tempo de se pôr a coberto do desastre. Os capitais empregados em industrias alemãs foram transferidos para negócios hollandeze.

ELEONORA DUSE E D'ANNUNZIO

Eleonora Duse, a celebre tragica italiana, arrastada por um amor infeliz, está vivendo hoje o capitulo mais doloroso da sua vida. Admirada em tempo, em ambos os hemisferios, acariciada pela fama e cortejada pelos triumphos, hoje nada mais é que uma pobre mulher de corpo alquebrado e espirito abatido. Sua grande fortuna, dissipou-se totalmente; um mundo de calamidades desabou sobre a eminent artista, abatendo-a e agrilhoando-a á dolorosa miseria actual.

O mais triste, para Eleonora Duse, em meio a sua desgraça actual, foi o ter que abandonar um dos seus mais acariciados sonhos: a criação de uma instituição para os artistas jovens, que os puzesse a salvo das difficuldades e humilhações que ella mesmo experimentou nos seus primeiros annos de luta.

A Italia considera Duse a maior artista do mundo, e a França a estima, senão superior, igual a Sarah Bernhardt. A genial artista francesa, já no occaso da vida, é uma mulher feliz; Eleonora Duse, muito mais moça ainda parece, no entanto, ter attrahido a si a fatalidade, após os seus maravilhosos triumphos.

E qual a causa dessa catastrophe moral da grande actriz italiana, de suas successivas desgraças, desse anniquilamento do espirito, desse doloroso fracasso da sua vida?

Muito dos que a conhecem e admiram, crêem que o segredo de assa tragedia nasceu de sua ligação intima com Gabriel D'Annunzio, o brilhante poeta decadente da época, orgulho da Italia, que nos ultimos tempos ameaçou a paz da Europa, desafiando com a ocupação de Fiume a sua propria patria.

Os que estão ao corrente das relações que uniram estes dois espiritos extraordinarios, sabem que, desde que Eleonora Duse entrou na intimidade do poeta, a artista foi perdendo a sua energia, a sua vitalidade e até a confiança no futuro. Foi qualquer coisa assim como se um vampiro mágico e invisível lhe fosse sugando a fé e energia.

Diz que o poeta ha exercido esta mesma influencia malefica sobre todas as mulheres que conheceu e que se associaram á sua vida, a excepção da escultural Ida Rubinstein, que passou pela alma do poeta sem soffrer o mais leve quebranto ou malefício.

Gabriel D'Annunzio encontrou Eleonora Duse, ha muitos annos, quando estava elle no apogeu da sua gloria litteraria e artistica. A Duse era então mulher de fascinadora belleza, que arrastava atraç de si uma tragica legião de admiradores e as imprecações de varios suicidas. Tinha a artista uma belleza melancolica, com alguma coisa de mysterio e majestosa fascinação.

E desde o primeiro instante, a Duse se sentiu attrahida pelo poeta: foi como o deslumbramento estonteante que se produz ante uma luz intensa.

D'Annunzio correspondeu a essa devocão escrevendo para a artista suas mais brilhantes e formosas obras. São inspirações de Eleonora, a "Cidade morta" e "A Gioconda", duas joias de refinada sensibilidade, jamais igualadas. Prestando carinhoso culto á extraordinaria belleza ras mãos de alabastro da artista, D'Annunzio dedicou "Gioconda" — "A' Eleonora Duse, a de mais lindas mãos". Na obra, a heroína entrega suas mãos, divinamente bellas, para que sejam torturadas até a mais horrivel deformidade, como um sacrificio ao seu amante.

Com este romance, aumentou a fama e o renome da artista, que por um tempo viveu fóra da realidade, pairando por sobre um estranho paraíso de sonhos e de gozos profundos.

De subito, porém, o poeta instilla uma terrível gota de veneno naquela doce intimidade apaixonada. Depois de "Gioconda" aparece "O Fogo", em que D'Annunzio faz uma revelação detalhada e minuciosa da vida anterior de Eleonora, relatada pela artista ao poeta, em momentos de affectuosa e intima confiança.

A Duse, que havia feito carreira, mediante seus proprios esforços, teve uma infancia dolorosa e os seus primeiros ensaios na arte os praticou em meio de uma vida miseravel e vagabunda. Durante esse tempo, soffreu as mais crueis torturas e degradações. E todas essas penurias, referidas ao poeta em horas de confidencia, elle as relator em "O Fogo", minuciosamente, sem esquecer mesmo o mais intimo detalhe. Para Eleonora, o choque foi tremendo! Seu coração, sentiu-o como que esfacelado, e seu juizo perigou por algum tempo. E desde então o seu espirito alquebrado, não mais se pôde erguer, substituindo, um amargo scepticismo, toda a sua antiga confiança no futuro.

D'Annunzio, no emtanto, parecia não haver percebido toda extensão da dolorosa tragedia que invadiria e anniquilára o coração de Eleonora. E, arrastado a outras emprezas e sondando outros corações, esqueceu o romance de paixão de sua juventude.

Pouco depois de seus amores com Eleonora Duse, o autor de "La Nave" tomou-se de violenta paixão pela bailarina russa Ida Rubinstein, creadora de varios papeis em trabalhos seus. Segundo se disse, então, o poeta quiz dominar a famosa dansarina por meio de tyrannias, caprichos e seus demais procedimentos vampirescos. Ida Rubinstein, porém, era demasiadamente forte para succumbir sob tais influencias, e não se deixou abater pelo amante.

Quando este queria impor sua vontade ou se manifestava oppressivo, a artista o abandonava. Ida Rubinstein, tem, ao contrario, dominio sobre o poeta.

Eleonora Duse no emtanto, deixou-se absorver e vive hoje na solidão e no esquecimento o ultimo capitulo de sua tragedia.

A personalidade interessante de D'Annunzio, com todos estes aspectos, não poderia, por certo, ser esquecida pelos psychologos. Um dos mais notaveis da época presente, o professor Charles Gray Shaw, que rege a cadeira de philosophia na Universidade de New York, vem de provar que não esquecera o poeta, a quem em extenso artigo analysou.

Diz Gray Shaw que depois de entregar o poeta o seu coração ás mulheres, com paixões de fogo, uma ultima paixão, — a paixão pela terra, — invade o occaso de sua vida. Assim como quiz Eleonora Duse, ama agora a Italia "irredenta"; e assim como Ida Rubstein bailou ante elle com os pés descalços, assim elle o sente agora Fiume ante o seu cerebro obsecado.

Analysa em seguida os traços phisionomicos do poeta. os seus sentimentos, as suas accções, para chegar á conclusão de que em D'Annunzio actual, não se operou senão uma troca substancial da sua personalidade. Houve apenas uma troca de objectivos: a sua corôa de louros preferiu a mascara contra os gazes asphyxiantes; cerrando seus ouvidos aos aplausos femininos, abriu-os ao ribombo entoncedor da artilharia. Não houve mais que uma paixão que se transformou.

Em seus actos de soldado e sua alma de artista e de estheta se sobrepõe ao impulso do coração. E aquelle que era decadente quando se tratava de ganhar o coração de Eleonora, é tambem um decadente quando ambiciona ganhar o amor da Italia.

Seus actos deixam de ser os de um estadista ou soldado para serem apenas gestos de um homem de theatro, que desenvolve as suas idéas em maior campo de accão.

O professor Gray Shaw adverte ainda que os actos de D'Annunzio devem ser considerados a todo o momento, como producto de um cerebro decadente. Seus discursos patrioticos em estylo sumptuoso, seu vôo sobre Vienna lançando pamphletos rhetoricos ao invez de bombas; seus gesto de desnudar o peito ante o general Pittaluga, é um dos actos typicos do poeta-soldado, de quem não ha uma só façanha que se não revista de particulares contornos de theatralidade.

Por tudo isso, conclue o psychologo americano, a relação que ha entre suas palavras e seus feitos, entre seus pensamentos e seus actos, só o futuro poderá definir.

VIVER

Fala-se muito nos meios scientificos e principalmente nos extra-scientificos do recente livro do dr. Sergio Voronoff, "Vivre". O autor, além de medico reputado é director de um laboratorio da Escola de Altos Estudos, na estação physiologica do Collegio de França.

O dr. Voronoff retomou o problema que Metchnikoff tentará resolver, o do prolongamento da vida humana. A concepção do celebre

sabio do Instituto Pasteur era muito engenhosa, mas sem duvida falsa, diz o sr. Georges Bohn. O regimen do leite coalhado, preconisado por elle para combater as fermentações prejudiciaes de nosso intestino, causa invocada de nossa velhice, não impediu este sabio de morrer aos 70 annos, a despeito da estricta observação deste regimen durante 18 annos; alguns pretendem mesmo que foi o regimen que matou Metchnikoff, criando o leite fermentado no organismo venenos que nelle agem como o alcool.

O dr. Voronoff espera ser mais feliz que o seu compatriota. Não praticou experiencias em animaes que lhe forneceram provas tangiveis?

"Em animaes senis, impotentes, de aspecto miseravel, de pernas tremulas, attingidos de incontinencia de urinas, portanto, de extrema fraqueza enxertamos, diz elle, a glandula intersticial tomadas a animaes novos. No fim de tres mezes, estes mesmos animaes manifestavam um vigor e uma energia vital sorprehendentes".

O capitulo primeiro do livro "Vivre", procura estabelecer os pontos seguintes: a longevidade dos seres vivos está em relação "inversa" com a perfeição do seu organismo; a longevidade dos mammiferos, "dos quaes o homem occupa o degrão superior" está na relação "directa" com a duração do crescimento necessário ao desenvolvimento completo do corpo; a duração normal da vida do homem, portanto, deveria ser de 120 a 140 annos. Entre os centenarios ha muitos individuos de vida tempestuosa que eram grandes bebedores ou abusavam do tabaco ou do café. O dr. Voronoff não nega, aliás, o effeito nocivo do alcool, do tabaco e do café. Mas está convencido que "a causa real da longevidade deve residir em alguma particularidade da constituição íntima de alguns de nossos orgãos". A longevidade é, aliás, muitas vezes hereditaria.

No capitulo segundo, o autor fala da especialização das cellulas entre os seres superiores e nos faz assistir a luta, da qual cada organismo é a séde, entre as cellulas não diferenciadas (cellulas conjuntivas e globulos brancos do sangue) e as cellulas especializadas. A morte resultaria do triumpho das primeiras. O estudo da velhice nos ensina, com effeito, que as cellulas conjuntivas invadem cada vez mais os tecidos de nossos orgãos. Ora, as secreções da glandula thyroide, augmentando a excitabilidade da cellula nervosa, moderam a actividade do tecido conjuntivo.

"A glandula thyroide não derrama em nosso sangue um elixir de juventude, mas combate o endurecimento da cellula robusta, primitiva, não especializada, e impede que ella occupe o logar daquellas que são educadas para uma função especial do nosso corpo, pois é certamente esse endurecimento que destróe a harmonia do organismo, perturba, enfraquece as suas funções, traz a velhice e apressa a morte".

O autor declara que "a causa inicial da velhice é assim elucidada".

Elle compara nosso corpo a uma "republica cellular" onde os "elementos nobres" são ameaçados pelos elementos mais primitivos. Mas certas glandulas, que derramam suas secreções no sangue (thyroide, etc.) querem a manutenção da harmonia que reina no nosso corpo.

Entre as glandulas de secreções internas, a glandula intersticial, que constitue uma parte da glandula reproductiva, é uma "fonte maravilhosa de energia".

A glandula intersticial distribue a energia, estimula "todos os membros desta immensa colmeia que é nosso corpo" e onde os 60 milhões de cellulas que o compõem trabalham sem treguas, cumprindo cada uma a sua função determinada.

O sr. Voronoff vê ahi uma "manifestação maravilhosa do plano da criação". Em um só orgão a natureza reuniu a fonte da vida do individuo e da especie.

"Os canaes seminaes elaboram os elementos da vida futura que, em um momento dado, deixam o nosso corpo para fecundar os ovulos, afim de dar nascimento ao ser novo e transmittir á raça a energia creadora detida no individuo. Durante o mesmo tempo, a glandula intersticial, desprovida de toda comunicação com estes canaes, segregá um liquido absorvido por nosso proprio sangue que leva a todos os nossos tecidos a energia vital necessaria ao proprio individuo".

A glandula intersticial estimula tanto a actividade cerebral quanto a energia muscular e o ardor amoroso. Ella derrama na torrente sanguínea "uma especie de fluido vital que levanta a energia de todas as cellulas e espalha no nosso organismo o sentimento do bem estar, da plenitude da vida". A época da sua maior actividade corresponde á maior expansão de todas as nossas faculdades.

Já Brown-Séquard tinha entrevisto a importancia da secreção interna do testiculo. Foi memorável a sessão da Academia de Medicina (1889) em que o celebre physiologista declarou, com accento de profunda convicção, que se tendo feito injectar c succo glandular do carneiro, obtido pela trituração dos orgãos sexuaes deste animal, recuperára nos 70 annos a força e a energia da mocidade, com manifestações que ha muito tempo lhe eram desconhecidas. O methodo não deu os resultados que se esperavam.

O dr. Voronoff prefere enxertar testiculos de animaes novos em animaes velhos: "deixar velhos orgãos como se deixam roupas usadas e substituir os por orgãos novos" que bello sonho! Este sabio relata no seu livro as experiências prosseguidas, com o auxilio de sua mulher, mme. Evelyn Voronoff, na estação physiologica do Collegio de França, de 1917 a 1919, e cujos resultados foram comunicados em 8 de outubro de 1919 ao Congresso francez de cirurgia, em Paris. Trata-se de enxertos testiculares praticados em carneiros e bodes. Os velhos animaes, depois da operação encontraram o ardor de moços.

O dr. Voronoff pensaria em praticar seu methodo no homem? Elle sente uma grave dificuldade. Para dar a força e a energia a animaes debeit, elle toma aos novos o que falta aos velhos, beneficiando estes ultimos á custa dos primeiros... E' de receiar que só os millionarios consigam aproveitar-se do novo methodo de rejuvenescimento.

O autor se propõe applicar as glandulas sexuaes dos homens sãos, mortos de accidentes. Para isto seria preciso antes de tudo reformar os costumes.

DOSTOIEWSKY E AS MULHERES

Ignorou-se até hoje — tanto tempo uma verdade a estabelecer-se com nitidez nas incessantes oscilações da vida humana — que o genial novellista russo, Dostoiewsky, tivesse sido um exaltado amoroso, envolvendo-se em constantes tempestades sentimentaes que, longe de lhe darem uma serena e doce felicidade, mais lhe intensificaram a dor e mais atormentadamente fizeram vibrar a sua estranha emotividade. Quem contemplar mesmo superficialmente uma photographia do grande escriptor que pertence á phalange luminosa dos Gogol, dos Turgueneff e dos Tolstoi, embora os seus processos artisticos sejam diferentes, receberá a impressão de que Dostoiewsky era um espirito concentrado, aggressivo, que as hostilidades do meio ambiente tornaram sombrio, queimando-lhe a fina e candida flér da affectividade. Isolado no seu recolhimento inviolável, timido, quasi grotesco pelo seu infortunio, pelo seu aspecto doentio e pelo seu desamparo, saberia suffocar no coração, á nascença, todas as commoções que a mulher lhe inspirasse e que o melindrariam no seu orgulho, se não fosse amado. O autor excelsa do "Crime e Castigo" e dos "Irmãos Karamazov" — o romance que o critico inglez George Moore considera o maior de todas as literaturas e que é, com efeito, uma obra poderosa e altamente dramatica, embora seja falha de equilibrio — julgava-se a si proprio um ser imperfeito que de modo algum attrairia, pelos encantos physicos, pela belleza varonil, as sympathias ardentes, as admiracões devotadas do gentil mundo feminino. Todos os personagens das suas novellas — os das "Noites brancas", os dos "Humildes", os dos "Humilhados e offendidos", os do "Jogador" — só se fazem amar, a maior parte das vezes, pela piedade: e neste amor, tão puro e nobre, existe mais mysticismo do que fogo sensual, voluptuosidade, animalidade grosseira. Ora, estes typos absolutamente humanos são um reflexo da psychologia do romancista, que era um nervoso, um epileptico, e que se comprazia em pintar, nas suas paginas admiraveis, todos os enfermos, todos os que padeciam, todas as victimas que iam pela existencia fóra aos solavancos, preferindo aos idyllos lyricos os dramas da criminalidade e do remorso. No "Jornal dum escriptor", que é mais uma autobiographia do que outra coisa, Dostoiewsky revelou-nos curiosos aspectos da sua nevrose psychica. Na juventude, atravessou uma crise angustiosa cortada de frequentes allucinações que o desvairavam. A epilepsia extenuava-o, enfraquecia-o, deixando-o numra inconsciencia momentanea. E foi, de certo a sua misera e a sua inferioridade physiologica que em plena mocidade, lhe transmittiram uma tristeza que nunca se lhe dissipou no espirito; que influiram beneficamente na florescencia do seu genio; que o inclinaram para os fracos, para os perseguidos, para os abandonados que todos os pés calcavam, para os foragidos, para os desherdados que não possuam sêde de agua, para os que se afundavam nos profundos pantanos do vicio, do peccado e da perdição.

Como os outros idealistas que no seu tempo conspiravam contra a tyrannia, Dostoiewsky sonhou uma humanidade mais justa, em que a grandeza e o esplendor duns não tivessem de amassar-se na amargura de muitos — uma humanidade purificada e equitativa, nobilitando-se nas consciencias superiores pelo sentimento da solidariedade. A cruzada social a que sinceramente se entregou conduziu-o ao carcere e depois aos tribunaes, sendo condenado á morte por attentar contra a segurança do Estado. A comutação da sua pena pela de trabalhos forçados chegou no instante fundamental tragicó em que Dostoiewsky, já com os olhos vendados, e mãos amarradas atraç das costas, se encontrava deante do pelotão de cossacos que havia de fuzilal-o. Nunca elle esqueceu este momento terrível. Restavam-lhe apenas tres minutos para viver. Relembrou tudo o que fôra, procedeu a um minucioso exame dos seus actos, consagrou alguns segundos á recordação suave da familia — e esperou stoicamente pelo silencio da noite eterna. De repente, ouviu uma voz de commando: as espingardas abaixaram-se; um cavalleiro approximava-se a galope desapoderado, acenando com um lenço branco. Era o perdão! Dostoiewsky viveria — mas na Siberia, arrastando uma grilheta, em companhia de forçados que eram assassinos, ladrões, violadores de sepulturas, revolucionarios. Respirou livremente, com o peito desopprimido: — e, assim que lhe tiraram a venda, o condenado, ao mirar o céu com olhar turvo de lagrimas de reconhecimento, surpreendeu uma belleza nova na claridade virginal que illuminava a terra!

* * *

Quando no cerraceiro do seu destino resplandeceu uma clareira de luz, Dostoiewsky foi liberto dos ferros e das gargalheiras que o escravisavam e teve de servir no exercito como simples soldado — elle, que havia sido official. Em Semipalatinsk, à sua saida do presidio, conheceu elle a creatura predestinada que havia de ser a terna, a absorvente paixão de toda a sua vida...

Este episodio romantico foi recentemente revelado, com muitos outros congeneres, pela filha do romancista insigne, Liuboff Feodorovna Dostoiewskaya, a quem os bolchevistas privaram de todas as propriedades e que, para ganhar o pão honesto, iniciou a sua actividade nas letras, com raro exito. Dostoiewskaya publicou, em alemão, o livro sobre seu illustre pae, dando-nos nelle elementos excepcionalmente valiosos para o estudo e para a reconstituição completa da figura singular que tanto dignificou o seu paiz, nos claros dominios da arte e da mentalidade. Resuscitou para o culto das admirações um Dostoiewsky desconhecido, em que nada de convencional, de artificioso, de literario. Este homem representativo apparece, no piedoso trabalho da herdeira do seu nome e do seu sangue, como naturalmente foi: — mescla de bem e de mal, de virtudes e de defeitos, de verdades e de contradições, com as suas inferioridades, os seus elevados dons moraes, as suas excentricidades. O volume de Liuboff Dostoiewskaya não surgiu, por emquanto, nas livrarias italianas, inglezas, francesas, hspanolas; mas as revistas germanicas reproduzem alguns dos seus trechos mais caracteristicos, o que permite falar delle com desenvolvimento e conviver, por momentos, com a imagem dolorosa do novelista que foi o creador duma religião nova: — a religião do soffrimento.

Para a filha de Dostoiewsky, o primeiro amor de seu pae longe de ser a ventura havia de ser um desastre. A mulher que o reduziu a um adorador e um escravo da sua formosura e da sua suprema graça, chamava-se Maria Dimitrievna Issayev e era esposa dum capitão do regimento em que Dostoiewsky sentou praça — official de intellectuallade rudimentar, corrupto, debochado, jogador, bebado e tuberculoso. O escriptor viu-a e desde logo ficou preso da sua seduccion, do seu capricho, da sua encantadora feminilidade que lhe fazia visionar os paraizos dum enlevo de nuvens. Com tudo, Liuboff Dostoiewskaya não fala com bondade desta creatura. Pelo contrario, nas suas palavras nota-se uma acrimonia, uma crueza, uma especie de ciume que nos ferem. Para a sua julgadora, Maria Dimitrievna era frivola, banal, pouco affectiva, e nunca amou o romancista glorioso, que por ella se sacrificou até á renuncia de si mesmo. Appareceu a Dostoiewsky na hora desoladora em que deante delle se abriram para a liberdade as portas da prisão, numa aridez de sensibilidade de quem nada esperasse do mundo. Devotou-se-lhe, offereceu-lhe tudo quanto em si havia de ingenuo, de intacto, de innocent: idealisou-a, coroou-a de estrellas, transformou-a na visitaçao sideral de que derivava a sua fé transfi-

guradora: — e, quando ella, um dia, teve de afastar-se, com o marido, para outra guarnição militar, Dostoiewsky passou por todas as torturas do inferno, chorando-a com prantos que crestavam, escrevendo-lhe intermináveis cartas, para apaziguar o tumulto e a violencia da sua desgraçada alma.

Por fim, o esposo de Maria Dimitrievna morreu e o romancista apresentou-se a offertar a sua mão á viuva, indo para ella como quem fosse para a santa da sua crença. O casamento celebrou-se, mas Dostoiewsky não foi feliz. Maria Dimitrievna só cedeu ás supplicas do seu religioso devoto quando elle a ameaçou de que se suicidaria. Cedeu, movida pela compaixão e não pelo affecto: — mas não tardou a vingar-se deste desfalecimento, aceitando os galanteios dum amante que havia de repeli-l-a quando a enfermidade que a arrebatou empallideceu com bafo lethal a sua dominadora belleza. Desilludida e devorada pelo despeito, confessou a Dostoiewsky o seu crime, affirmando-lhe que nunca poderia ser fiel a um homem que durante quatro annos se mesclará nas masmorras siberianas, á escumalha da humanidade. Esta revelação parece exacta, e é certamente a ella que Dostoiewsky alludia quando, um anno volvido sobre a morte de Maria Dimitrievna, affirmava a um dos seus mais intimos amigos: — "Soffriamos ambos muito mas não nos deixavamos de querer. Quanto mais inditosos eramos, mais unidos estávamos!"

* * *

Estes amores morbidos e malfadados não foram os ultimos do escritor que o genio immortalizou. Morta uma flor na sua sentimentalidade logo outra desabrochava. Dostoiewsky, sempre á busca dum encanto que a existencia poucas vezes tem para os eleitos do talento, apaixonou-se, na sua viuvez, perdidamente, por Ava Kvalewsky, irmã da mathematica celebre, que o desdenhou com acerba ironia. Escorregado voltou-se, numa ancia, para Paulina N.***, filha de burguezes enriquecidos, que dispunha duma lucida intelligencia e frequentava a Universidade de São Petersburgo. Paulina, despida de preconceitos, nihilista, conspiradora, era uma sacerdotisa das uniões livres que os revolucionarios apostalisavam como se elles representassem o primeiro passo para a emancipação universal. Por essa época, Dostoiewsky, que os seus livros haviam popularizado, começava a ser um dos super-homens da mocidade academica da Russia. Paulina, conversando um dia com elle, abrasou-se numa chamma que devia ser bem transitoria. O novelista ligou-se com ella, decidindo ambos realizar uma viagem pela Europa. No dia marcado para a jornada dos namorados, Dostoiewsky foi retido em São Petersburgo por assumptos que tinha de resolver urgentemente, e Paulina seguiu só até Paris, onde teria de esperar-o. Ao fim de duas semanas dirigiu-lhe uma carta cruel, cortando todas as relações — porque um galanteador parisiense se interpoz entre os dois. Dostoiewsky, loucamente captivo, correu allucinadamente á capital francesa, para soffrer mais uma dura humilhação. Paulina repudiou-o com sarcasmo. Então, acabrunhado, enxoalhado, escarnecido, Dostoiewsky voltou a São Petersburgo, tentando esquecer a infiel, e não tardava a receber de Paulina uma outra epistola, que era um clamor de socorro. O fracez, ao cabo dum curto devaneio, despediu-se friamente: — e eis arrependida e pensando no suicidio. O victorioso romancista novamente entrou na formosa Lutecia, tendo com a sua leviana seductora uma scena ruidosa. Paulina afirmava que mataria o embusteiro que a atraíçora: Dostoiewsky, lacrimoso, sobre-saltado, procurava tranquillisal-a, estreitando-a meigamente nos braços. Reconciliados, visitaram a Allemanha e a Italia como casados em florida lua de mel. O consorcio dos dois, porém, não se effectuou, porque Paulina, sempre "volage", rompeu com Dostoiewsky antes da união nupcial.

Este golpe foi rude. O escritor, continuamente ludibriado por uma esperança que lhe mentia sem repouso, refugiou-se na sua arte, dedicando-lhe toda a emoção de que transbordava. Mas, mesmo nesta soliditude, a illusão, planta vivaz, nasceu e enflorou. Dostoiewsky, dois annos volvidos sobre o falecimento de sua primeira mulher e sobre a fuga de Paulina, encontrou afinal, o ser devotado e angelico que seria para elle a esposa das Escripturas — Anna Grigorievna Snitkin. Se ella o comprehendeu, só no affago do seu seio e da sua pureza o romancista conseguiu descansar a cabeça convulsionada pelas formidaveis batalhas do pensamento, adormecendo numa pacificação que

nunca se conturbou, sob a caricia dumas ineffaveis mãos brancas e brandas. Como Cosima Leitz para Wagner, Anna Grigorievna era para Dostoiewsky o anjo bom e tutelar, velando dedicadamente a realisao duma obra incomparavel. Foi ella, justamente, que o auxiliou, copiando a novella intitulada "O jogador", que não será talvez errado considerar como a historia violenta, original e romantisada da paixão de Dostoiewsky por Paulina N.*** e que é uma das mais bellas e profundas da litteratura russa, pela sua potencia dramatica, pela sua inspiração torrencial e pela sua realidade psychologica!...

E' este, em rapidos traços, o Dostoiewsky ignorado que sua filha acaba de mostrar á Europa, ao mundo civilisado, num livro que obteve um successo sem precedentes — o que demonstra que a admiracão pelo romancista russo se mantem sempre viva nos espiritos sensiveis.

"Correio do Povo".

JOÃO GRAVE

OS ESTADOS UNIDOS DA GRAN-BRETANHA

Os Dominios Ingleses começam a exercer decidida influencia sobre a politica da metropole.

Os grandes negocios acabam sempre por se associar. Essa transformação se opera agora no seio de uma das mais velhas e mais colossaes empresas da historia: o Imperio Britannico.

Ainda que a conferencia imperial prosiga a portas fechadas, com os debates do tratado de paz e como todas as negociações feitas depois que a diplomacia oficialmente deixou de ser secreta, não podemos duvidar do resultado essencial, ao qual chegarão as conferencias entre o governo de Londres e os representantes dos dominios ingleses. Canadá, Australia, Africa do Sul, Nova Zelandia obterão uma parcella de direccão na politica exterior da Gran-Bretanha. Os povos sujeitos se mudarão em associados. A Inglaterra succederão os Estados Unidos da Gran Bretanha.

Instruida pelas recordações da guerra da independencia americana, a nação ingleza aceita em silêncio a evolução que ella não pôde impedir. Seu profundo instinto politico a aconselha a renunciar ao absolutismo. Antes de correr o risco de uma separação, mais cedo ou mais tarde, ella se decide a fundar uma especie de Republica internacional, cujos destinos espera presidir.

Trata-se de hoje em diante do isolamento da Inglaterra, de seu privilégio secular. Depois do immenso fluxo da expansão britannica, que tinha quasi alcançado o mundo todo, eis o refluxo. As antigas colonias vêm por sua vez colonisar a metropole.

Sua collaboração modificará até a vida interior da grande ilha. Não é a sua influencia bemfazeja que os irlandeses devem a mensagem inesperada de Lloyd George? A viagem do general Smuts a Dublim não indica que o governo "imperial e real" admitte hoje a accão mediadora da Africa do Sul em um processo a respeito do qual os mais respeitosos conselhos de quem quer que fosse teriam sido considerados ainda honrem como um crime de lesa magestade britannica.

Por felicidade não é só á Irlanda que os dominios pôdem levar a paz, é ao universo. Ha hoje duas Inglaterras: a Inglaterra de Jorge V e do povo inglez, que se ufana da mais bella tradição liberal e a Inglaterra do primeiro ministro, que, para servir á chimera de alguns colonos e aos calculos de alguns negociantes da cidade agita o seu imperialismo do Occidente ao Oriente. Os financeiros que em começo de agosto de 1914, obtiveram um instante de Lloyd George, por uma manobra collectiva, que elle sustentasse no conselho o interesse do povo britannico em permanecer neutro para se aproveitar da guerra, encontram os hoje de novo a seu lado.

Esparsos pela superficie do globo, os Dominios não pôdem aspirar a mera hegemonia europeia. Não procurando reinar, não tentam dividir. Ao contrario, têm interesse como nós, na unidade da Europa. Para que se restabeleçam as permutas, é preciso que se desvaneça toda probabilidade de conflito entre as nações continentaes e que ás antigas luctas de raças se substitua, o mais cedo possível, o esforço commun pela repartição das matérias primas, pelo desenvolvimento dos transportes, pela organisação do credito.

Paz á Europa, acordo entre o velho mundo e o novo, tal é a obra nova que proclamam, ao entrar na politica internacional, os Estados Unidos.

Se a França não acolheu com entusiasmo as recentes manifestações dos homens de Estado de além-Mancha por uma aliança franco-britânica, é que ella discernia no projecto — digamol-o francamente — uma manobra contra a América.

Não ha, actualmente, mais que tres grandes potencias marítimas: a Inglaterra, o Japão, os Estados Unidos. Se a Inglaterra, aliada ao Japão vier a realisar, como procurou, o trust do petroleo e a garantir para si as magnificas bases navaes que possue a França, terá tornado inutil a frota americana, privando-a do campo de accão. Tendo dividido a Europa, separado a América da Europa e da Ásia, tornar-se-á ella senhora do Pacifico como do Atlântico.

Não acreditámos que devíamos servir a esse plano de conquista. Os dominios não fizeram outra coisa. Seus representantes não cessaram de afirmar sua solidariedade com a América e sabe-se que em caso de guerra entre os Estados Unidos e o Japão, não é do lado do Japão, seja elle aliado da Inglaterra, que se collocarão o Canadá e a Australia.

Assim desde que se fez ouvir a voz dos Dominios, assistimos a um reviramento completo da política britânica.

As hostilidades com a Irlanda cessam de repente; as manobras contra os Estados Unidos da América cedem lugar a expansões amigaveis; os kemalistas, estupefactos, não recebem a visita de um general inglez; Lloyd George se acalma a ponto que o julgam pesaroso.

Em grande parte, devem-se esses benefícios, aos Dominios. Parece que na vida internacional se realisa pouco a pouco uma evolução análoga àquella que ha cem annos se vem prosseguindo no interior dos Estados. A noção de soberania cede à noção de maioria. O tratado de paz reduziu a política exterior da França à comissão de reparações, onde a França não possue mais que uma voz contra quatro. Donda a necessidade de convencer os outros e a impossibilidade de ser forte sem ter razão.

Os dominios criam hoje para a Inglaterra uma obrigação analoga. Onde está o isolamento que punha Albion acima das leis internacionaes? E' preciso de hoje em diante que ella se explique diante dos seus associados.

A egualdade dos povos terá cessado de ser uma vã palavra? Ha muito tempo que a França annuncia uma éra em que, para os Estados como para os individuos, não haverá mais poder contra o direito.

Que os Dominios sejam bem vindos na Europa se contribuem para a realização dessa esperança.

HENRY DE JOUVENEL

(Do "Le Matin", julho de 1921).

AS VIAGENS NA SUISSA

Hoje é preciso ser rico — escrevem de Genebra — para fazer uma viagem de recreio na Suissa. As tarifas das estradas de ferro federaes augmentaram em proporções enormes. Não sómente se paga muito mais caro, mas ainda o numero dos trens diminuiu consideravelmente. A política burocratica, como na maior parte das administrações do Estado, é a do minimo esforço. Graças à guerra, de quatro trens supprimiram-se tres e os que ficaram eram, com poucas exceções, omnibus. Vinda a paz, restabeleceu-se o menos possível a antiga circulação e, como se haviam sobretaxado os bilhetes dos trens directos nos annos difficeis, afim de que os viajantes se contentassem com os omnibus, foi mantida a scbretaxa. Durante a guerra, igualmente, as assignaturas de circulação geral de quinze dias e de um mez e os bilhetes de ida e volta tinham sido suprimidas; e continuaram suspensos, o que é um accrescimo de despesa para o viajante. Resultado: as tarifas ordinarias para os viajantes triplicaram e quadruplicaram depois da guerra. E' uma pesada carga para o publico suíso que para elles olha duas vezes antes de se movimentar, mesmo para negocios. Feio é para o "touriste" — excepto o norte-americano que tem por si o cambio — que acaba por pagar preços exorbitantes.

Quereis um exemplo? Viajar de Genebra a Lucerna e voltar ao ponto de partida. Para um trajecto de duas vezes seis horas, pagareis, em trem directo, 71 francos em segunda classe, o que vale em moeda francesa 155 francos.

As estradas de ferro suíssas foram compradas segundo a formula: — "As estradas de ferro para o povo suíso!" O povo suíso percebe que essa formula se tornou praticamente: "As estradas de ferro para a burocracia suíssa!".

OS PRETOS DOS ESTADOS UNIDOS

A Africa, Republica Negra

Ainda ha pouco pesava sobre o Brasil, como uma ameaça ao seu futuro, a perspectiva da colonisação negra encaminhada dos Estados Unidos para o nosso territorio, com todo o lastro da sua questão social complicada com provaveis problemas internacionaes. Felizmente, ao passo que o Congresso Nacional deliberava sobre o caso, os proprios pretos norte-americanos tinham as suas vistas voltadas para outro rumo que não o do nosso paiz.

E' o que lemos na revista "The Worlds Work":

"E' preciso prestar grande attenção ao que se passa entre os negros da America do Norte e á campanha que emprehendem pela constituição de um vasto imperio negro.

Seu chefe é Marcus Garvey, de 30 annos apenas, espirito aberto, de uma grande cultura e de uma vasta capacidade de trabalho, que se devota, de coração, á sorte de sua raça, tão maltratada, aos seus olhos, nos Estados Unidos.

Originario da Jamaica, onde não se fez notar de maneira alguma, é hoje o presidente da Republica Provisoria Africana, presidente da Associação Universal dos Negros, presidente da "Black Star Line", director do "Negro World", o maior dos jornaes negros e é acclamado por milhões de seus irmãos de cõr como o Moysés negro.

A Associação dos Negros já conta 4.000.000 de membros e proclamou seus direitos "... declarando homens, mulheres e creanças negras eguaes em direito a todos os cidadãos de todos os paizes, e proclamando-os cidadãos livres da Africa, patria incontestada dos Negros".

"Nós pedimos a Africa para os Negros, como se deixa a Asia para os Asiaticos e a Europa a e America aos Brancos... e nós consideramos que a Africa deve reverter a nós sem discussão, como nossa terra natal.

"Pedimos que os nossos representantes estejam como os das outras nações em todos os grandes conselhos em que se discute o futuro dos povos.

"E consideramos a Liga das Nações nulla e sem valor enquanto não tiver admittido, antes de tudo, a egualdade da raça negra e da raça branca".

Um verdadeiro conselho de negros eminentes dirige os congressos em que se escolhem os meios de accão, que devem conduzir mais depressa a raça negra á realização do seu sonho. Gabriel Johnson e G. O. Marke são, com Marcus Garvey os chefes do movimento, cujas ordens são obedecidas ao pé da letra. Foram elles que tiveram a ideia de crear uma frota negra: 2.000.000 de accões, de 24 shillings cada uma, já foram subscriptas no mundo negro e a frota começa a ser creada.

E' fora de duvida que, quando for effectuada a união total entre os 400.000.000 de negros que povõam a terra, será necessario que as grandes potencias contem com essa força... Ponham-se em guarda, que, talvez, não esteja em tempo muito afastado".

RIFA DE MARIDOS... — MARIDOS DE ALUGUEL E A PRESTAÇÕES MENSAES...

A baroneza Cecilia de Korwin — filha do riquissimo negociante Otto Jung, de Chicago, e herdeira de trinta milhões da dollars — declarou á Corte Suprema do Illinois que seu marido, o barão de Korwin, ex-official austriaco e um irresistivel D. Juan lhe custára para cima de 600.000 dollars.

Monta, com effeito, a esta cifra — informa-nos E. Mondini, no "Domenica del Corriere" — a somma que a baroneza teve de dispender para afastar desse homem fatal, que é seu marido, umas vinte e tantas adoradoras e, mais precisamente, nove noivas, onze senhoras da sociedade e duas esposas morganaticas. Os seiscentos mil dollars representam, pois, um prego... de afeição! Não é, porém, a primeira vez que uma esposa americana exprime em dollars o custo do proprio marido.

Na chronica das excentricidades americanas encontram-se dados curiosos relativos ás fluctuações nos valores, ou nos preços, desse artigo.

Para a sra. Catherina Blake, por exemplo, a affeição do marido valia cinco milhões. Tal foi, com effeito, a somma que ella reclamou pelas vias legaes á sra. Catherina Duer Mackay, mulher de um magnata de Nova York, uma especie de "rei dos cabos telegraphicos".

Mrs. Blake, mulher de um cirurgião eminentes, chamára aos tribunaes mrs. Mackay, accusando a dita senhora de se ter, "por meio de actos maliciosos", de "coquetterie" e de seducção, apoderado da affeição do dr. Blake, induzindo-o a separar-se da sua esposa legitima, que ficára assim privada da affeição do marido, do seu apoio moral, da sua protecção, da sua companhia e do conforto de que gosava no lar conjugal. Não era tudo ainda, pois que, em consequencia dos actos illicitos de mrs. Mackay, a capacidade de ganho do dr. Blake havia diminuido em detrimento de mrs. Blake, a qual, por este motivo e, sobretudo, pela affeição roubada, exigia uma indemnização de cinco milhões.

Para outras damas americanas pelo contrario, o marido (preços de antes da guerra), valia muito menos; quasi uma miseria.

"Offereço-lhe o meu marido pelo preço de 1.000 dollars" — escrevia em janeiro de 1914, mrs. Agnes Bedell, de Boston, a miss Mary Chandier, de Quiney; e esta respondia pelo seguinte telegramma: "Preço excessivo; offereço metade". Mrs. Bedell achava mais logico e, sobretudo, mais honesto, pôr em venda o marido do que "pagar a falsas testemunhas para que fossem dizer mentiras perante o tribunal dos divorcios". Por outro lado, mrs. Bedell estava persuadida de que qualquer mulher poderia determinar com exactidão o valor, em moeda corrente, do respectivo consorte, baseando-se sobre o que elle ganhava e sobre os seus predicados pessoaes. Considerava os amores extra-conjugaes uma inutil deslealdade, pois que era tão facil, especialmente na America, chegar a um accordo amigavel entre mulher e marido...

Certas originaes esposas americanas chegaram ao extremo de fixar o preço de um marido como... dançarino de aluguer. Foi em março de 1914 que as suffragistas descobriram este novo modo de tirar partido dos maridos: "Estou com tanta vontade de dançar — disse, brincando, uma joven, durante um baile organizado pelas suffragistas — que pagaria a um homem que me convidasse a dar duas voltas de valsa".

A presidente da União das suffragistas, mrs. Gillette, ouviu esta phrase e replicou:

— "Tenho um optimo marido e estou disposta a alugar-lh'o para toda a noite, com a condição de me pagar á razão de vinte centesimos de dollar por valsa. Este preço é muito desproporcionado ao valor do meu marido. A receita irá a favor do cofre suffragista".

O pacto foi concluido, e o dr. Gillette, que é um conhecido cirurgião de Nova York, tomando o caso por brincadeira, prestou-se a este curioso negocio e dançou até quatro horas, ganhando mais de 6 dollars para a caixa do partido suffragista.

Mrs. Silian Russel, de Massachusetts, propoz-se, no mez de agosto do anno passado, a realizar a somma de cinco milhões de dollars, cedendo o marido; e não se tratava senão de um simples... sapateiro.

Essa boa mrs. Russel teve uma inspiração extraordinaria. Com o fim de obter os fundos necessarios para uma existencia abastada, não só para si como tambem para os seus sete filhos, lembrou-se de fazer uma loteria a beneficio das mulheres americanas, da qual o premio unico seria... seu marido.

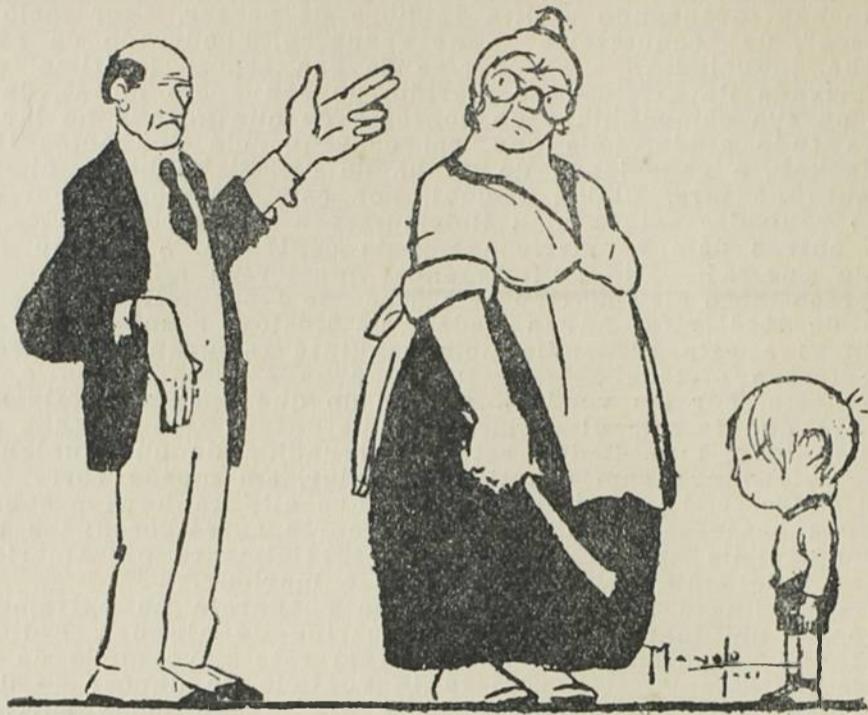
Está claro que um rapido divorcio o deveria pôr á completa disposição da que apanhasse essa sorte grande. Na circular, mrs. Russel descrevia o marido sob os mais attrahentes aspectos. Tinha 34 annos, mas não representava mais de 25. A sua estatura era de 1 metro e 75 centimetros de altura e o seu peso 85 kilos; tinha cabellos louros, olhos azues e muitos dotes moraes e intellectuaes. Era, além disto, um valente ahleta.

Sem descurar o seu proprio futuro e dos seus filhos, mrs. Russel desejava que seu marido vivesse convenientemente na roda social a que lhe parecia que tinha direito a pertencer. Russel era sapateiro e ganhava bem a sua vida, mas — segundo sua mulher — merecia melhor sorte.

Cada bilhete de loteria custava cinco dollars. Mrs. Russel calculava, portanto, obter com um milhão de bilhetes, a bonita somma de cinco milhões de dollars.

E. Mondini termina o seu artigo sem nos dizer quantos bilhetes dessa "rifa" originalissima conseguiu mrs. Russel collocar...

A PAZ DO LAR

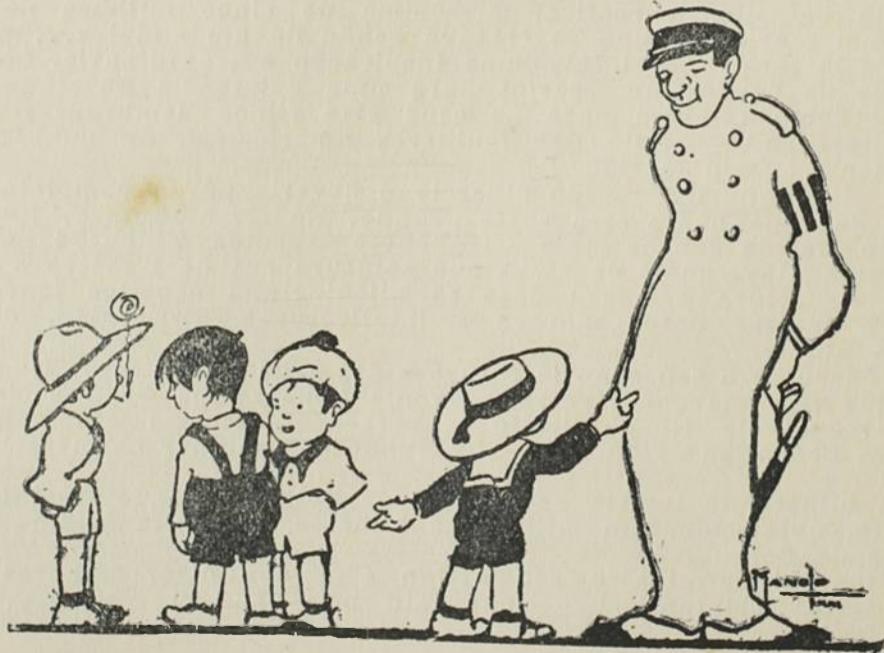


— Senhora, precisamos entrar num regimen de economias!

— Já estou tratando disso; tanto que já arranjei um pão para não gastar a vassoura.

(D. Quixote) MANOLO.

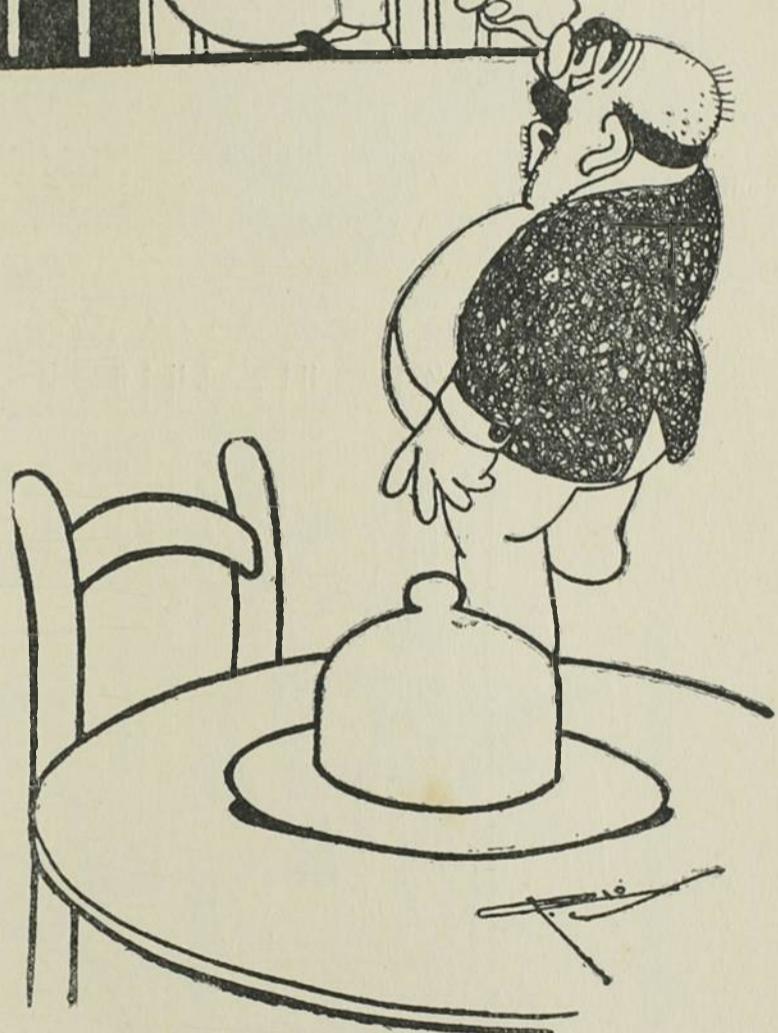
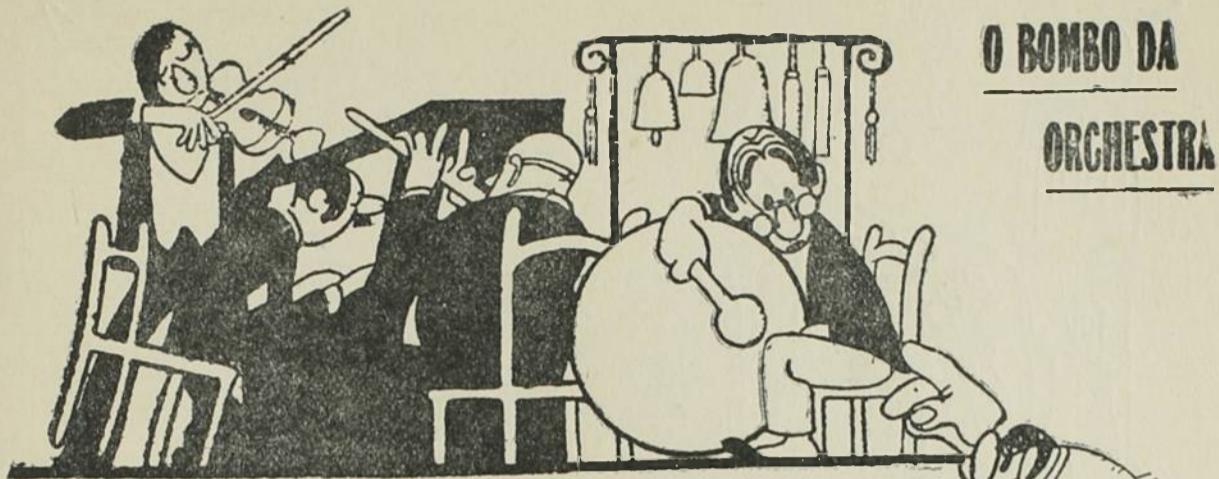
No Street F. B. Club



O guarda (reprehensivo) — Então como é isso? Vocês vão jogar football aqui na rua.

O captain — Vamo; quando houvé "off-side" o sinhô apita, ouviu?

(D. Quixote) MANOLO.



— Eu tenho observado que o senhor vive a fazer cêra.
Se isso continuar eu o ponho na rua.

(*D. Quixote*) J. CARLOS.

MELINDROSMO URBANO

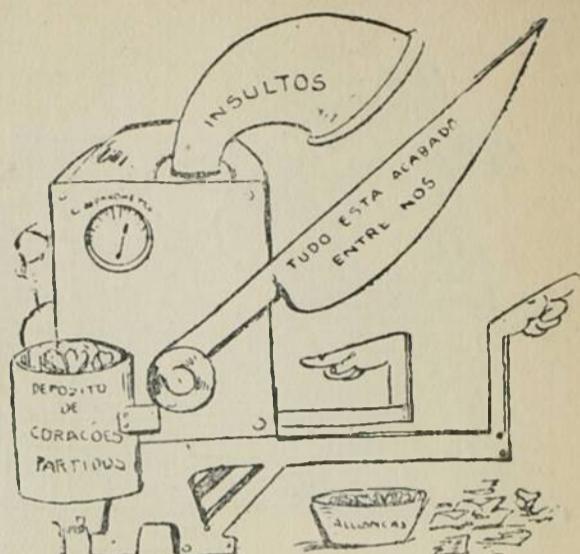


— Não tem medo de andar sosinha com esta creança?

— Não; ninguém mexe com ella...

(D. Quixote) MANOLO.

AS INVENÇÕES DO GASPAR



Machina de cortar relações.

(D. Quixote) YANTOCK.

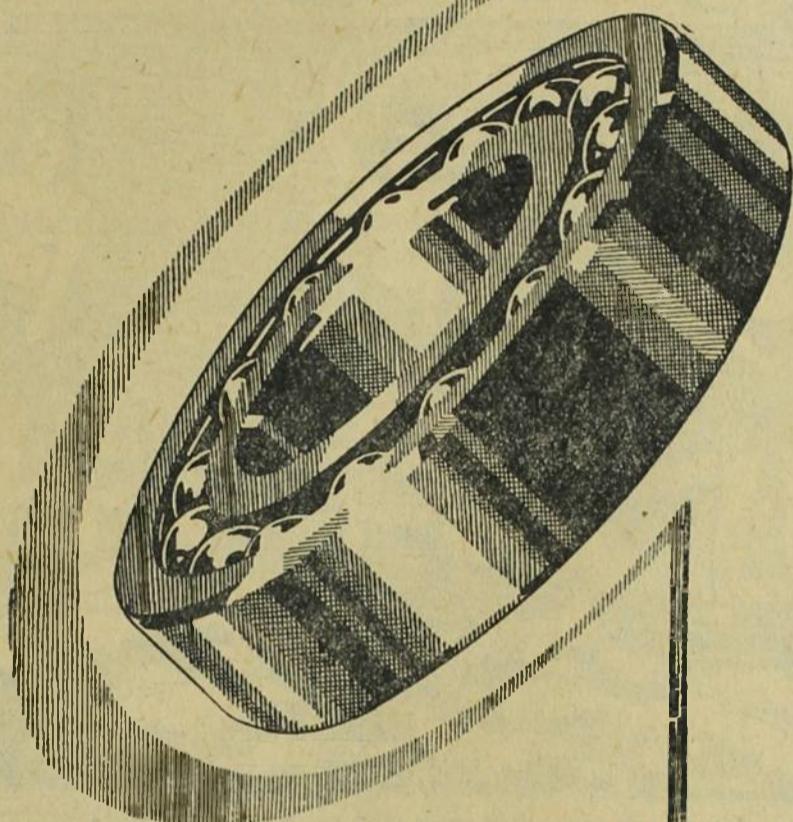
SOB A EMOÇÃO DA PATERNIDADE



— Oh! madame, diga depressa, eu sou pae ou sou mae?

(Vida Paulista) BELMONTE.

SKF



economia
perfeição
solidez

COMPANHIA SKF DO BRAZIL
141, QUITANDA
CAIXA 1452, RIO

57A, SÃO BENTO
CAIXA 1745, S. PAULO

PEÇA INFORMAÇÕES A SECÇÃO B



AO RESPEITAVEL PUBLICO E A' CLASSE MEDICA

Os fabricantes do "GUARANA' ESPUMANTE", cheios de justo orgulho, receberam, do Exmo. Sr. Dr. Prof. Ernesto Bertarelli, notavel hygienista e um dos maiores scientistas da Europa, o seguinte honrosissimo attestado, que tem a honra de publicar integralmente:

O "GUARANA' ESPUMANTE" é uma deliciosa bebeda sem alcool, sobretudo recommendavel para a conservação da saude, tanto pela excellencia do seu paladar como pelas propriedades therapeuticas de seus componentes, e absoluta pureza dos respectivos ingredientes.

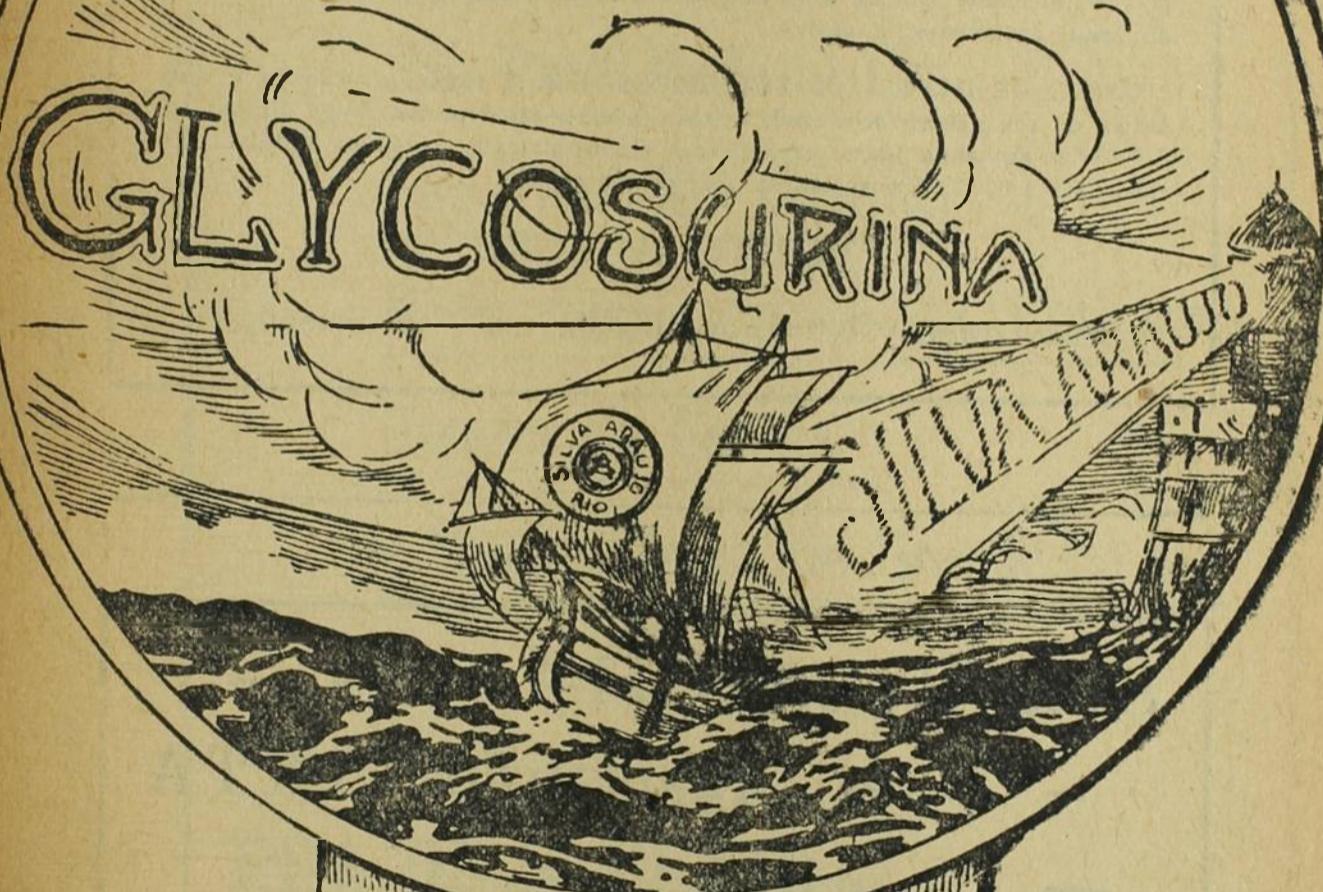
A ausencia absoluta de FORMIATOS de materias conservadoras e de substancias irritantes, bem como a ausencia completa de elementos nocivos ao consumo quotidiano do publico, torna o "GUARANA' ESPUMANTE" preferido ás bebedas que contêm aquellas substancias prejudiciaes".

S. Paulo, 1.^o de Outubro de 1921.

PROF. E. BERTARELLI.

DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularizar as funcções dos orgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcão digestiva pelo uso da



heroico medicamento composto de plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000

Séde: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissorias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Serie VICTORIA -- -- -- -- -- -- Organização MIXTA

3

sorteios realiza mensalmente,
pagando o prestamista UMA SO'
mensalidade de 10\$000, 5\$000 ou 2\$500

DOTES DE CASAMENTO E NASCIMENTO

Empreza Constructora

Séde: Porto Alegre

R. G. do Sul

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

Bondes de Santos.

e Viação Férrea Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo

Ultimas Edições da “Revista do Brasil”

Tradições e Reminiscencias Paulistanas, obra de notável valor, do grande pesquisador Affonso A. de Freitas, com interessantes gravuras.

Um bello volume, brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Contribuindo, por Martim Francisco

Em seguida ao RINDO, publicado em 1919, dá-nos o grande Andrada mais uma obra notabilissima onde estuda numerosos vultos da nossa historia.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Jardim das Confidencias, Ribeiro Couto

Um livro de versos verdadeiramente encantador, com uma nota pessoal toda nova, rica de sentimento e finuras emotivas.

Brochado 3\$500

O Professor Jeremias, Léo Vaz

Este livro vencedor entra agora na quarta edição e continua a ser vendido pelos preços antigos.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Vultos e Livros, Arthur Motta

Biographia, bibliographia e critica das mais eminentes figuras literarias do Brasil. Primeira serie de uma obra e incinco volumes, deveras notavel.

Encadernado 5\$000

A Lingua Nacional, João Ribeiro

Ultimo trabalho do grande philologo, recebido pela critica com o respeito que as obras sérias a todos impõem.

Brochado 4\$000
Encadernado 5\$000

Pedidos a Monteiro Lobato & Cia.

Aventuras maravilhosas de Sherlok Holmes,

Nik Carter e Pearl White no Brasil

Já foram publicados os seguintes numeros
deste sensacional romance de aventuras:

O DIAMANTE NEGRO

O QUILOMBO MYSTERIOSO

A VIBORA TURCA

O ESTRANGULADOR DE MOÇAS LOIRAS

O PIRATA CRESULESCO

Cada fasciculo ilustrado 500 réis

A' venda em todas as livrarias e na

REVISTA DO BRASIL, RUA BOA-VISTA, 52

— S. PAULO —

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

REVISTA DOS TRIBUNAIS

PUBLICAÇÃO OFICIAL DOS TRABALHOS
DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE S. PAULO,
DIRIGIDA PELOS ADVOGADOS

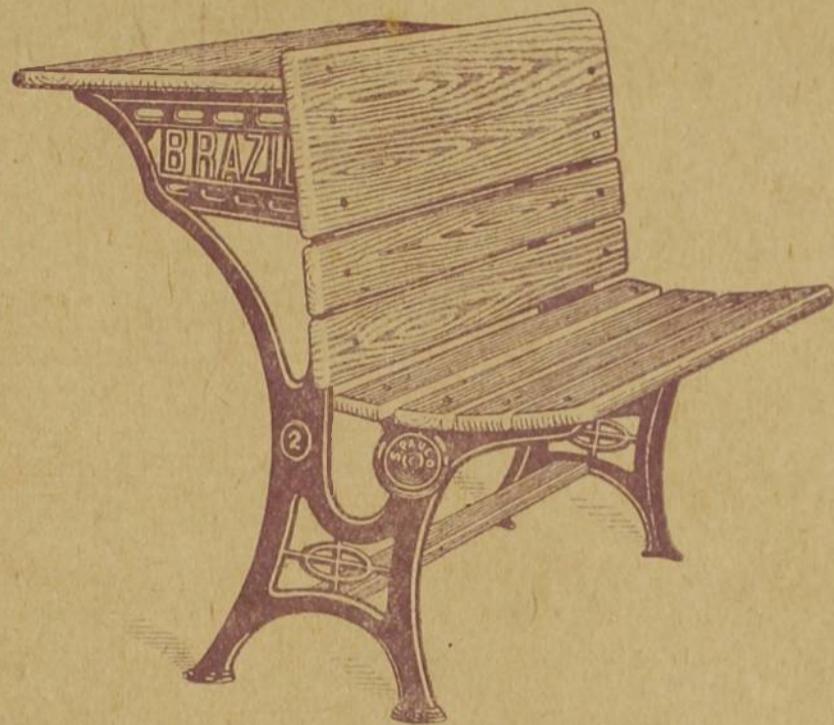
Plinio Barreto e Christovam Prates da Fonseca

10 annos de publicidade!

| | |
|-------------------------|---------|
| Anno | 40\$000 |
| Semestre | 20\$000 |
| Numero avulso | 3\$000 |

Redacção: RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO

MOVEIS ESCOLARES



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informaçôes minuciosas á

**FABRICA : DE MOVEIS ESCOLARES
“EDUARDO WALLER”**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis pa-
ra a laboura, segundo experien-
cias de ha mais de 50 annos no
Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e ac-
cessorios para a laboura.
Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para
conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galva-
nisado para encanamentos de agua,
etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO